



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

MICAELLE KIARA OLIVEIRA DE MELLO

**DA ORALIDADE PARA A ESCRITA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O
PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

MAMANGUAPE - PB

2019

MICAELLE KIARA OLIVEIRA DE MELLO

**DA ORALIDADE PARA A ESCRITA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O
PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campus IV, na linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade e práticas docentes, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roseane Batista Feitosa Nicolau.

MAMANGUAPE - PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M527o Mello, Micaelle Kiara Oliveira de.

Da oralidade para a escrita: um relato de experiência
com o processo de retextualização no ensino fundamental
/ Micaelle Kiara Oliveira de Mello. - João Pessoa,
2019.

130 f. : il.

Orientação: Roseane Batista Feitosa Nicolau Nicolau.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEE.

1. Letramento e Ensino da escrita. 2. Entrevista e
relato de experiência. 3. Memórias. 4. Retextualização.
I. Nicolau, Roseane Batista Feitosa Nicolau. II. Título.

UFPB/BC

MICAELLE KIARA OLIVEIRA DE MELLO

**DA ORALIDADE PARA A ESCRITA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O
PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campus IV, na linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade e práticas docentes, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roseane Batista Feitosa Nicolau.

DATA DE APROVAÇÃO: 21 de março de 2019

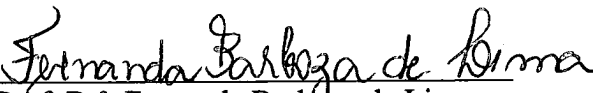
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Roseane Batista Feitosa Nicolau
(PROFLETRAS - Presidente)



Prof.^a Dr.^a Laurênia Souto Sales
(PROFLETRAS – Examinadora interna)



Prof. Dr.^a Fernanda Barboza de Lima
(DL – Examinadora externa)

Prof. Dr.^a Francisca Terezinha Oliveira Alves
(MPLE/UFPB - Suplente)

Dedico a meus pais, Josinaldo Rodrigues e Zitinha Barbosa; a minha irmã, Anyelle Kiara e a meu marido, Giuseppe Mello. A vocês, todo o meu amor e a minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me proporcionar mais esta vitória em minha vida profissional e acadêmica.

Aos meus pais, Josinaldo e Zitinha, por me acompanharem desde os primeiros passos, por terem me dado a oportunidade de crescer em um lar de muito amor e prezando, sempre, pela educação em respeito ao próximo.

À Anyelle Kiara, minha irmã, que me auxilia a ir em busca de mais conhecimento para responder aos seus questionamentos e por me passar a segurança necessária de que tudo sempre terminará bem.

Ao meu marido, Giuseppe Mello, que foi incansável na torcida por mim, por pegar na minha mão em todos os momentos que precisei, por ter lido diversas vezes o meu trabalho e por sempre me lembrar da importância que a educação tem no mundo. Em fim, por seus ombros suaves em todos os momentos.

À professora Roseane Nicolau, por ter sido minha orientadora em todas as acepções da palavra: o ensinamento, a experiência, a direção, o apoio, a amizade e a inspiração que nunca me faltaram.

Às professoras que participaram da banca examinadora e aos demais professores do programa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior, CAPES, pelo apoio financeiro recebido.

Aos meus amigos de trabalho, à direção escolar do Isaura Fernandes, aos entrevistados e, especialmente, aos meus queridos alunos que participaram ativamente do projeto.

Por fim, a todos os autores que citei, direta ou indiretamente e que contribuíram para as reflexões presentes neste trabalho.

Muito obrigada a todos vocês!

“Abrir a boca para falar é se expor, inevitavelmente, aos julgamentos sociais, positivos e negativos, que configuram a nossa cultura. Falar é comunicar, sim, mas não transmitir uma mensagem como ingenuamente se pensa: é comunicar quem somos, de onde viemos, a que comunidade pertencemos, o quanto estamos (ou não) inseridos nos modos de ver, pensar e agir do nosso interlocutor. Por conseguinte, não basta ter o que dizer. É preciso saber dizer o que se tem a dizer: saber usar os múltiplos recursos que a língua oferece para a interação social. E isso é função imprescindível da escola: ensinar a dizer.” (BAGNO, 2012, p. 76)

RESUMO

O ensino de Língua Portuguesa tem como função social possibilitar a compreensão e o domínio dos usos da linguagem nas variadas situações sociais e nos diferentes propósitos comunicativos. Um dos caminhos para se alcançar esses propósitos pode ser através do desenvolvimento de um trabalho com a retextualização de textos orais e escritos, gerando compreensão sócio-pragmática destes gêneros a partir dos diferentes contextos nos quais eles estão inseridos. Nossa proposta consiste em uma pesquisa a partir de um gênero oral formal - pois os da vida privada cotidiana nós já dominamos - mostrando para os alunos a relação entre a oralidade e a escrita como um contínuo no qual as mudanças da modalidade oral para a escrita ou da escrita para a oral envolvem operações que merecem ser estudadas. Diante disso, o objetivo geral é expor um relato de experiência com alunos do 7º ano a partir de um estudo do contínuo oralidade-escrituralidade, resgatando histórias ligadas a cidade de Itapororoca - PB. Este trabalho fundamenta-se nos pressupostos teóricos de Tinoco (2008), Rojo (2009) e Kleiman (2007) em relação ao letramento; Bakhtin (2010), Cavalcanti (2013) e Schneuwly e Dolz (2004) sobre os gêneros discursivos; Hoffnagel (2010) e Reyzábal (1999) no que diz respeito ao gênero entrevista e Koch (2007), Matêncio (2001) e Marcuschi (2008/2010) em relação à fala e à escrita e aos processos de retextualização. A partir da pesquisa-ação intervencionista, de natureza qualitativa, a metodologia se deu, primeiramente, por meio de uma sondagem sobre o processo de retextualização do oral para o escrito com exercícios. Em seguida, propomos uma atividade de entrevista com a finalidade de dar início ao trabalho de retextualização do oral para o escrito. Esta entrevista foi transcrita pelos alunos e serviu como texto-base para a retextualização no gênero relato, considerando a adequação da situação de produção que foi um fotolivro, no qual reuniu histórias relacionadas à cidade de Itapororoca. Os dados gerados nesta pesquisa atestaram que os alunos do 7º ano compreendem bem o funcionamento e os usos da língua nas duas modalidades, promovendo as modificações necessárias no processo de retextualização para o texto tornar-se adequado ao novo meio de publicação bem como respeitando as características do gênero.

Palavras-chave: Letramento e Ensino da escrita. Entrevista e relato de experiência. Memórias. Retextualização.

ABSTRACT

The education of the Portuguese Language as social function allows the easy comprehension and mastery of the uses of language in the many social situations and different communicative purposes. One of the paths to reach these purposes can be through the development of a study with the retextualization of oral and writing texts, which results in a socio-pragmatic comprehension of these genders once they will be inserted in different contexts. Our proposal consists in a study from an formal oral gender – once those from the daily private life we already dominate -, and we show to the students the relation between orality and writing as a continuous stream where the changes in the oral modality to the writing or from the writing to the oral concerns procedures that deserve to be studied. Faced with this challenge, the general focus of this study is to accomplish a task with the activity of retextualization from the oral to the writing with students of the 7th grade. They have been assisted to understand the relation of the continuity between the orality and the writing and, consequently, rescuing histories connected to the town of Itapororoca. This study is based in the theoretical assumptions of Tinoco (2008), Rojo (2009) and Kleiman (2007) with regard to the literacy; Bakhtin (2010), Cavalcanti (2013) and Schneuwly and Dolz (2004) about the discursive genders; Hoffnagel (2010) and Reyzábal (1999) with regard to the gender interview and Koch (2007), Matêncio (2001) and Marcuschi (2008/2010) with regards to the speech and to the writing and to the procedures of retextualization. From the interventionist research-action, of qualitative nature, the methodology used was, primarily, by a survey about the procedure of retextualization from the oral to the writing through exercises. Thereafter, we proposed an interviewing activity with the purpose of beginning the study of retextualization from the oral to the writing. This interview was transcribed by the students and it suited as the base text to the retextualization of the gender report, considering the adequacy of the production situation which was a photobook with historical facts related to the town of Itapororoca. The data generated from this research attest that the 7th grade students comprehend well the operation and the uses of language in both modalities, promoting the necessary needs in the procedure of retextualization for the text to become proper to the new way of publication as well as to respect the characteristics of the gender.

Keywords: Literacy and writing education. Interview and experience report. Memories. Retextualization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição dos textos de uso falados e escritos no contínuo genérico	23
Figura 2 – Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais	40
Figura 3 – Contínuo entre a oralidade e a escrituralidade	46
Figura 4 – Aspectos envolvidos nos processos de retextualização	49
Figura 5 – Modelo das operações textual-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças entre a língua oral e a escrita	24
Quadro 2 – Perguntas elaboradas pelos alunos	68
Quadro 3 – Siglas da transcrição	70
Quadro 4 – Didatização das operações textual-discursivas do oral para o escrito baseada em Marcuschi (2010)	75
Quadro 5 – Textos do aluno A.A.S.	78
Quadro 6 – Textos do aluno E.V.O.P.	80
Quadro 7 – Textos do aluno E.M.B.	82
Quadro 8 – Textos do aluno G.B.D.D.	84
Quadro 9 – Textos do aluno M.E.S.S.	86
Quadro 10 – Textos do aluno M.G.P.S.	88
Quadro 11 – Textos do aluno M.M.S.	90
Quadro 12 – Textos do aluno O.S.S.	92

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS: INSTRUMENTOS DE INTERAÇÃO NA ORALIDADE E NA ESCRITURALIDADE	18
2.1 Oralidade e escrita: relação de continuidade	21
2.2 Os gêneros orais como objetos de ensino	25
2.3 O ensino dos gêneros orais formais	27
3 ORALIDADE E LETRAMENTO: OS SABERES PROPORCIONADOS PELO LETRAMENTO	30
3.1 O conceito de letramento	31
3.2 Oralidade e letramento: uma prática social na escola	33
3.3 Letramento social e o resgate da memória das histórias	36
4 RETEXTUALIZAÇÃO E CONTÍNUO DO ORAL PARA O ESCRITO	39
4.1 As diferenças entre transcrição e retextualização	43
4.2 A entrevista e o relato: ferramentas para a retextualização	44
4.3 Aspectos envolvidos no processo de retextualização	49
4.4 As operações na retextualização	50
4.5 Os turnos da retextualização: operações especiais	52
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS E DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES	54
5.1 Caracterização da pesquisa	54
5.2 Contexto da pesquisa	58
5.3 Compreendendo a proposta: primeiras ideias	59
5.4 Mergulhando no universo da transcrição	62
5.5 Identificando os elementos do universo da transcrição	65
5.6 Um, dois, três... Gravando: a produção das entrevistas	66
5.7 Escrevendo o roteiro: a transcrição das entrevistas orais	68
5.8 Melhorando o rascunho do roteiro: estudo do contínuo oralidade-escrituralidade e elementos do processo de retextualização	73
5.9 Mudando a natureza do roteiro: retextualização das entrevistas orais em relatos de experiência escritos	75
6 ANÁLISE DOS DADOS	78
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	101
APÊNDICES	118

1. INTRODUÇÃO

A todo instante vivenciamos diferentes situações comunicativas a partir dos mais variados contextos nos quais estamos inseridos. Para que a comunicação se realize, fazemos uso da língua através de vários enunciados, sejam eles orais ou escritos, e é através da interação verbal que usamos a língua, ou melhor, sem o uso da língua que fazemos diante das diversas situações comunicativas, a língua simplesmente não existiria.

De acordo com os estudos de Bakhtin (2010), a língua interage com a sociedade, por isso é um fenômeno concreto, vivo e dinâmico que se dá mediante os processos de interação nos quais somos inseridos diariamente, seja no ambiente familiar, no ambiente escolar, na igreja, entre outros. Essas situações comunicativas só se estabelecem entre locutor e locutário a partir dos usos dos gêneros discursivos, que são formas de enunciados orais e escritos dentro de um contexto social que, por sua vez, podem ser formais ou informais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL,1998), pautados na teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin (2010), encaram a língua como um processo interativo e dialógico. Contudo, apesar da orientação para que os professores de língua realizem um trabalho com os gêneros do discurso no ambiente da sala de aula de língua portuguesa, os gêneros orais ainda são pouco trabalhados.

A oralidade conforme é postulada por Marcuschi (2010) e Reyzábal (1999) é pouco trabalhada, pois se tem a ideia de que o aluno já sabe dominá-la e, portanto, as aulas são voltadas apenas aos gêneros discursivos de natureza escrita. Além disso, os alunos alimentam a ideia de que a oralidade e a escrita são processos opostos e que o texto escrito (considerado como língua correta, padrão) se sobrepõe ao texto oral, visto como coloquial, informal, sem ordem.

Levando em consideração os aspectos mencionados, algumas reflexões devem ser levadas em consideração em relação ao trabalho com os gêneros discursivos, como por exemplo: Como trabalhar os gêneros orais em sala de aula? Como levar o aluno a adquirir a consciência de que a relação entre a oralidade e a escrita deve ser vista como um contínuo e que a escrita não é uma modalidade superior à fala? Qual seria o caminho mais eficaz para o aluno compreender as características do texto oral e do texto escrito, sabendo aplicá-las em diferentes contextos? Como por meio de uma proposta de letramento, podemos levar os alunos a saberem retextualizar textos orais para textos escritos?

Partindo dessas questões e conhecendo a realidade dos alunos inseridos nessa pesquisa, fomos motivados a levá-los à produção de textos da oralidade para a escrita através

do processo de retextualização, de acordo com os pressupostos teóricos de Marcuschi (2010), para, dessa forma, instrumentalizar os alunos a entenderem a oralidade e a escrita dentro de um contínuo como assim nos mostra as pesquisas de Bortoni-Ricardo (2004) e Marcuschi (2010), bem como nos orienta a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 63) ao considerar o contínuo entre o oral e o escrito, levando-os a adquirir uma consciência linguística quanto ao uso das características de cada modalidade da língua de acordo com diferentes contextos.

A retextualização do oral para o escrito é um tema que já foi trabalhado por diversos autores, como Travaglia (1993), Matêncio (2001), Dell’Isola (2007) e Marcuschi (2010). Também encontramos diversas teses de doutorado na área de Letras e Linguística sobre essa temática, ao exemplo do trabalho de Carvalho (2014), que trabalhou com o processo de retextualização de diversos gêneros, como editorial, artigo de opinião, carta argumentativa, charge, reportagem, história em quadrinhos e da tese de Cavalcanti (2016), no qual trabalhou-se com a retextualização da exposição oral de ponto de vista para o artigo de opinião escrito.

Outros trabalhos acadêmicos já contemplaram essa temática, ao exemplo da dissertação de Mello (2015), na qual analisou-se a influência da oralidade no texto escrito, e a de Silva (2016), que trabalhou a construção do texto oral para o texto escrito a partir da aplicação de atividades de retextualização.

Nesse sentido, partimos dos usos da oralidade e da escrita na retextualização, para que os alunos transcrevessem um determinado gênero oral trabalhado em sala de aula e, em seguida, registrassem os dados coletados em um gênero escrito a fim de instrumentalizá-los a empreenderem práticas sociais a partir da realização da pesquisa.

Nesse ínterim, de acordo com a proposta solicitada, os alunos foram levados a refletir sobre a língua oral e a língua escrita, adequando-as dentro de um contexto mais oral ou menos oral, mais formal ou menos formal, para que os educandos tivessem consciência de quando esse texto oral pode manter as suas características ao ser escrito ou não.

Portanto, esse projeto trouxe como proposta de trabalho a retextualização da oralidade para a escrita com atividades de produção textual a partir dos estudos de Hoffnagel (2010) e Reyzábal (1999) através de entrevistas com moradores da cidade de Itapororoca –PB, nas quais foram transformadas em relatos pelos alunos e publicadas em um fotolivro que encontra-se disponível na escola na qual se realizou a pesquisa e na biblioteca municipal. A motivação para a realização das entrevistas foi o de coletar histórias da comunidade e, assim, fazer um resgate das memórias do povo.

Em seguida, os alunos realizaram a transcrição do texto oral (coletado através de gravações) para o texto escrito e, posteriormente, a retextualização das entrevistas para o

gênero relato na modalidade escrita da língua. A partir desse material e nesse momento, desenvolvemos aulas voltadas à oralidade e a escrita dentro de um contínuo.

Diante das considerações feitas anteriormente, de modo geral, o nosso objetivo foi

- expor um relato de experiência com alunos do 7º ano a partir de um estudo do contínuo oralidade-escrituralidade, resgatando histórias ligadas a cidade de Itapororoca - PB

Além disso, a partir da realização desse trabalho, também objetivamos:

- levar os alunos à reflexão sobre o uso da língua e de sua dinâmica social, por meio do contínuo do oral para o escrito;

- possibilitar a ampliação do domínio dos usos da linguagem oral e escrita por meio de exercícios de retextualização para que os alunos possam usá-la de forma eficiente e competente;

- promover a retextualização da entrevista para o relato por meio do contínuo oralidade-escrituralidade de histórias ligadas à memória da cidade de Itapororoca – PB, instrumentalizando os alunos a empreenderem práticas sociais a partir da realização da pesquisa e

- analisar, no texto final produzido pelos alunos, como se deu o processo de retextualização do oral para o escrito a partir do modelo sugerido por Marcuschi (2010).

Os objetivos pontuados acima surgiram a partir de algumas inquietações durante as aulas ministradas no ensino fundamental bem como durante as reflexões a partir da leitura de documentos norteadores para o ensino de língua portuguesa ao exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000) e se consolidaram com a procura da teoria de alguns pesquisadores como Ferreira (2009), Marcuschi (2010) e Pinto (2010).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000), em relação ao ensino de Língua Portuguesa, os professores devem preparar os estudantes para reconhecer e utilizar os diversos gêneros de textos – orais e escritos – e sugerem formas diversas de se trabalhar a produção textual a partir de uma visão sociointeracionista da língua.

Porém, como aponta Ferreira (2009), essa não é uma tarefa fácil de ser realizada em sala de aula, pois, em alguns casos, ela ainda é desconhecida pelos professores de língua. Além disso, há um abismo entre a formação oferecida aos professores nas instituições de ensino superior e o que apontam os documentos oficiais. E, nesse meio, notamos que mesmo com o avanço nos estudos teóricos da linguística, na sala de aula, encontramos professores com dificuldade em trabalhar a oralidade com os alunos.

Levados pelo desafio de encontrar um modo de trabalhar com texto em sala de aula – oral e escrito – de forma produtiva e motivadora, bem como instigados pela ideia de

desenvolver atividades dentro de contextos reais de interação para que, dessa forma, possamos, como professores de Língua Portuguesa, proporcionar ao aluno experiências significativas com as linguagens, propusemos um trabalho com atividades de retextualização como forma de auxiliar o aluno a entender a relação de continuidade entre a oralidade e a escrita.

Além disso, o aluno também foi levado a saber utilizar de forma adequada as variações da língua de acordo com o contexto de produção do texto, já que diariamente, como bem enfatiza Marcuschi (2010, p.10), “há a necessidade de usarmos a língua em condições e contextos variados e, a partir do momento que estamos devidamente letrados para fazer esse uso, passamos do oral para o escrito com naturalidade”.

Pinto (2010), em seu trabalho sobre Gêneros discursivos, afirma que a fala bem como a escrita são formas de manifestação da linguagem e que estas manifestações só se desenvolvem a partir do momento que elas são usadas de forma contínua em contextos significativos de interação.

Logo, percebemos a importância da realização de atividades em sala de aula de Língua Portuguesa nas quais os alunos “possam expressar suas ideias, suas dúvidas, seus problemas, questionamentos, sentimentos e inquietudes” (PINTO, 2010, p. 51) em contextos reais de interação para que, dessa forma, possam ampliar o domínio da linguagem nas modalidades oral e escrita.

Dessa forma, é de suma importância combater a ideia de que existe uma relação de poder entre a oralidade e a escrita, na qual a escrita sempre é superior. Para isso, é necessário o trabalho com textos orais e escritos para que o aluno compreenda essa relação como um contínuo e não como sobreposição do texto escrito sobre o texto oral.

Realizando trabalhos como esse, também implantaremos/estimularemos o trabalho com a oralidade em sala de aula, atividade tão importante, mas que é deixada de lado na maioria das salas de aula de língua portuguesa. Consequentemente, encontramos alunos que não participam das aulas por terem sofrido algum tipo de preconceito em relação a sua oralidade e, dessa forma, a escola – principal instituição de letramento – acaba desconsiderando a bagagem que o discente traz consigo no que se refere à língua, pois o papel da escola não é apenas alfabetizar, já que o aluno se mantém no ambiente escolar mesmo após ter sido alfabetizado.

A nossa pesquisa está organizada em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo, referente à Introdução, evidenciamos a contextualização do objeto de estudo, a

problematização de investigação, ou seja, nossa questão de pesquisa, a justificativa, os objetivos, a metodologia e o seu plano organizacional.

No segundo capítulo, apresentamos os gêneros discursivos à luz de Bakhtin (2010), que os concebe como tipos de enunciados criados dentro de diversos campos da atividade e que são heterogêneos e infinitos e à luz de Marcuschi (2008), que ressalta a importância dos gêneros discursivos para estebelecermos a comunicação em situações diversas nas quais estamos inseridos. Também destacamos a importância de se trabalhar os gêneros orais e escritos como forma de promover a conscientização dos usos da língua em ambas as modalidades, dentro de um contínuo a partir das orientações da BNCC (2017) e dos PCN (1998).

No terceiro capítulo, apresentamos o conceito de letramento e a sua relação com a oralidade. É nessa perspectiva que a retextualização do oral para o escrito terá sentido, compreendendo o letramento como um processo sócio-histórico que está relacionado às práticas sociais, culturais e comunicativas.

No quarto capítulo, abordamos a retextualização e o contínuo do oral para o escrito, conforme modelo sugerido por Marcuschi (2010), dentro de uma perspectiva sociointeracionista - na qual a língua é vista como um fenômeno dinâmico e interativo, a relação entre oralidade e letramento é vista como prática social e o dinamismo existente na relação entre fala e escrita é visto como um contínuo que se reflete entre essas duas modalidades da língua - mostramos que a retextualização é um processo comum no cotidiano das pessoas. Ainda nesse capítulo, evidenciamos as diferenças entre transcrição e retextualização, bem como a entrevista e o relato como ferramentas para atividades de retextualização dentro das propostas do PCN (1998) e dos pressupostos teóricos de Koch (2001), Hoffnagel (2010), Schneuwly e Dolz (2001) e Matêncio (2001).

No quinto capítulo, visando alcançar os objetivos apresentados neste trabalho, seguimos um percurso metodológico, apresentando a natureza do nosso trabalho, o conceito da pesquisa qualitativa, a delimitação do *corpus*, o contexto no qual a pesquisa foi realizada e o perfil dos alunos, além da descrição de todas as atividades desenvolvidas.

No sexto capítulo, fizemos a exposição da análise dos dados obtidos a partir das ações planejadas e executadas ao longo das aulas.

Para concluir nossa organização estrutural, encerramos com as considerações finais, retomando e comentando, brevemente, nosso aparato teórico-metodológico e os resultados obtidos.

A seguir, apresentam-se as implicações desse trabalho, objetivando aplicar conhecimentos relacionados às relações entre oralidade e escrita a partir do estudo sobre os gêneros discursivos, os saberes proporcionados pelo letramento e as atividades de retextualização.

2. OS GÊNEROS DISCURSIVOS: INSTRUMENTOS DE INTERAÇÃO NA ORALIDADE E NA ESCRITURALIDADE

Neste capítulo, apresentamos os gêneros discursivos à luz de Bakhtin (2010), que os concebe como tipos de enunciados criados dentro de diversos campos da atividade e que são heterogêneos e infinitos e à luz de Marcuschi (2008) e destacamos a importância de se trabalhar os gêneros orais e escritos como forma de promover a conscientização dos usos da língua em ambas as modalidades, dentro de um contínuo a partir das orientações da BNCC (2017) e dos PCN (1998).

Para definir gênero discursivo, é necessário recorrermos à primeira definição do termo apresentada por Bakhtin (2010), em sua obra *Estética da Criação Verbal*. No capítulo intitulado *Os gêneros do discurso*, o autor explana sobre a forma como nos comunicamos e ressalta as características que fazem de um enunciado um gênero do discurso. Dessa forma, segundo o autor:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (...) Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2010, p. 261-262).

A partir de uma perspectiva sócio-histórica e dialógica, os gêneros discursivos seriam a manifestação de padrões sociocomunicativos que possuem necessidades enunciativas específicas. Isso nos levaria a pensar o conceito de gênero como interação a partir de um padrão textual e discursivo socialmente reconhecido. Além disso, permite-se perceber que, ao focalizar o ensino/aprendizagem nos gêneros discursivos, estamos lidando com a língua em uso, já que a forma como nos comunicamos se dá por meio dos enunciados.

Marcuschi¹ (2008, p. 212), ao dizer que, quando alguém tem de agir discursivamente, “deve instrumentalizar-se com um conjunto de utensílios, por exemplo, usando o garfo para comer, o machado para cortar uma árvore ou então um gênero como instrumento para agir discursivamente”, ressalta a importância dos gêneros discursivos para estabelecer a comunicação em situações diversas nas quais estamos inseridos, corroborando com as ideias de Schneuwly e Dolz (1996), os quais seguem a posição bakhtiniana de que “para possibilitar

¹ Bakhtin (2010) usa a terminologia “gêneros discursivos”, enquanto Marcuschi (2008) usa a terminologia “gênero textual”. Neste trabalho, optamos por utilizar “gêneros discursivos”, mas salientamos que ambas as nomenclaturas são indissociáveis, já que se trata de um mesmo objeto.

a comunicação, toda sociedade elabora formas relativamente estáveis de textos que funcionam como intermediários entre o enunciador e o destinatário, a saber, gêneros” (p. 64).

Bakhtin (2010) concebe os gêneros discursivos como tipos de enunciados criados dentro de diversos campos da atividade humana, afirmando que os gêneros discursivos são heterogêneos e infinitos e que nós falamos a partir deles sem ao menos suspeitar da sua existência, pois “Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas.” (2010, p. 282). Ainda mais, podemos afirmar que é através dos gêneros discursivos que organizamos nosso discurso.

A interação é muito importante para entendermos os gêneros discursivos porque a todo instante nós somos surpreendidos por diversos motivos que nos levam a interagir com as pessoas em situações diferentes, com objetivos diferentes e para atingir esses variados objetivos nós utilizamos “múltiplas possibilidades de interação linguística, em formas específicas e mais ou menos estruturadas, as quais são convencionadas sócio-historicamente” (CAVALCANTE, 2013, p. 44) para que, assim, a comunicação possa ser realizada.

Dessa forma, se cada indivíduo utilizasse textos – orais ou escritos – de forma inédita, seria praticamente impossível sermos compreendidos e, dessa forma, a comunicação não se realizaria, como nos esclarece Bakhtin (2010, p. 283) ao dizer que se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, “se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.”

Sobre a intenção comunicativa, Bakhtin (2010. p. 281) afirma que

Em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou de literatura – abrangemos, interpretamos, sentimos a intenção discursiva do discurso ou a vontade discursiva do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras. Imaginamos o que o falante quer dizer, e com essa ideia verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado.

O propósito comunicativo, ou seja, o objetivo da comunicação é muito importante para a escolha do gênero que será utilizado em certo momento. Pensemos, por exemplo, em um aluno do 6º ano da segunda fase do ensino fundamental. Durante as aulas, nós utilizamos alguns gêneros que são necessários para o desenvolvimento e prática da escrita, como a fábula e o conto, ao mesmo tempo em que utilizamos a aula expositiva para ensinar Língua Portuguesa. À medida que esse aluno vai crescendo e avançando as séries, outros gêneros vão

aparecendo, como o artigo de opinião e a entrevista para desenvolver, entre outros fatores, a criticidade do discente.

Quando esse mesmo aluno chegar à universidade, terá a necessidade de trabalhar com gêneros cuja estrutura e propósito serão exclusivos da academia, como artigos científicos e comunicações em eventos. Dessa forma, para cada situação de interação, produziremos textos pertencentes a determinados gêneros do discurso que surgem para atender a uma determinada função e nós precisamos conhecê-los e saber utilizá-los de acordo com cada contexto no qual estivermos inseridos.

Em relação à riqueza e à diversidade dos gêneros do discurso, Bakhtin (2010, p. 262) afirma que essas são infinitas, pois

são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Ou seja, fazemos uso dos gêneros discursivos para elaborarmos enunciados carregados de sentido, os quais conseguem refletir a vida social e as mudanças que vivenciamos, por isso a existência de uma diversidade e heterogeneidade dos gêneros discursivos, pois estamos a todo instante vivenciando momentos diversos de comunicação.

Por isso ressaltamos mais uma vez a importância de produzirmos textos adequados a cada situação de comunicação nas quais nos inserimos diariamente, como bem nos lembra Marcuschi ao afirmar que “Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina” (MARCUSCHI, 2010, p. 9).

Sobre a alternância dos sujeitos do discurso, Bakhtin afirma que essa alternância “cria limites precisos do enunciado nos diversos campos de atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas várias.” (2010, p. 275). Por outro lado, os gêneros também são instáveis porque podem sofrer modificações na sua estrutura, no conteúdo, no suporte, no estilo etc. para alcançar o objetivo de cada contexto de produção.

De acordo com Cavalcante (2013), “Cada vez que interagimos por meio de gêneros socialmente convencionados, recorremos a um padrão ao qual devemos adequar nossa mensagem, ainda que não se trate de mera reprodução” (2013, p. 46). É o que acontece, por exemplo, com o gênero propaganda, que frequentemente rompe com modelos cristalizados, mas sem deixar de ser reconhecido pelo interlocutor como uma propaganda.

Outro exemplo é o *e-mail*, que tem sua estrutura fixada pelo gênero no meio digital, mas que, dependendo do grau de familiaridade entre os interlocutores, o destinatário, o propósito comunicativo, o conteúdo do *e-mail* pode se dar de diferentes formas, mas sem deixar de ser um e-mail. Além disso, também temos gêneros discursivos que só têm validade se forem produzidos por pessoas que têm autoridade para tal, como acontece na esfera jurídica, a exemplo de um acórdão jurídico.

Segundo Bakhtin (2010, p. 304), “Sem levar em conta a relação do falante com o outro e seus enunciados (presentes e antecipáveis), é impossível compreender o gênero ou estilo do discurso”, pois o contexto - seja ele cultural, histórico e social - que envolve o gênero discursivo do ponto de vista estilístico e composicional e as singularidades de seus objetivos interfere na natureza do gênero a ser produzido. Além disso, o autor nos esclarece que qualquer enunciado é pleno de tonalidades dialógicas e se não os levarmos em conta seria praticamente “impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros.” (BAKHTIN, 2010, p. 298).

Dolz e Schneuwly² (1996) concebem os gêneros discursivos como ferramentas para serem usadas em situações de linguagem. Partindo desse pressuposto podemos afirmar que os gêneros discursivos são instrumentos que utilizamos no dia a dia para interagirmos com as pessoas de maneira compreensível. Tais gêneros discursivos, sejam orais ou escritos, são determinados pela situação comunicativa específica de uma esfera da atividade humana e integram a vida de todas as pessoas de acordo com as práticas sociais nas quais participamos. Portanto, compreendemos que os gêneros discursivos orais e escritos são de suma importância para conseguirmos estabelecer a comunicação e, como veremos a seguir, são duas modalidades de uso da linguagem que mantêm uma relação de continuidade entre si.

2.1. Oralidade e escrita: relação de continuidade

Há uma real necessidade de trabalhar os gêneros orais e escritos em sala de aula como forma de promover a conscientização dos usos da língua em ambas as modalidades, dentro de

² Segundo os autores, o gênero é “um instrumento semiótico constituído de signos organizados de maneira regular; este instrumento é complexo e compreende níveis diferentes; e por isso o chamamos por vezes de ‘mega-instrumento’, para dizer que se trata de um conjunto articulado de instrumentos à moda de uma usina; mas fundamentalmente, trata-se de um instrumento que permite realizar uma ação numa situação particular. E aprender a falar é apropriar-se de instrumentos para falar em situações discursivas diversas, isto é, apropriar-se de gêneros” (SCHNEUWLY E DOLZ, 1996, p. 65)

um contínuo entre a oralidade e a escrituralidade, pois, como já salientamos anteriormente, existem empréstimos permanentes do oral no texto escrito e vice-versa, com alguns gêneros apresentando mais e outros menos características da oralidade, ou seja, textos mais ou menos monitorados.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular,

No eixo Oralidade, no Ensino Fundamental – Anos Finais, desenvolve-se maior criticidade em situações comunicativas orais, informais e formais, habilidades de interação com um número maior de interlocutores no espaço escolar, em que se amplia o número de professores, agora distribuídos pelos componentes curriculares. (...) Também no eixo Escrita, em paralelo com o avanço em estratégias de leitura, as estratégias de produção textual vão se tornando, progressivamente, mais numerosas e complexas. (BRASIL, 2017. p. 115)

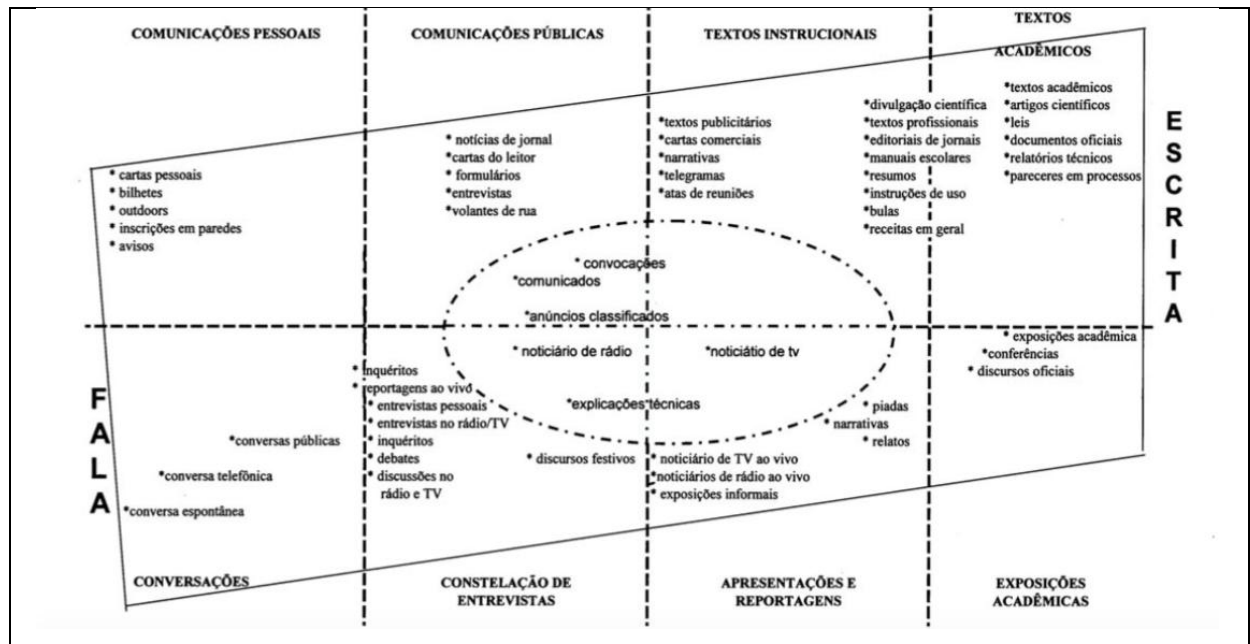
Na verdade, essa sobreposição provém do mito instaurado acerca da associação da língua falada à língua popular e da língua escrita como sinônimo de língua correta, formal, é o

preconceito de que existe uma única forma ‘certa’ de falar, o de que a fala ‘certa’ é a de uma determinada região (a carioca, por exemplo), o de que a fala ‘certa’ se aproxima do padrão da escrita, o de que o brasileiro fala mal, o de que é preciso ‘consertar’ a fala do aluno para evitar que ele escreva errado” (BRASIL, 1998, p. 15).

Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais chamam a atenção para a confusa ideia de oposição como se a fala fosse “vernacular”, espontânea e coloquial e a escrita fosse a “norma culta”, a língua padrão prestigiada.

No quadro a seguir, Marcuschi (2008) distribui os textos de uso falados e escritos no contínuo, agrupando-os e indicando-os ao longo do contínuo fala-escrita.

FIGURA 1
DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS DE USO FALADOS E ESCRITOS NO
CONTÍNUO GENÉRICO



Fonte: MARCUSCHI (2008, p. 197)

A partir desse quadro, notamos que a oralidade e a escrita não fazem parte de dois sistemas linguísticos diferentes, os diversos gêneros discursivos fazem parte de um contínuo, uns mais próximos da modalidade falada da língua, outros mais próximos da modalidade escrita. A ideia dicotômica entre fala-escrita não pode ser mais sustentada, principalmente na instituição escolar, pois a oralidade e a escrita devem ser vistas como dois modos de funcionamento da língua.

Em suma, os gêneros orais são tão importantes quanto os gêneros escritos para a interação social, pois de acordo com a finalidade da ação discursiva, do contexto que o falante encontra-se inserido no momento da interação, ele poderá escolher a forma oral ou escrita dos gêneros ou se o texto oral ou o texto escrito que ele escolher para interagir socialmente será mais ou menos formal.

Em vez de tratarmos a relação entre o oral e o escrito como modalidades opostas, seria muito mais adequado vermos essas duas modalidades como formas de usar a linguagem, como descreve o quadro a seguir.

QUADRO 1

DIFERENÇAS ENTRE A LÍNGUA ORAL E A ESCRITA

Oral	Escrita
Está constituída pelos sons (nível fonético)	Está constituída por grafias (nível grafêmico)
Realiza-se na presença dos interlocutores (salvo no caso da utilização de tecnologias especiais: telefones, rádio, gravações magnetofônicas ou de vídeo, etc.), o que implica imediatismo.	Não é realizada na presença do leitor e, portanto, não existe o estímulo-resposta imediato nem a readaptação espontânea.
As coisas ocorrem supostamente graças à situação. Elementos dêiticos, como aqui, agora, isto...	Deve incluir o contexto da situação
Utiliza elementos verbais (supra-segmentais) próprios (pausas, entonações, ritmo, intensidade, duração...) e gestuais, corporais, etc.	Utiliza elementos verbais, iconográficos e gráficos: pontuação, margens, sublinhados, ilustrações, tipos de letras...
Costumam ocorrer múltiplas repetições, interjeições, exclamações, onomatopeias.	Costumam evitar-se repetições e o uso abusivo de interjeições, exclamações ou onomatopeias.
Às vezes, rompe-se a sintaxe (analocutos, desvios, omissões...) e usam-se, com certa liberdade, diferentes registros.	Cuida do léxico, a sintaxe parece ser mais explícita e coerente e costuma manter-se o mesmo registro linguístico ao longo de todo o discurso.
O uso da oralidade é universal e sua aprendizagem é “espontânea”.	O uso da escrita não é universal e é aprendido na “escola”.
A fala tem caráter temporal.	A escrita tem caráter espacial.
Quem fala tem pouco tempo para estruturar o discurso, por isso este pode ser menos preciso ou rigoroso do ponto de vista linguístico.	Ao escrever, pode-se cuidar mais da estruturação do discurso e até mesmo consultar dúvidas, corrigir, ampliar, acrescentar esquemas, etc.

Fonte: REYZÁBAL (1999, p. 57-58)

Como bem explicitou Reyzábal (1999, p.67), para otimizar o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa é necessário trabalhar a oralidade, mas sem privilegiá-la, pois o oral e o escrito são aspectos complementares, são duas formas de funcionamento de uma mesma língua. E mais, o domínio de um desses códigos não garante o sucesso do outro, mesmo que as habilidades orais reforcem as da escrita e vice-versa.

De acordo com Pinto (2010, p. 54),

é papel da escola ajudar os alunos a desenvolverem a capacidade de usar de forma adequada os gêneros de acordo com cada situação comunicativa que ele esteja incorporado, aprendendo, assim, a controlar a linguagem, o propósito da escrita, o conteúdo e o contexto, construindo e transmitindo o conteúdo da mensagem de forma proficiente seja através de um texto oral ou escrito.

Ademais, “como a fala sempre se produz em uma situação dada, para ensinar e aprender a falar é preciso proporcionar aos estudantes as múltiplas situações necessárias, bem reais, bem simuladas na aula” (REYZÁBAL, 1999, p. 14). Por isso a importância de se trabalhar a oralidade em sala de aula, tendo os gêneros orais como ferramenta de

aprendizagem para o desenvolvimento dos alunos em sala de aula de Língua Portuguesa através de atividades reais de interação.

2.2 Os gêneros orais como objetos de ensino

Mesmo depois dos Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN, terem dado à oralidade um lugar de destaque no ensino, no final dos anos 90, eles ainda são vistos de maneira simplista e preconceituosa, considerados como atividade de recreação, como brincadeira.

Marcuschi (2008, p. 8) afirma que “A escola existe para ensinar a leitura e a escrita e estimular o cultivo da língua nas mais variadas situações de uso”, mas sabemos que esse ensino não parte do nada, o aluno aciona as competências que ele já possui e esse trabalho com a língua deve partir justamente da competência oral que o falante carrega em sua bagagem.

Daí surge a necessidade de se estudar as questões ligadas à oralidade como um ponto de partida para entendermos o funcionamento da escrita, contudo, se desprendendo de alguns mitos, como bem nos orienta os PCN ao afirmarem que

(...) para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. [...]. A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas (...) (BRASIL, 1997. p. 31-32).

É inegável a influência da oralidade na escrita, principalmente durante os primeiros anos do aluno na escola na fase de alfabetização. Contudo, diante da nossa atual realidade, os alunos do ensino fundamental continuam sendo alfabetizados nessa segunda etapa da vida escolar e a fala continua influenciando diretamente a escrita, “já que a fala tem seus modos próprios de organizar, desenvolver e manter as atividades discursivas.” (MARCUSCHI, 2007, p. 15)

Os gêneros orais fazem parte da realidade do usuário da língua portuguesa, pois nós também fazemos uso da oralidade para estabelecer comunicação e, em muitos casos, é apenas através dela que conseguimos nos comunicar. Na verdade, mesmo vivendo em uma sociedade que nos exige o uso da escrita, continuamos falando mais do que escrevemos. Além disso, é só através da oralidade que o aluno consegue reproduzir a gestualidade, movimentar o corpo,

os olhos, expressões faciais em conjunto com o texto por ele produzido, ou seja, é bastante difícil registrar por escrito todos os aspectos oferecidos pela comunicação oral.

Portanto, é necessário um olhar especial aos gêneros discursivos orais, pois só a partir deles poderemos trabalhar a escrita do aluno e mostrá-lo que assim como os diversos tipos de oralidade, também existem diversas formas de se escrever um texto - porém, a escrita não apresenta uma variação tão intensa como na oralidade, dado que esta tem normas ditadas pelas academias nas quais são mais fechadas, estáveis - e que precisamos saber adequá-las a cada situação, pois nem todos esses tipos possuem o mesmo prestígio social, como nos alerta Marcos Bagno (2003) ao defender que não existe preconceito linguístico, mas sim um preconceito social que discrimina os nossos mais variados modos de se expressar, sejam eles orais ou escritos.

Por outro lado, o professor de Língua Portuguesa deve atentar-se aos gêneros orais que serão trabalhados em sala de aula, pois o aluno, ao chegar à escola, seja ele criança, adolescente ou adulto, conhece e domina sua língua, ele já carrega uma bagagem de conhecimentos consigo.

A criança desenvolve a oralidade ao ouvir os adultos falando, esse é um processo natural e que não precisa ser ensinado na instituição escolar, mas a escola precisa aperfeiçoar essa habilidade, utilizando-a como ferramenta de ensino-aprendizagem e refletindo sobre ela a partir da comunicação oral que, pouco a pouco, ajudará o aluno a incorporar diferentes registros de uso a partir de um vocabulário variado, levando em consideração os diferentes interlocutores, registros, situações, etc., tornando o aluno uma pessoa letrada capaz de usar a língua em qualquer contexto.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (BRASIL, 1998, p.25)

Portanto a escola deve ser uma instituição responsável pelo ensino da oralidade formal, objetivando a sua utilização nas mais variadas situações de linguagem fora da instituição de ensino. A orientação dos PCN é preparar o aluno para usar a oralidade em diversas situações concretas formais públicas de forma competente. O que queremos dizer é

que cabe ao professor aprofundar e ampliar esses conhecimentos em uma tentativa de amenizar a tradicional falta de sistematização do ensino e aprendizagem neste campo.

É fundamental que o professor de Língua Portuguesa realize atividades específicas com a oralidade, já que nos livros didáticos essa modalidade da língua é escassa, além de respeitar as produções orais de todos os alunos, tendo o cuidado de não censurá-las como erradas ou mesmo inadequadas, mas, sim, trabalhando-as no sentido de melhorá-las, pois como já foi aqui colocado, a língua é um instrumento social e a sociedade exige certos modos comuns de comunicação para cada situação, sendo esta comunicação oral a principal sustentadora e dinamizadora da interação social a fim de colaborar com outros agentes educativos para um desenvolvimento linguístico pleno do aluno. (REYZÁBAL, 1999).

2.3 O ensino dos gêneros orais formais

De fato, trabalhar gêneros discursivos orais – como também os escritos – tendo como objetivo ensinar o aluno a adequar o texto por ele produzido a um determinado contexto é ensiná-lo, ao mesmo tempo, a se expressar e se fazer entender por seu interlocutor. “Falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação” (MARCUSCHI, 2007, p. 24). Assim estaremos preparando o nosso aluno para se comunicar diante de qualquer situação na qual ele esteja inserido e mostrando-o que não existe apenas uma maneira de falar ou escrever.

Apesar dos PCN (BRASIL, 1998) ainda apresentarem dificuldades quanto à orientação dos gêneros discursivos que devem ser produzidos em sala de aula, os Parâmetros Curriculares Nacionais, de certa forma, tendem a mostrar que existem gêneros mais adequados para a produção e outros mais adequados para a leitura. Sobre isso, Scheneuwly e Dolz afirmam que os gêneros orais

são instrumentos – ou melhor, megainstrumentos, visto que podemos considerá-los como a integração de um grande conjunto de instrumentos num todo único – que fazem a mediação da atividade de linguagem comunicativa. Falta-nos ainda escolher, dentre uma enorme variedade de gêneros, aqueles que podem, e talvez mesmo devam, tornar-se objeto de ensino. Já que o papel da escola é sobretudo o de instruir, mais do que o de educar, em vez de abordarmos os gêneros da vida privada cotidiana, é preciso que nos concentremos no ensino dos gêneros da comunicação pública formal. (SCHENEUWLY E DOLZ, 2004, p. 174).

Logo, atividades nascidas do trabalho com gêneros discursivos orais formais (como exposição, relatório de experiência, discussão em grupo, entrevista.) e também com outras

modalidades (debate, negociação, testemunho diante de uma instância oficial, teatro, entre outros) levam o aluno a conhecer e refletir acerca da diversidade linguística da qual ele dispõe e aciona durante a construção dos textos – sejam eles orais ou escritos – de acordo com a intenção no espaço de interlocução que ele se encontra.

O aluno saberá diversificar o uso linguístico em qualquer situação de produção textual quanto mais consciente ele estiver sobre a diversidade da língua a partir de atividades contextualizadas que estimulem o letramento em sala de aula. Dessa forma, o discente responderá adequadamente às demandas sociais de usos da língua que, por sua vez, é um fenômeno social.

Marcuschi (2008), corroborando com as ideias de Scheneuwly e Dolz (2004), afirma que não é de se supor que os discentes aprendem de forma natural os diversos gêneros escritos do dia a dia, nem é comum que se aprendam naturalmente os gêneros orais formais. Por outro lado, “é de se indagar se há gêneros discursivos ideais para o ensino de língua. Tudo indica que a resposta é não. Mas é provável que se possam identificar gêneros com dificuldades progressivas, do nível menos formal ao mais formal, do mais privado ao mais público e assim por diante.” (MARCUSCHI, 2008, p. 207).

Dessa forma, o ensino de gêneros discursivos formais na escola desenvolve capacidades que o aluno necessita para interagir na sociedade em geral, seja qual for o contexto que ele esteja incluído. Assim, a escola prepara o aluno para participar de qualquer ato comunicativo de forma ativa e adequada.

Encontramos nos PCN a importância de se ensinar a língua oral no sentido de transformar a escola em uma ferramenta que possibilita ao aluno o

acesso aos usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exigem controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar o oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo. (BRASIL, 1998, p. 67)

O ensino da oralidade na escola deve ser um trabalho voltado às práticas sociais de linguagem nas quais o falante se insere, ou seja, preparar o aluno para que ele domine os gêneros orais de acordo com suas especificidades, conforme se faça necessário em cada situação. Além disso, o ensino dos gêneros orais formais públicos – como no caso do gênero entrevista - é importante porque esses gêneros possuem formas mais institucionalizadas e

reguladas por restrições exteriores. Logo, os discentes precisam aprender a usá-los para, com o tempo, se tornarem usuários competentes desses gêneros.

Trabalhar com a produção do gênero oral formal entrevista e a elaboração de um novo texto (relato) a partir do texto-base (entrevista) é essencial no que concerne ao desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com as modalidades da língua a partir de práticas discursivas em eventos específicos de interação a partir da apropriação e sistematização de saberes. Essa construção de conhecimentos se dá através do processo de retextualização, como veremos a seguir.

3. ORALIDADE E LETRAMENTO: OS SABERES PROPORCIONADOS PELO LETRAMENTO

Neste terceiro capítulo, apresentamos o conceito de letramento e a sua relação com a oralidade, pois é nessa perspectiva que a retextualização do oral para o escrito terá sentido, compreendendo o letramento como um processo sócio-histórico que está relacionado às práticas sociais, culturais e comunicativas.

Em meados da década de 80, os estudos sobre letramento começaram a circular no Brasil, primeiramente com os estudos de (KATO, 1986), posteriormente com Tfouni (1998), Kleiman (1995), Rojo (1998) e Soares (1998), além de um considerável número de artigos acadêmicos apresentados em congressos – nacionais e internacionais – que já abordavam o tema e ajudaram a propagar esse novo conceito pelo país.

Conforme Soares (1995, p.7), a palavra letramento é uma tentativa de tradução da palavra inglesa *Literacy*; porém, essa palavra em inglês, também pode ser traduzida como alfabetização. Mas apesar desses dois conceitos terem surgido da mesma fonte, cada um possui um significado; na verdade, um complementa o outro e apesar do letramento ainda ser um conceito em construção, podemos afirmar que ele vai muito mais além do que a alfabetização aborda.

De acordo com Ferreiro (2013), a palavra “literacy” é mais indicada para designar a aprendizagem das práticas sociais vinculadas à produção, uso e circulação do escrito. Já a palavra “alfabetización”, do espanhol, remete mais diretamente à aprendizagem do alfabeto como tal. Por isso quando dizemos que uma pessoa é alfabetizada, consequentemente afirmamos que ela sabe ler, escrever, selecionar informações e utilizá-las no dia a dia. Por outro lado, letrado é aquele que vive em estado de letramento, ou seja, é capaz de usar socialmente tanto a leitura quanto a escrita. O letramento é muito mais complexo do que a alfabetização, é um processo – já que está ligado ao uso - que vai além dos muros da escola; não é uma simples transmissão de conhecimentos, é um processo de construção de saberes.

Com isso, queremos dizer que no Brasil existem diversos conceitos de letramento e essa imprecisão pode ser explicada por ser uma palavra recente, ainda em processo de estudo ou pelo simples fato de não termos consciência da natureza desse fenômeno porque estamos imersos nele. Contudo, para Kleiman (1995) e Tfouni (1995), letramentos são práticas sociais que envolvem leitura e escrita e que vão muito além da alfabetização, ou seja, a aquisição da escrita.

Mas, atualmente, há duas definições para o que é letramento. A primeira, segundo Soares (1995), é para classificar o estado que o indivíduo se encontra após apropriar-se da escrita. A segunda, de acordo com Kleiman (1995, p. 11), o associa a “práticas sociais cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade ou de poder.”

Na primeira definição há um enfoque mais individual, na qual o indivíduo pode medir seu nível de letramento a partir de parâmetros definidos socialmente ou, no caso da escola, pelos critérios de cada série. Na segunda definição, temos um foco maior nas práticas sociais e, como bem define Tinoco (2008, p. 106), o letramento passa a ser visto como um “fenômeno que nos acompanha por toda a vida e nas mais diferentes esferas de atividade (não apenas na escola) com os mais diferentes propósitos e formas de inserção e de participação em eventos de todos os níveis sociais e/ou de escolaridade.”

3.1 O conceito de letramento

Em suma, letramento é um processo social que envolve a alfabetização, mas vai muito mais além. Letrar, como nos explica Kleiman (2014, p. 28), é “ensinar e aprender para a (e na) vida significa, então, aprender para agir em diferentes contextos, a partir do que foi aprendido, conforme exija a situação comunicativa em que nos envolvemos”. Ou seja, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte do cotidiano do aluno.

É importante destacar que existem diversas práticas de letramento e que nenhuma se sobrepõe a outra. Logo, classificar o indivíduo em ‘letrado’ e ‘não-letrado’, como acontece com ‘alfabetizado’ e ‘não-alfabetizado’ é mais uma tentativa de não considerar as variedades das práticas de leitura e escrita nas diferentes esferas de atividade.

O termo letramento envolve a alfabetização, sendo esta considerada uma das suas práticas. Além disso, o letramento já faz parte do discurso escolar atualmente e mantém uma nova relação com a oralidade e com linguagens não-verbais que, como nos explica Kleiman (2005), essa nova relação não era prevista no termo alfabetização.

Logo, precisamos saber que existem dois modelos de letramento: o autônomo e o ideológico. Segundo Street (1984), o letramento autônomo está presente no ambiente escolar como reprodução da cultura dominante, no qual a leitura e a escrita aparecem como atividade exclusiva da escola, desvalorizando textos que circulam no cotidiano, ou seja, podemos relacionar esse modelo de letramento facilmente à “orientação de ensino-aprendizagem

descolada do contexto social.” (TINOCO, 2008, p. 111). No modelo ideológico a leitura e a escrita são vinculadas às práticas sociais, favorecendo “as pesquisas que se voltam para as relações de poder instituídas pelos usos sociais da leitura e da escrita, incluindo as experiências iniciais com a escrita, ou seja, alfabetização.” (TINOCO, 2008, p. 111). Isso quer dizer que as práticas de leitura e escrita podem ser usadas como instrumentos de dominação ou de construção da cidadania, dependendo da intenção do indivíduo.

Apesar dos modelos de letramento - autônomo e ideológico - serem facilmente encontrados na realidade das salas de aula do nosso país, se colocarmos em prática o modelo de letramento ideológico com vistas a um trabalho pedagógico de fortalecimento de uma minoria, significa, primeiramente,

compreender que essas minorias têm conhecimentos que precisam ser considerados. Em segundo, conceber o ensino e a aprendizagem como um processo de construção de saberes, não como uma transmissão de conhecimentos. (...) Isso significa voltar-se para o contexto sócio-histórico, cultural e político desses sujeitos, a fim de desenvolver, com eles, uma visão crítica que os faça perceber, por exemplo, o multilinguismo que os cerca, não sob uma concepção normativa de ‘certo’ e ‘errado’, mas tomando os diferentes usos da língua presentes em seu convívio como um dado real a partir do que se pode vislumbrar, em função das diferentes situações sociais a qual cada falante/escrevente se expõe em seu cotidiano, os usos de linguagem mais adequados. (TINOCO, 2008, p. 112)

Mas, a partir do momento em que se selecionam determinadas competências de leitura e escrita para classificar os estudantes em diferentes níveis de conhecimento independentemente do contexto que esse aluno está inserido, alimenta-se a superioridade dos que dominam essas competências.

Por outro lado, os grupos que priorizam a oralidade são estigmatizados, pois há a propagação da ideia de que a oralidade e a escrita são modalidades opostas – como vimos anteriormente - e a sobreposição do texto escrito sobre a oralidade é justificada pelo fato de vivermos em uma sociedade grafocêntrica, na qual tudo perpassa pela escrita, reservando-se, assim, o espaço da escrita apenas aos grupos escolarizados, bem preparados.

Portanto, dizer que um letramento é mais importante que outro é tão errado quanto afirmar que uma comunidade tem maior ou menor nível de letramento. As práticas de letramento perpassam pelas relações de poder, por isso alguns letramentos se destacam mais do que outros, mas isso não quer dizer que um letramento é mais importante que outro. Muito pelo contrário, mais importante é saber que “a diversidade é a regra e a padronização é talvez apenas uma utopia à qual nos acostumamos a acreditar.” (TINOCO, 2008, p.114).

3.2 Oralidade e letramento: uma prática social na escola

Em uma sociedade grafocêntrica como a nossa, é comum pensarmos que para um indivíduo ser letrado ele precisa dominar a escrita. Contudo, o letramento envolve diversas práticas da escrita em suas mais variadas formas e níveis, pois uma pessoa que só sabe escrever seu próprio nome, mas consegue identificar o ônibus que precisa tomar para ir ao trabalho, que faz as compras no supermercado e sabe distinguir uma marca de outra, que identifica as diferentes cédulas de dinheiro pode ser letrada como um jornalista que redige artigos em um jornal ou um indivíduo que escreve ficção científica.

Vivemos em um país plurilíngue, pois manifestam-se diferentes idiomas em um mesmo território (tupi-guarani, inglês, espanhol, etc), bem como há variação em uma mesma língua, nesse caso, na nossa língua oficial. Portanto, uma língua, na verdade, é uma realidade plural, pois existem inúmeras variedades de uma mesma língua reconhecidas histórica, política e culturalmente. Por isso, Gorski e Coelho (2009) nos alerta que “a língua é historicamente situada e heterogênea, isto é, está sujeita a variações e mudanças no espaço e no tempo (...) e que atuam em todos os níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo.”

Por conseguinte, precisamos contribuir na construção de um ensino voltado à variação linguística, preparando nossos alunos para serem verdadeiros camaleões linguísticos, ou seja, políglotas na própria língua, a partir do senso de adequação, assegurando a diversidade linguística e desmistificando, com isso, o preconceito da língua. O mesmo vale para a marginalização da oralidade - onde existe maior variação da língua - pois o ensino na escola está totalmente voltado para uma aprendizagem da escrita e raras são as atividades que exploram os gêneros orais. Vale ressaltar que a fala é uma prática inerente ao ser humano e saber adequar o modo de falar às diferentes situações que o indivíduo se insere é uma capacidade linguística muito importante e por isso ela deve ser desenvolvida na escola.

Bagno (2003) afirma que “uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa mundi não é o mundo e nem a gramática é a língua”, pois a língua é um produto social e o letramento também. Da mesma forma que a língua, o letramento não é uma exclusividade dos grupos escolarizados, os letramentos se vinculam a exigências da vida cotidiana. Daí a importância de se trabalhar com projetos de letramento como forma de aproximar a escola da realidade dos alunos. Segundo Oliveira (2008, p. 51),

um projeto de letramento apresenta-se não somente como um modo de representação do mundo, mas como uma forma mediante a qual as pessoas exercem controle sobre a vida e atribuem sentidos não só ao que fazem, mas a si mesmas. Através dele é possível ver atribuições de agência, processos identitários e histórias de aprendizagem.

Quando isso não acontece, as práticas reais de oralidade e letramento que os alunos realizam dentro da comunidade em que vivem acabam sendo desconsideradas pela instituição escolar e não enxergando a oralidade e o letramento como práticas sociais que adquirimos e desenvolvemos ao longo da nossa vida, através das nossas experiências e da comunicação entre os falantes nos diversos contextos sociais.

Na sociedade moderna na qual vivemos, a escrita e a fala se complementam, e essa fala recebe classificações diferentes, como nos exemplifica Kleiman (2005) ao dizer que as atividades desenvolvidas na ciência ou na imprensa são basicamente letradas, enquanto o diálogo íntimo entre dois namorados pertence às práticas da oralidade, mesmo que às vezes seja transposto para um bilhete ou qualquer outro tipo de texto escrito.

Há uma questão muito importante que também é abordada por Kleiman (2005) sobre a oralidade, pois a autora desmistifica o pensamento de que existe oralidade “pura”, mostrando que as situações de comunicação, de modo geral, são compostas, híbridas; em outras palavras, “existe uma gradação de formalidade/informalidade que também contribui para determinar a modalidade de língua a ser utilizada” (KLEIMAN, 2005, p. 44), embora existam casos de complementaridade entre a língua falada e a escrita, pois há situações que privilegiam a língua escrita e há situações que essa mesma língua não serve.

Portanto, podemos concluir que não existe oposição entre o oral e o escrito, mas há uma relação de complementação, ou melhor, de continuidade, pois

Num extremo do contínuo, encontraríamos os gêneros orais da intimidade, como a conversa, o bate-papo, a fofoca e, no outro extremo, os gêneros escritos das instituições mais estruturadas e articuladas, mais complexos, como o artigo científico, o romance literário... Mas, entre eles, haveria uma verdadeira “constelação” de outros gêneros da intimidade, porém, escritos, como o diário pessoal e a carta, ou de discursos institucionais formais, porém orais, como a palestra e o debate. (KLEIMAN, 2005, p. 52)

É esse o trabalho do professor de Língua Portuguesa que defendemos aqui, um trabalho desenvolvido a partir de atividades que envolvam a capacidade cooperativa e crítica do aluno, estimulando-o a partir de exercícios que aproveitem as qualidades para o seu desenvolvimento integral, não para inibi-los, dominá-los ou normatizá-los. Eles “devem ser capazes de reagir positivamente diante do inesperado, para que sintam confiança em si próprios e que isso lhes dê valor e integridade” (REYZÁBAL, 1999, p. 13).

Portanto, trabalhar a oralidade em sala de aula a partir dos gêneros orais é atividade de suma importância para que cada indivíduo desenvolva a capacidade de escolha do que falar e como falar, de acordo com suas necessidades e interesses, com base em produções reais dos alunos, levando em conta a forma, situação e contexto dos enunciados, além de considerar o erro como parte do processo de aprendizagem.

Sobre o uso da linguagem, Reyzábal (1999, p. 21) nos esclarece que enquanto esse uso for pobre “nossa visão e vivência da realidade permanecerá incompleta, nossos pensamentos e sentimentos serão cinzas e, talvez, possamos nos integrar à sociedade, mas não de forma enriquecedora, transformadora”. Logo, se utilizarmos mais a oralidade para estabelecer a comunicação através das construções dos discursos em seus mais variados contextos tendo como instrumento os gêneros textuais orais, estes precisam ter espaço nas aulas de Língua Portuguesa, até porque estudar gramática não garante que o estudante seja capaz de contar, escrever, argumentar ou referir-se a fatos ou opiniões sem enfrentar nenhuma dificuldade.

Nesse sentido, quando o professor se transforma em um agente de letramento ele passa a olhar seus discentes como agentes que também são capazes de contornar os desafios impostos. É perfeitamente não ser alfabetizado, mas lidar bem com determinadas práticas de letramento, como por exemplo, a partir das práticas orais.

Contudo, aprendizagem significativa é aquela que, conforme Tinoco (2008) oferece parâmetros para a ação e possível transformação do mundo social no qual vivemos e nós sabemos que a oralidade não é o ponto de chegada, é apenas o ponto de partida e que no mundo grafocêntrico em que vivemos, exercer a cidadania em sua plenitude implica atender a demandas de leitura e de escrita. Por isso nas práticas letradas da sala de aula, as relações de complementação e sobreposição entre a fala e a escrita se tornam bastante evidentes. Em uma aula de leitura, por exemplo,

(...) o professor faz perguntas antes, durante e depois da leitura, com a finalidade de ajudar a construir um sentido ou de introduzir um novo gênero. Em outras palavras, ele fala e, ao fazer isso, mobiliza seus conhecimentos, experiências e recursos da oralidade (como fazer perguntas adequadas ao público, ao assunto, aos objetivos da atividade) e do letramento (como ler um conto). É importante lembrar que ele faz isso com a finalidade de ensinar os diversos elementos de um novo sistema de signos e de significados em construção pelos alunos: a língua escrita. (KLEIMAN, 2005, p. 64)

E é o domínio dessa habilidade de comunicação que permitirá que o aluno participe de forma mais efetiva das práticas de letramento dentro e fora da sala de aula, no ambiente familiar, na comunidade e outros contextos que ele está (ou estará) inserido. Dessa forma, o

aluno concebe um novo olhar à relação entre o oral e o escrito, sabendo adequar a fala/escrita nas mais variadas situações de uso da língua.

Isto posto, é necessário entender a linguagem “não apenas como um modo de expressão, mas também como uma forma de produção por meio da qual interferimos na realidade social.” (OLIVEIRA, 2014, p. 58). Por conseguinte, o acesso e o domínio às práticas de linguagem permitem que os discentes lutem contra a desigualdade social e quaisquer tipos de processo de dominação. (OLIVEIRA, 2014, p. 59)

Dessa forma, representar os conhecimentos que aqui estamos construindo, de modo interativo e cooperativo, é uma forma de buscarmos a desmistificação do preconceito linguístico, mostrando ao aluno a pluralidade linguística que ele se insere a partir dos diferentes contextos que envolvem o seu ato comunicativo, levando o dia a dia do discente à sala de aula a partir de práticas de letramento que, de acordo com Barton e Lee (2015), “pode ser uma poderosa lente para examinar as mudanças das práticas sociais” e uma ferramenta adequada para auxiliar o aluno a adquirir o conhecimento necessário para agir/interagir em qualquer situação, pois, diferente da alfabetização, vista como uma atividade estritamente escolar, o letramento nos permite aprender a continuar aprendendo; ele é visto como prática essencialmente colaborativa e coletiva, é um processo social.

3.3 Letramento social e o resgate da memória das histórias

Como não é possível pensar em educação linguística se não a relacionarmos com a sociedade, para alcançarmos os objetivos propostos precisamos ouvir o que o aluno tem a dizer, analisar e levar em consideração a bagagem que ele traz para a instituição escolar, o contexto no qual ele está inserido, ir além dos muros da escola e entender a linguagem como prática social. Todavia, essas estratégias só serão possíveis se a metodologia do professor adquirir práticas de letramento, mais precisamente, o letramento social.

Assim, a instituição escolar deve promover o letramento e o professor é peça fundamental proporcionando o contato com diferentes textos e situações comunicativas a partir de práticas de leitura e escrita como orientam os PCN de Língua Portuguesa:

Ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato. Todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender. Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modelizador, servindo como fonte de

referência, repertório textual, suporte da atividade intertextual. A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno (BRASIL, 1997, p. 28).

Dessa forma, a produção de textos na escola deve desempenhar uma função social para que o aluno possa utilizar os conhecimentos adquiridos em suas práticas sociais. Assim, pensamos como proposta para a realização da entrevista uma espécie de coleta de memórias a respeito da cidade de Itapororoca com pessoas que carregam uma bagagem muito rica de histórias sobre a cidade. Com isso, os alunos poderão dar a sua contribuição em relação ao resgate da memória de Itapororoca e deixar guardadas algumas histórias que correm o risco de se perder no tempo por falta de registro.

Por isso, a partir dessa pesquisa, estimularemos o letramento através do processo de retextualização no qual o aluno poderá desenvolver o letramento ao deparar-se com as duas modalidades da língua – a fala e a escrita – sendo levado a perceber que existe uma necessidade de adequação da língua em relação ao contexto, ao assunto, aos interlocutores e se ele não souber fazer essa adequação, talvez o texto produzido não tenha sentido e seja marginalizado. Tendo essa consciência de adequação, esse aluno estará capacitado a usar a língua escrita ou oral em qualquer situação de comunicação.

Seguindo o modelo ideológico de letramento, proposto por Street (2014), aprender letramento não é apenas adquirir conteúdos, mas é aprender a partir de uma construção, um processo. Ele acredita que o professor tem como tarefa compreender o letramento como prática social, produto do discurso, da história e da cultura, tendo como objetivo a ampliação das capacidades comunicativas do aluno.

Partindo desse pressuposto, o resgate de histórias relacionadas à memória dos habitantes da cidade de Itapororoca – PB foi uma forma encontrada para promover um ensino escolar de linguagem a partir de um contexto significativo para que, dessa forma, ao mesmo tempo em que instigamos a reflexão dos usos da língua materna, também levaremos o aluno a valorizar a comunidade em que vive e que sempre fará parte da sua vida.

O resgate da memória é uma atividade bastante importante para ser desenvolvida no contexto escolar, já que, segundo Candau (2011, p. 24), a memória é “um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros do grupo”, ou seja, é o resultado de um processo coletivo que encontra-se inserido em um contexto social.

Para compreendermos a memória como informações que um indivíduo carrega a partir das suas lembranças e que estas fazem parte do grupo a qual pertence, ou seja, tem

significado, ela não pode ser construída de qualquer forma, pois de acordo com Halbwachs (2013, p. 39)

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo.

Desse modo, as informações coletadas pelos alunos, sujeitos da pesquisa, serão facilmente reconhecidas e reconstruídas por eles, já que as memórias coletadas fazem parte do grupo social deles. Assim, as memórias de um determinado período ou acontecimento nos ajudarão a ter contato com o passado e com o presente, já que “a história é filha da memória” (CANDAU, 2011, p. 133).

Assim, os alunos participantes do projeto se sentirão motivados para desenvolverem o trabalho de retextualização, pois terão o que dizer e a quem dizer: primeiramente, a comunidade escolar e posteriormente, a todos os itapororoquenses já que o resultado desse trabalho se tornará de domínio público uma vez que os textos serão registrados em um fotolivro que ficará disponível para consulta na biblioteca da escola e na biblioteca pública da cidade.

Com a transcrição do texto oral para o escrito, bem como a retextualização da entrevista para o relato em suportes diferentes para um público-alvo diferente, os alunos poderão resgatar os aspectos sociais da nossa cidade, conhecendo histórias, personalidades itapororoquenses, observando que cada um tem a sua história, que cada pessoa carrega consigo uma bagagem de experiências e conhecimentos e que estes relatos compõem a história da cidade de Itapororoca a partir da reconstrução de um passado vivido por um determinado grupo social.

Em suma, a retextualização do oral para o escrito só terá sentido se compreendermos o letramento como um processo socio-histórico que está relacionado às práticas sociais, culturais e comunicativas. Logo, o letramento neste trabalho é visto como prática concreta e social.

Dando continuidade, trataremos sobre o processo de retextualização a partir dos pressupostos de Marcuschi (2010) e da visão não-dicotômica entre a oralidade e a escrituralidade.

4. RETEXTUALIZAÇÃO E CONTÍNUO DO ORAL PARA O ESCRITO

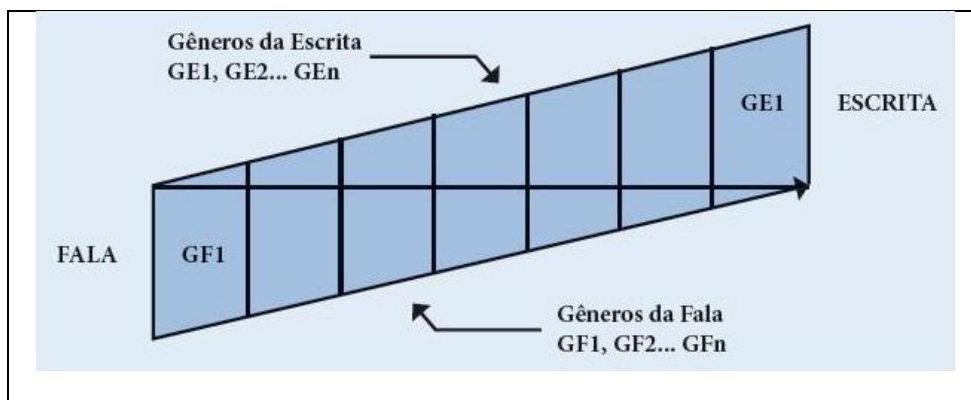
Neste capítulo, abordamos a retextualização e o contínuo do oral para o escrito, conforme modelo sugerido por Marcuschi (2010), dentro de uma perspectiva sociointeracionista - na qual a língua é vista como um fenômeno dinâmico e interativo, a relação entre oralidade e letramento é vista como prática social e o dinamismo existente na relação entre fala e escrita é visto como um contínuo que se reflete entre essas duas modalidades da língua. Ainda nesse capítulo, evidenciamos as diferenças entre transcrição e retextualização, bem como a entrevista e o relato como ferramentas para atividades de retextualização dentro das propostas do PCN (1998) e dos pressupostos teóricos de Koch (2001), Hoffnagel (2010), Schneuwly e Dolz (2001) e Matêncio (2001).

Os PCN ressaltam a posição acentuada e explícita de que a língua falada e a língua escrita não se opõem de forma dicotômica nem são produções em situações polares, na qual essa relação entre a fala e a escrita se dá no contexto do contínuo dos gêneros discursivos apresentando diferenças consideradas graduais e afirma que não existe maior equívoco do que tratar a escrita como mera transposição da fala para o papel na forma gráfica. (BRASIL, 1998, p. 55)

No livro *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, Marcuschi (2010) tece considerações sobre as relações entre fala e escrita dentro de uma perspectiva sociointeracionista no qual afirma que tanto a fala quanto a escrita apresentam dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade. E nesse mesmo livro o autor explica a fala e a escrita a partir de dois contínuos: na linha dos gêneros discursivos e na linha das características de cada modalidade³.

³ De acordo com Marcuschi (2010, p.38), um determinado gênero da fala (GF), por exemplo, uma conversação espontânea, seria o GF1 e representaria uma espécie de protótipo da modalidade, não sendo aconselhável compará-lo com um gênero escrito (GE), tal como o GE1 que seria o protótipo da escrita, por exemplo, uma conferência acadêmica num congresso. Na realidade, temos uma série de textos produzidos em condições naturais e espontâneas nos mais diversos domínios discursivos das duas modalidades. Os textos se entrecruzam sob muitos aspectos e por vezes constituem domínios mistos.

FIGURA 2
FALA E ESCRITA NO CONTÍNUO DOS GÊNEROS TEXTUAIS



Fonte: MARCUSCHI (2010, p. 38)

Um ponto muito importante a ser discutido sobre essa questão é sobre a impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, já que as duas modalidades fazem parte de um mesmo sistema da língua. Mas do ponto de vista semiológico - ciência que tem como objeto todos os sistemas de signos (incluindo os ritos e costumes) e todos os sistemas de comunicação vigentes na sociedade - “podem ter peculiaridades com diferenças acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala”. (MARCUSCHI, 2010, p. 39).

Logo, a fala varia da mesma forma que a escrita também sofre variações. Uma carta pessoal destinada a um familiar, alguém íntimo, se aproxima da oralidade; isso não acontece, por exemplo, com uma carta comercial ou carta aberta.

A partir dessa visão sociointeracionista, percebemos com maior afinco a língua como um fenômeno dinâmico e interativo, a relação entre letramento e oralidade como prática social e o dinamismo existente na relação entre fala e escrita como um contínuo que se reflete entre essas duas modalidades de uso da língua. Com isso, não queremos negar que fala e escrita são diferentes, pois isso seria um equívoco, mas queremos mostrar que as diferenças entre elas são graduais e contínuas.

E é a partir dessa visão que Marcuschi (2001) propõe o que ele denomina atividades de retextualização⁴, que consistem na transformação da fala para a escrita, bem como da escrita para a fala ou da escrita para a escrita. Mas quando se trata do processo de

⁴ Em sua tese de doutorado sobre a tradução de uma língua para outra, Neusa Travaglia (1993) emprega a expressão *retextualização*, mas aqui levamos em consideração o conceito de *retextualização* a partir de Matêncio (2001) e, principalmente, o conceito de Marcuschi (2010) ao conceituar essa atividade como tradução, mas de uma modalidade para outra na qual o texto permanece na mesma língua.

retextualização da fala para a escrita – que é o que nos interessa – o autor tem o cuidado de alertar, de forma enfática, que os textos orais mantêm uma ordem e que

Não são caóticos, nem incoerentes ou carentes de coesão interna. Toda atividade de retextualização não é uma proposta de melhorar ou de por uma nova ordem no texto oral, pois as modificações notadamente efetuadas nas retextualizações não revelam a presença de processos cognitivos novos, mais altos ou mais abstratos na escrita em relação à fala. Não se dão raciocínios mais abstratos na escrita em relação a processos de compreensão na oralidade, tendo em vista que, cognitivamente, o que sobra na escrita é o que estava na fala. Novo é o meio em que se dá a produção e não a atividade sociocognitiva desenvolvida. (MARCUSCHI, 2010, p. 11) (grifo do autor)

Portanto, a passagem da fala para a escrita é a passagem de uma ordem para outra ordem e, com isso, reafirmamos a ideia de que não existe relação de sobreposição entre a língua oral e a língua escrita, ambas possuem suas particularidades e seus modos. E através do processo de retextualização do oral para o escrito podemos levar essa ideia com mais afinco ao aluno para que, através da prática, ele possa notar a ordem de cada uma das modalidades da língua e, conseqüentemente, saber utilizá-las em quaisquer gêneros que o discente se sirva no processo comunicativo.

Marcuschi (2010) e Matêncio (2001) nos chamam a atenção para as diferenças existentes entre os processos de reescrita e de retextualização. Essa diferenciação se faz necessária, pois os sujeitos da nossa pesquisa farão uso de ambos os processos, já que terão que reescrever o texto oral para a modalidade escrita e em seguida retextualizá-lo do gênero entrevista para o gênero relato.

Enquanto na retextualização se produz um novo texto – seja de um gênero discursivo para outro e/ou de uma modalidade da língua para outra - no caso da reescrita, opera-se um mesmo texto, ou seja, nesse processo “através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original, materializa-se uma nova versão do texto.” (MATÊNCIO, 2001, p.113), como veremos detalhadamente mais a frente.

Na retextualização podemos afirmar que um novo texto é produzido porque o produtor do texto faz uso de novos parâmetros de ação da linguagem, além de “(...) redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, assim como de motivações e intenções, de espaço e tempo de produção/recepção, de atribuir novo propósito à produção languageira.” (MATÊNCIO, 2001, p. 113).

A retextualização é um processo comum no cotidiano das pessoas, se pararmos para analisar eventos linguísticos do nosso dia a dia, podemos encontrar diversos processos de retextualização nos quais participamos e encaramos como tarefa simples. Por exemplo:

(1) a secretária que anota informações orais do chefe e com elas redige uma carta; (2) o secretário de uma reunião de condomínio (ou qualquer outra pessoa) encarregado de elaborar a ata da reunião, passando para a escrita um resumo do que foi dito; (3) uma pessoa contando à outra o que acabou de ler no jornal ou na revista; (4) uma pessoa contando à outra o que acabou de ouvir na TV ou no rádio; (5) uma pessoa contando à outra o filme que viu no dia anterior ou último capítulo da novela ou as fofocas da vizinhança; (6) alguém escrevendo uma carta relatando o que ouviu no dia anterior; (7) o aluno que faz anotações escritas da exposição do professor; (8) o juiz ou delegado que dita para o escrevente a forma final do depoimento e assim por diante. (MARCUSCHI, 2010, p. 49)

Deste modo, a humanidade se organiza a partir do contato e transmissão de informações. Esse processo comunicativo envolve um emissor, que a partir do compartilhamento de um código transmite uma mensagem ao receptor ou receptores e esse processo comunicativo pode ser realizado por diferentes canais. Portanto, se uma pessoa domina mais de um código, conhece os diferentes canais e sabe adequar a mensagem a partir do receptor que a receberá, maiores possibilidades ela terá para se comunicar e se expressar de forma coerente e adequada.

Se analisarmos um dia da vida de qualquer indivíduo, perceberemos que ele se comunicará de diversas formas, através de códigos e canais diferentes. E se formos analisar a relação do uso entre a escrita e a oralidade, notaremos que se fala muito mais do que se escreve. A oralidade, conforme Marcuschi (2008, p. 36), “jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia”. Por isso, as línguas evoluem, acima de tudo, na modalidade oral.

Dessa forma, é de suma importância propormos aos alunos atividades de retextualização envolvendo as duas modalidades da língua – o oral e o escrito – para que eles possam ter conhecimento da construção de cada uma dessas modalidades e saibam usá-las de forma adequada em cada situação de comunicação, já que os gêneros discursivos, sejam orais ou escritos,

são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Logo, para retextualizar, faz-se necessário que o aluno adquira conhecimentos em relação ao papel social dos gêneros e dos textos nos quais eles se materializam através da reflexão e conscientização proposta pelo professor em sala de aula. Além disso, a compreensão do que alguém disse ou quis dizer é atividade cognitiva imprescindível em qualquer atividade de retextualização para não haver problemas no âmbito da coerência.

4.1 As diferenças entre transcrição e retextualização

A partir do momento que nos predisposmos a trabalhar com textos orais e escritos, há um ponto muito importante a ser discutido e explicado, pois os alunos - sujeitos da pesquisa - passarão por ambos os processos e precisam ter consciência da distinção entre transcrição e retextualização, como nos explica Marcuschi ao afirmar que transcrever a fala é

passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados. Seguramente, neste caminho há uma série de operações e decisões que conduzem a mudanças relevantes que não podem ser ignoradas. Contudo, as mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. Já no caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem. (MARCUSCHI, 2010, p. 49)

Logo, a transcrição é a passagem de um código para outro, que no nosso caso é a passagem do texto oral para o escrito. Como o autor nos aponta, é uma transcodificação, ou seja, uma primeira transformação, mas que ainda não se trata de retextualização. Marcuschi ainda aponta a diferença entre transcrição e paráfrase. Nesta, o formato linguístico é o mesmo e o conteúdo é equivalente; nessa, não existe preocupação com a relação de igualdade lógica dos textos. Em síntese, a transcrição deve

ser fiel e não pode interferir na produção (evitam-se a pontuação, as inserções e qualquer tipo de eliminação ou idealização até onde isso for possível), devendo trazer indicações específicas de situacionalidade e da qualidade da produção (por exemplo, indicações como sorriso, movimento do corpo etc.). não há dúvida que neste primeiro momento se dá uma série de mudanças que implicam adaptações que levam a perdas. Mas qualquer mudança explícita já dá início ao processo de retextualização, como, por exemplo, a inserção da pontuação. (MARCUSCHI, 2010, p. 73)

Rey-Debove (1996), citada por Marcuschi (2010), aponta para uma certa neutralidade no momento da escrita e uma não-neutralidade no texto falado, mesmo que o texto oral seja gravado, pois, ainda assim, o produtor poderá ser reconhecido a partir das suas marcas no texto, sem perder as características extralinguísticas de sua produção.

Em conformidade com Marcuschi (2010), podemos afirmar que a transcrição do texto oral para o escrito, a compreensão que o produtor do texto tem sobre o texto-base, faz com que ele use um sistema de notação próprio da transcrição (silabação para substituir uma fala pausada ou letras maiúsculas para indicar que o falante se expressou com um tom mais alto de voz, etc.), mesmo assim ocorrem perdas, pois sempre haverá algo que não estará fielmente expresso no texto escrito, pois este é uma espécie de adaptação do texto oral.

Por outro lado, existem transcrições que podem ser consideradas como processos de retextualização. Por exemplo, uma entrevista oral ao ser publicada na modalidade escrita em uma revista de grande circulação terá a pontuação adequada e as repetições corrigidas. Portanto, a transcrição de uma entrevista oral para o texto escrito no qual será veiculado em uma revista sofre modificações que podemos designar como uma idealização da língua pelo molde da escrita. Essa atividade é o que chamamos de retextualização, espécie de adaptação na perspectiva de uma das modalidades da língua, na qual fazemos modificações na forma de expressão do texto-base bem como no conteúdo.

4.2 A entrevista e o relato: ferramentas para a retextualização

Uma das metas declaradas pelos PCN, de acordo com Hoffnagel, é “possibilitar a compreensão crítica dos vários gêneros discursivos com que o cidadão lida no seu cotidiano”. (HOFFNAGEL, 2010, p. 195). Esses diversos gêneros discursivos, com sua forma padronizada para que a comunicação seja estabelecida, são formas intermediárias entre o locutor e o locutário durante a interação sociodiscursiva. Alguns desses gêneros são usados nas modalidades oral e escrita; outros, apenas em uma das modalidades, de acordo com as situações sociocomunicativas da esfera que o locutor se encontra.

No caso do gênero oral formal entrevista, tornou-se um gênero que se apresenta como uma força poderosa na sociedade atual e explorando-o poderemos reforçar o estudo da língua materna a partir de diferentes contextos, pois sabe-se que existem diversas formas de entrevistas, dependendo do contexto e do tipo de entrevista usada em determinada situação, esse gênero pode estar mais situado no campo da escrita ou da oralidade.

Para Schneuwly e Dolz (2001), citados por Hoffnagel (2010), a entrevista é considerada

Uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas normativas específicas da parte dos interlocutores, como num jogo de papéis: o entrevistador abre e fecha a entrevista, faz perguntas, suscita a palavra do outro, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a

interação; o entrevistado, uma vez que aceita a situação, é obrigado a responder e fornecer as informações pedidas. (2010, p. 196)

Dessa forma, podemos afirmar que o modelo de entrevista jornalística controlada possui pelo menos dois participantes, cada um com papéis específicos: um entrevistador – que estabelece um tópico e faz a pergunta e depois pergunta sobre o mesmo ou outro tópico - e o entrevistado – que responde aos tópicos propostos pelo perguntador.

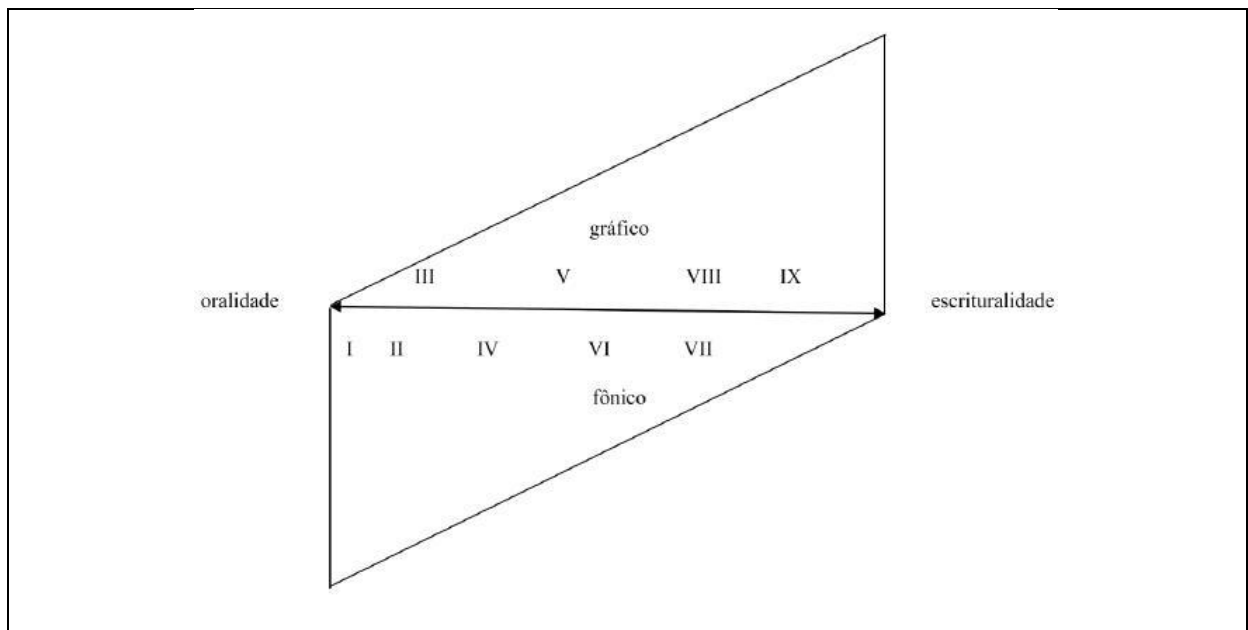
A entrevista é um gênero de natureza oral e os vários gêneros de entrevista se diferem quanto ao propósito da sua realização. Em relação à oralidade, inúmeras atividades envolvendo a linguagem oral podem ser realizadas na sala de aula, que não seja apenas a tradicional leitura de textos escritos, ou seja, a escrita oralizada. Essas atividades podem ser desde apresentações de seminários, debates, realização de entrevistas – atividade dentro da nossa proposta de pesquisa - até análises de notícias ou simples comentários sobre o jornal.

O que se verifica, na verdade, segundo Koch (2001, p. 61-62), é que existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao pólo da fala conversacional (bilhetes, cartas familiares, textos de humor, por exemplo), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do pólo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), existindo, ainda, tipos mistos, além de outros intermediários.

Diante disso, o gênero textual entrevista deve ser aqui compreendido a partir do seu uso social, a fim de que possamos utilizá-lo como objeto de estudo da oralidade com ênfase nas práticas sociais. Esse gênero textual apresenta características provenientes da oralidade, mas que é veiculado nos diversos meios de comunicação como texto escrito, apresentando, portanto, um entrecruzamento entre a fala e a escrita, na qual, dependendo do interlocutor, da situação comunicativa, do tema abordado, entre outros fatores, essa oralidade presente no texto escrito pode ser mais ou menos formal, considerando a fala e a escrita como complementares entre si e essenciais para a construção dos sentidos do texto.

Isso acontece com os outros gêneros textuais como podemos verificar na figura a seguir.

FIGURA 3
CONTÍNUO ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITURALIDADE



Fonte: KOCH/OESTERREICHER (1990/2007, p. 34)

Nesse gráfico, Koch/Oesterreicher (1990/2007) ilustram a localização de diversos gêneros como um contínuo da oralidade e da escrituralidade: (I) conversa familiar, (II) conversa telefônica, (III) carta pessoal, (IV) entrevista de trabalho, (V) versão impressa de uma entrevista de jornal, (VI) sermão religioso, (VII) conferência científica, (VIII) artigo editorial e (IX) texto jurídico.

Podemos, portanto, inferir que o enunciador, o co-enunciador, o discurso, o código, o contexto, entre outros fatores da situação de comunicação estão ligados a possibilidades de variação e com isso, observar os diversos tipos do gênero entrevista caminhando em toda a linha que liga as duas modalidades da língua.

Dentro dessas possibilidades de variação, Marcuschi (2010) apresenta uma visão bastante esclarecida sobre oralidade e escrita, tratando essas duas modalidades da língua como um contínuo na qual o autor indica um caminho para observarmos com mais propriedade a variação linguística. De fato, “são as formas que se adequam aos usos e não o inverso.” (MARCUSCHI, 2010, p. 16). Ou seja, são os usos da língua que determinam a variação linguística em todas as suas manifestações, dependendo do contexto situacional, do destinatário ou até mesmo do discurso, já que todo discurso é ideológico e as palavras que escolhemos denunciam nossas crenças, valores, o que realmente pensamos e nossa visão de mundo.

Fazendo uma analogia aos órgãos do corpo humano, baseada na ideia de Marcuschi (2001), mais importante do que a boca, os ouvidos ou os olhos é o que faremos com eles, em outras palavras, o importante é o que faremos com a capacidade que cada um desses órgãos possui. Isso não quer dizer que poderemos falar ou escrever da forma como bem entendemos em qualquer situação discursiva, até a variação tem um limite que deve ser respeitado para que haja interação entre os interlocutores e para que o objetivo comunicativo seja alcançado.

A variação da língua portuguesa permeia as suas duas modalidades: o oral e o escrito. Portanto, no momento em que somos levados, por exemplo, a retextualizar um texto do oral para o escrito, precisamos saber quais os vocábulos, as variações, as expressões que mais se adequam ao contexto do novo texto que - de acordo com a proposta desse trabalho - será registrado a partir da escrita e em outro gênero discursivo, neste caso, do gênero entrevista para o gênero relato. Essa adequação é importante para que o aluno compreenda que não existe língua certa ou errada, mas que é necessário usar a variante adequada para cada situação de comunicação.

Os gêneros orais formais públicos são de suma importância para a interação sociodiscursiva, sejam com a finalidade de desenvolver as capacidades sociolinguísticas para atividades sociais da vida pública, sejam para desenvolver a aprendizagem escolar, como é o caso do gênero entrevista, já que, de acordo com Dolz et al (2013), é um gênero discursivo que possibilita o desenvolvimento das capacidades cognitivas e sociolinguísticas que os discentes precisam para participar das práticas sociolinguísticas do ambiente escolar.

O gênero oral, bem como o gênero escrito, faz a mediação entre o locutor e o interlocutor no que se refere à mediação da atividade de linguagem; mesmo assim, não é tarefa simples usá-lo da forma correta, pois, conforme Marcuschi (2008), os gêneros, em geral, não são fáceis de manipular, principalmente os gêneros formais públicos, devido às regras externas que lhes são impostas.

No que concerne o gênero relato, esse também possui seus diferentes tipos, como por exemplo, o relato pessoal, relato de família e relato de experiência. Dependendo do contexto da situação de produção do relato, esse gênero discursivo - assim como a entrevista - pode apresentar uma variação mais formal ou informal e, dessa forma, aceitar gírias, expressões populares e até repetições desde que adequadas ao texto.

Dentro da nossa proposta de retextualização, além do aluno modificar a modalidade da língua utilizada, ele também mudou o gênero discursivo utilizado. De forma mais compreensível, os discentes, participantes do projeto, tiveram como tarefa de pesquisa produzir entrevistas orais, transcrevê-las e, por fim, retextualizá-las para a modalidade escrita

da língua transformando os dados coletados em um outro gênero discursivo, nesse caso, o relato. Assim, notamos mais uma diferença no processo de retextualização, pois a entrevista é de natureza dialógica, enquanto o relato apresenta características monológicas.

Como os relatos foram publicados em um fotolivro que encontra-se disponível na biblioteca da cidade e na escola na qual esta pesquisa foi desenvolvida, os discentes, no momento do processo de retextualização, fizeram modificações no texto para que o texto-final ficasse adequado ao nosso contexto de produção, levando em consideração o suporte no qual foram registrados os textos e os interlocutores, que nesse caso foi toda a comunidade itapororoquense.

Assim, a retextualização das entrevistas apresentou diferenças linguísticas, modificação na sequência da narração dos fatos, a precisão do que é relevante, a modificação do tom emocional ao tom neutro, o apagamento das perguntas com ênfase em um texto narrativo - no relato - apenas com as respostas dos entrevistados, entre outros aspectos⁵.

4.3 Aspectos envolvidos no processo de retextualização

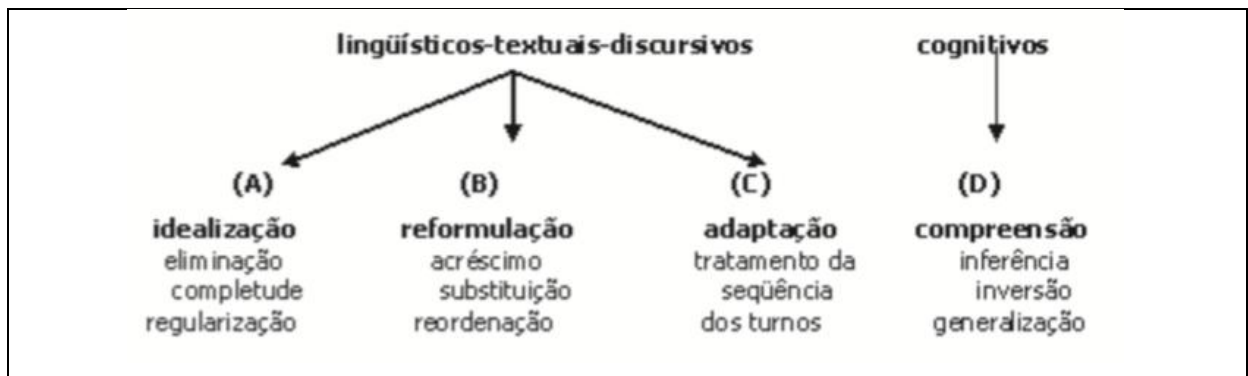
Deve-se ter muito cuidado na relação entre o oral e o escrito no processo de retextualização para que não se entenda a fala como um texto informal e a escrita, formal. De acordo com os estudos de Marcuschi (2010) realizados com alunos da graduação em Letras na Universidade Federal de Pernambuco e de várias séries do ensino fundamental e médio em uma escolar pública no Recife, chegou-se a conclusão de que “formal/informal, tenso/distenso, controlado/livre, elaborado/solto etc. são usos e não atribuições da língua. Muito menos características de uma modalidade de uso da língua”. (2010, p. 68)

Não se pode ignorar, lógico, que a língua tem regras, mas a decisão de usar uma expressão mais coloquial em um texto – seja ele oral ou escrito – é uma decisão ligada ao campo de atuação do discurso, mesmo estando ainda no contexto da língua e, por isso, podemos afirmar que a oralidade e a escrita não são línguas diferentes, mas a variação de uma mesma língua.

Marcuschi (2010) elaborou um quadro de sugestões em relação à distribuição dos fenômenos que podem ser analisados nos processos de retextualização.

⁵ No livro *Da fala para a escrita: processos de retextualização*, Marcuschi (2010) nos chama a atenção para a consideração de aspectos relativos às condições de produção dos textos, bem como da diferença de modalidade.

FIGURA 4
ASPECTOS ENVOLVIDOS NOS PROCESSOS DE RETEXTUALIZAÇÃO



Fonte: MARCUSCHI (2010, p. 69)

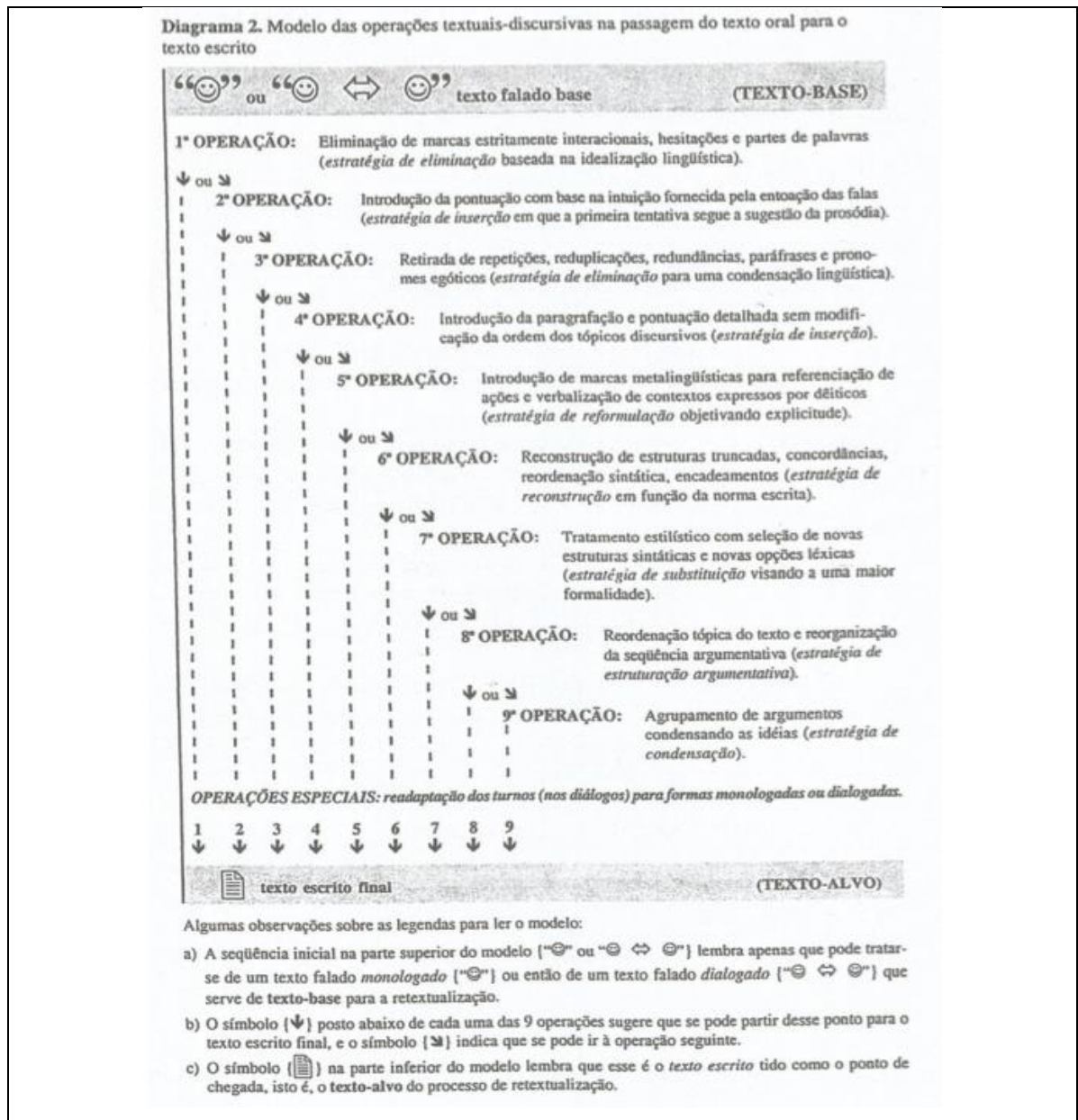
Os conjuntos A, B e C referem-se a operações linguísticas-textuais-discursivas como um todo. O conjunto D, que compreende o aspecto cognitivo, conduz a processos relativos à compreensão de um modo geral e sugerem mudanças mais complexas, como por exemplo, o entrevistador acrescentar informações à fala do entrevistado sem sua autorização.

A partir dessas informações podemos verificar que a tarefa de retextualização, apesar de ser um processo simples, acaba sendo uma atividade perigosa, pois o código não é simplesmente um depósito de sentidos, esses são produzidos na relação do sujeito com a língua, dos sujeitos entre si e na complexa articulação com outras instâncias de produção e funcionamento da língua. (MARCUSCHI, 2010, p.72)

4.4 As operações na retextualização

Em seus estudos sobre o processo de retextualização, o próprio Marcuschi (2010) afirma que é um tanto quanto perigoso construir um modelo de retextualização, principalmente pelo fato de esse se tornar uma fórmula de se produzir resultados. No entanto, o autor nos fornece um modelo que serve para trabalhar tanto no ensino como na investigação da retextualização.

FIGURA 5
MODELO DAS OPERAÇÕES TEXTUAL-DISCURSIVAS NA PASSAGEM DO
TEXTO ORAL PARA O TEXTO ESCRITO



Fonte: MARCUSCHI (2010, p. 75)

Esse modelo não representa uma sequência com operações hierárquicas, pois no processo de retextualização o passo a passo pode não seguir essa ordem e talvez nem todas as operações sejam necessárias, já que o autor do texto pode concluir sua atividade, ou seja, chegar ao texto-alvo, parando em qualquer ponto do processo. Logo, uma retextualização pode ser bem-sucedida sem passar por todas as etapas propostas e sem seguir a ordem do modelo aqui exposto. Com base nisso, “esse modelo pode ser considerado um aferidor da maturidade lingüística do retextualizador quanto à consciência das diferenças da relação entre fala-escrita”. (MARCUSCHI, 2010, p. 76)

Marcuschi (2010) agrupa as nove operações em dois grandes conjuntos: I) Operações que seguem regras de regularização e idealização, que abrangem as operações 1 - 4 e II) Operações que seguem regras de transformação, que abrangem as operações 5 - 9. É interessante destacarmos que essas operações mantêm uma relação entre si ao ponto de ser muito difícil, mesmo o retextualizador não sendo obrigado a passar por todas as etapas, de o operador do texto fazer uso de apenas uma operação.

Em relação ao primeiro conjunto, há uma necessidade de

“disciplinar o texto”, dando-lhe a aparência mínima da escrita que teria normas mais específicas, embora a oralidade tenha suas normas tácitas. As operações aqui são as de eliminação (ligadas a uma sensação de depuração), apesar de duas operações sugerirem inserção de elementos novos (a pontuação e o parágrafo). Pode-se afirmar que, com o predomínio das eliminações, as operações 1-4 não são propriamente de transformação e sim de idealização linguística. (MARCUSCHI, 2010, p. 80 – Destaque do autor)

A primeira operação tem como objetivo a eliminação de hesitações, segmentos de palavras iniciadas e não concluídas, sobreposições e partes transcritas como duvidosas e de elementos típicos da produção oral (né, sabe, viu etc.). A segunda operação é o primeiro passo de inserção de elementos no texto através da introdução da pontuação diacrítica e formal, já que a fala não dispõe desse recurso. Essa pontuação, de acordo com Marcuschi (2010 p. 78), é quase espontânea e depende principalmente de fenômenos prosódicos, em especial a entoação. Além disso, a pontuação chega a ser uma forma de interpretação do texto-base, pois ela pode sofrer variações dependendo do retextualizador.

A terceira operação está diretamente ligada a primeira, pois trata-se da eliminação de redundâncias, das repetições imediatas e das autocorreções que são características da oralidade. Portanto, “não se trata de condensação informacional, mas simplesmente de uma retirada de elementos sentidos como desnecessariamente reduplicados, para a produção escrita”. (MARCUSCHI, 2010 p. 78)

A quarta operação é considerada como estratégia de introdução de parágrafos, que na maioria das vezes vai sendo melhorada a depender do número de operações realizadas, ou seja, é uma operação que sofre, de forma direta, alterações à medida que outras operações são realizadas.

A quinta operação trata-se da intrdução de marcas linguísticas objetivando a explicitude do conteúdo do texto, já que no texto escrito, o retextualizador não utiliza o contexto físico e aspectos não-verbalizados, como assim é feito no texto oral. Assim, um “aqui”, “lá” ou “ele” precisam ser substituídos por um local e um nome para que o conteúdo

seja totalmente entendido. Na sexta operação, de acordo com Marcuschi (2010), encontramos o peso maior da normatização da escrita. Nessa operação o retextualizador poderá fazer a reconstrução de estruturas truncadas, encadeamentos, reordenação sintática e as devidas concordâncias.

A sétima operação diz respeito à solução de problemas relacionados à estruturas sintáticas, pois o retextualizador pode, se necessário, selecionar novas estruturas sintáticas ao texto-base. A oitava operação tem como objetivo a reorganização das sequências argumentativas e o reordenamento dos tópicos do texto. Ambas as operações exigem alto domínio da escrita e a interpretação correta do texto-base para que não aconteça uma transformação problemática e até um falseamento durante o processo da retextualização.

Por fim, a nona e última operação está diretamente ligada à operação anterior, pois também se trata de uma reordenação textual. Contudo, a nona operação apresenta uma tendência em reduzir o texto, ou seja, é uma estratégia de condensação que estabelece as diferenças entre resumir e transformar. Segundo Marcuschi (2010, p. 87), a eliminação realizada nesta última operação pode atingir graus diferentes a depender dos objetivos, não se tratando de um simples resumo.

Assim, analisando as nove operações do modelo de retextualização proposto por Marcuschi, notamos que em quase metade das etapas temos processos de eliminação, indicando que redundâncias e repetições nas informações são características da oralidade. Por outro lado, sob o ponto de vista da sociolinguística, é necessário ter cautela durante o processo de retextualização do oral para o escrito, para não descaracterizar aspectos identitários relevantes - já que a fala é um fator de identidade – ou produzir retextualizações preconceituosas, como comumente acontece em entrevistas, “quando se encobre ou se enfatiza a procedência sociocultural do entrevistado por estratégias de substituição/manutenção lexical ou ênfase de idiossincrasias e realizações socioletais” (MARCUSCHI, 2010, p. 88).

4.5 Os turnos na retextualização: operações especiais

Geralmente a entrevista oral se apresenta com grandes semelhanças estruturais das entrevistas impressas encontradas nas páginas amarelas das revistas de grande circulação. Normalmente na passagem do texto oral para o escrito os turnos são mantidos e o retextualizador utiliza das nove operações propostas no modelo de retextualização de Marcuschi (2010).

De forma complementar a esse modelo das operações textuais discursivas na passagem do texto oral para o escrito, o autor apresenta um subconjunto com três técnicas básicas encontradas na transformação dos turnos durante a passagem do oral para o escrito: I) técnica de manutenção dos turnos, II) técnica de transformação dos turnos em citação de fala e III) técnica de transformação dos turnos em citação de conteúdo.

A primeira técnica – manutenção dos turnos – ocorre na maioria das vezes em entrevistas que são publicadas na íntegra e com a indicação dos envolvidos. Nesse caso, há uma verbalização de aspectos interativos que, na oralidade, são acessíveis aos interlocutores e no momento da transcrição são colocados no texto escrito como comentários do transcritor. Assim, surgem expressões como: ((falando em voz alta)), ((olhando para cima)), ((respondendo)).

A técnica de transformação dos turnos em citação de fala – bem como a terceira técnica - é a mais comum e apresenta um maior número de operações e aspectos mais complexos. Nessa técnica não mais se mantêm os turnos, mas persiste “uma parcela da produção alheia na inserção de falas diluídas em duas ou mais vozes ainda identificáveis por recursos que na escrita se dão graficamente pela introdução das aspas e atribuição de autoria”. (MARCUSCHI, 2010, p. 90). Além disso, as falas transcritas entre aspas nem sempre equivalem exatamente ao que o autor produziu, pois, o transcritor elimina as repetições, os marcadores conversacionais etc.

A Terceira técnica é a de transformação dos turnos em citação de conteúdo que equivale ao que chamamos de discurso indireto, na qual se neutraliza todos os turnos e falas individuais dos participantes. Como ocorre em entrevistas jornalísticas que são retextualizadas em artigos, o texto final se apresenta como uma recriação completa com ênfase na manutenção do conteúdo.

Mesmo que o aluno escolha qual a técnica que ele seguirá, podemos assegurar, a partir da pesquisa de Marcuschi (2010), que as três técnicas dificilmente se dão de forma pura, principalmente quando se trata das técnicas II e III.

A seguir, mostraremos o percurso metodológico, apresentando a natureza do nosso trabalho, o conceito da pesquisa qualitativa, a delimitação do *corpus*, o contexto no qual a pesquisa foi realizada e o perfil dos alunos.

5. CAMINHOS METODOLÓGICOS E DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES

Nesse capítulo, descrevemos todas as fases das atividades realizadas com a turma do 7º ano B de uma escola pública do estado da Paraíba, ou seja, um relato do processo de aplicação e desenvolvimento de todas as etapas deste trabalho, após a sua aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS, cuja autorização se deu por meio do parecer nº 2.680.226. CAAE: 88780218.1.0000.5188.

Uma vez recebida a autorização do Comitê de Ética no dia vinte e oito de maio de 2018, pudemos dar prosseguimento às ações por nós planejadas, para que pudéssemos, conforme proposto em nosso objetivo geral: analisar como se dá o processo de retextualização do gênero oral entrevista para o gênero escrito relato visando a um melhor conhecimento dos usos da língua por parte dos alunos, em contexto de resgate de histórias ligadas à memória da cidade de Itapororoca – PB.

5.1 Caracterização da pesquisa

A fim de atingir os objetivos explicitados neste trabalho de Mestrado, na linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade e práticas docentes, a presente pesquisa é de natureza qualitativa, em conformidade com as pesquisas da área das Ciências Humanas, que tendem a apresentar técnicas de pesquisa dessa natureza. Surgida no meio acadêmico na década de 70, advinda de um movimento reformista, conforme Bortoni-Ricardo, a pesquisa de natureza qualitativa é de suma importância para as atividades realizadas em sala de aula já que registra cada um dos eventos relacionados à aprendizagem.

Como aponta Bortoni-Ricardo (2008),

O docente (...) estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 13).

Assim, a autora afirma que o professor que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico torna-se um verdadeiro pesquisador da sua prática e, com isso, adquirirá maior facilidade para entender as interações na relação professor-aluno.

Como a pesquisa qualitativa é um método de investigação que mantém seu foco no caráter subjetivo do objeto analisado, neste trabalho tem-se como objetivo estudar as particularidades da descrição e análise de atividades de retextualização do oral (através do gênero entrevista) para o escrito (a partir do gênero relato) visando a um melhor conhecimento dos usos e das mudanças na língua ocorridas nesse processo em contexto de resgate de histórias ligadas à memória da cidade de Itapororoca – PB.

De acordo com Tripp (2005), a pesquisa-ação é um dos inúmeros tipos de investigação-ação no qual

se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (TRIPP, 2005, p. 446).

Portanto, esse tipo de pesquisa vai muito mais além da construção de conhecimento, ela acaba por conduzir também a uma prática social.

Dessa forma, conforme as orientações da pesquisa-ação, seguimos as seguintes fases:

- a) Sondagem através de exercícios com os alunos participantes da pesquisa para verificar as noções da relação existente entre oralidade e escrituralidade que a turma já possui;
- b) Elaboração de uma proposta de intervenção que se proponha a sanar os problemas encontrados na fase anterior a partir da correção das atividades produzidas anteriormente a fim de levá-los à reflexão sobre o uso da língua e de sua dinâmica social;
- c) Orientações para a produção e transcrição de entrevistas orais estruturadas, realizadas individualmente, com pessoas que apresentam histórias e fatos ligados à memória da cidade de Itapororoca – PB, empreendendo práticas sociais a partir da realização da atividade proposta.
- d) Estudo do contínuo oralidade-escrituralidade e dos elementos constituintes do processo de retextualização a partir de aulas expositivas e interativas como forma de orientar os alunos na atividade de retextualização.
- e) Retextualização das entrevistas orais em relatos de experiência escritos sobre as histórias ligadas à memória da cidade de Itapororoca adequados à situação de produção que será um fotolivro.
- f) Atividade de reescrita do relato de experiência com o objetivo de aprimorar o texto final, para que, dessa forma, o aluno observe a maior elaboração que o processo da escrita necessita.

g) Descrição do texto final e análise dos aspectos da retextualização do texto oral (entrevista) para o texto escrito (relato) realizadas pela professora pesquisadora a partir do modelo sugerido por Marcuschi (2010) a fim de garantir aprendizagem significativa quanto a relação de continuidade entre a oralidade e a escrita.

Os textos que serviram para a nossa análise foram as produções finais dos alunos que, nesse caso, trata-se do gênero relato na modalidade escrita da língua. Vale ressaltar que a fim de preservar a identidade dos alunos participantes do projeto, fizemos a opção de substituir o nome dos discentes por suas respectivas iniciais.

As nossas ações foram fundamentadas nos preceitos teóricos de Tinoco (2008), Rojo (2009) e Kleiman (2007) em relação ao letramento; Bakhtin (2010), Cavalcanti (2013) e Schneuwly e Dolz (2004) sobre os gêneros discursivos; Hoffnagel (2010) e Reyzábal (1999) no que diz respeito ao gênero entrevista e Koch (2007), Matêncio (2001) e Marcuschi (2008/2010) em relação à fala e a escrita e processos de retextualização.

Salientamos que a turma participante da pesquisa tem um número reduzido de alunos, portanto, todos os estudantes puderam participar da pesquisa, desde que seguissem os seguintes critérios de inclusão:

1. Ter consentido participar da pesquisa e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o TCLE;
2. Ter colaborado com todas as etapas da pesquisa desde a apresentação da atividade proposta até a produção final;
3. Ter produzido os textos pertencentes aos gêneros solicitados pelo pesquisador que, nesse caso, tratam-se da elaboração de entrevistas e relatos.

A partir de diversos elementos linguístico-discursivos encontrados nos textos produzidos pelos alunos, em diferentes momentos da pesquisa, verificamos a adequação da linguagem utilizada pelo aluno à situação proposta no momento de produção a partir dos diferentes usos da linguagem, bem como os elementos constituintes na produção dos alunos no momento da retextualização.

Dessa forma, a pesquisa que ora se apresenta foi além da simples observação, configurando-se como uma ação planejada com fins educacionais para alcançar um resultado prático e satisfatório em sala de aula. No caso do nosso projeto, foi levar os alunos a conhecer melhor os usos da língua e das mudanças ocorridas no processo de retextualização do oral para o escrito, atentando-se à adequação que foi levada em consideração nas diversas situações comunicativas, o que caracteriza esse projeto como uma pesquisa-ação, termo aplicado a quaisquer tipos de tentativa de melhora ou de investigação da prática.

A produção e a coleta dos textos foram realizadas na própria sala de aula na qual foi desenvolvida a pesquisa. Vale salientar que os gêneros em estudo, entrevista e relato, já fazem parte do conteúdo programado no planejamento anual do 7º ano de modo que não atrapalhou o andamento dos demais conteúdos curriculares da turma.

O assunto explorado na elaboração da entrevista oral bem como na retextualização da produção de relatos escritos parte da realidade dos alunos, já que todos são itapororoquenses, contribuindo não apenas para a sua formação escolar, como também para a sua formação como cidadão.

Essa proposta corrobora com o que é postulado por Schneuwly e Dolz (2001), ao defenderem que a produção de textos deve partir da necessidade ou contexto social em que se encontram os sujeitos. A mesma orientação é dada pela Base Nacional Comum Curricular, ao postular que nós, como professores de Língua Portuguesa, devemos

garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para a participação social e o exercício da cidadania, pois é por meio da língua que o ser humano pensa, comunica-se, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo e produz conhecimento. (BRASIL, 2017, p. 63).

Dessa forma, temos a garantia que as aulas as quais foram ministradas seguiram no caminho certo a partir do uso social da linguagem.

Devido a nossa opção metodológica pela aplicação do modelo de retextualização de Marcuschi (2010), delimitamos duas aulas, cada uma com duração de 45 minutos, as quais foram destinadas à apresentação do projeto e demais informações, a saber: os gêneros que foram abordados, em que situações ocorreram as produções textuais, qual foi o objetivo a ser alcançado com as produções e a importância do projeto.

Em um segundo momento, realizamos exercícios com os alunos a fim de verificar o que eles entendiam da relação existente entre oralidade e escrituralidade, que serviu de base para o planejamento das aulas sobre oralidade, escrituralidade, o contínuo oralidade-escrituralidade e retextualização para que, dessa forma, pudéssemos construir uma proposta de intervenção que levasse os alunos a conhecer melhor os usos da língua e das mudanças ocorridas no processo de retextualização.

Posteriormente, partimos para as orientações necessárias sobre o gênero entrevista com o objetivo de auxiliar os alunos na produção e transcrição de entrevistas orais estruturadas, realizadas em grupos. Logo após os alunos foram conduzidos à produção de uma atividade de retextualização de entrevistas orais em relatos de experiência escritos sobre

as histórias ligadas à memória da cidade de Itapororoca adequados à situação de produção que foi um fotolivro.

Dessa forma, trabalhamos a produção de textos conforme os postulados de Marcuschi, quando orienta que “sendo o texto um evento singular e situado em algum contexto de produção, seja ele oral ou escrito, no ensino, é conveniente partir de uma situação e identificar alguma atividade a ser desenvolvida para que se inicie uma comunicação.” (MARCUSCHI, 2008, p. 212).

5.2 Contexto da pesquisa

A pesquisa contemplou um total de 13 (treze) alunos que cursam o sétimo ano do segundo ciclo do ensino fundamental no turno da tarde em uma escola estadual pública, localizada na cidade de Itapororoca – PB.

A referida escola possui um bom espaço físico para as atividades extras e recreativas, biblioteca com um número significativo de obras literárias e livros didáticos para pesquisa, oferece educação regular para alunos do 3º ao 9º ano, bem como o ensino de jovens e adultos, além de programas que ajudam no desempenho educacional dos discentes que apresentam dificuldades, como o Alumbrar (que tem como objetivo a organização da trajetória escolar e a motivação à continuação dos estudos, permitindo o ingresso dos alunos no ensino médio no tempo adequado) e o Mais Educação, programa criado com o intuito de melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, otimizando o tempo de permanência dos estudantes na escola.

O corpo docente da escola é formado por vinte e sete professores contratados e efetivos, todos especializados nas suas respectivas disciplinas com, no mínimo, cinco anos de experiência profissional e que sempre estão interagindo a partir da realização de projetos e atividades interdisciplinares.

Os discentes, em sua totalidade, são pertencentes a famílias de baixa renda, algumas marcadas por situações de vulnerabilidade econômica e psicossocial. A maioria dos alunos residem no mesmo bairro em que estudam – apenas os alunos da zona rural são exceções e estes faltam bastante às aulas por causa da precariedade do transporte fornecido pelo município.

Dessa forma, os discentes vivem em torno de um ambiente propenso à violência e sentimos a necessidade de realizar atividades escolares que pudessem incluir também a comunidade, pois esses alunos chegam à escola totalmente desestimulados.

É necessário destacar que os resultados obtidos na pesquisa através das atividades de retextualização serão divulgados junto aos participantes, bem como na escola onde a intervenção foi realizada, de modo a atingir toda a comunidade escolar.

5.3 Compreendendo a proposta: primeiras ideias

Procuramos nortear as nossas aulas e as atividades em sala de aula para levar os alunos à reflexão sobre o uso da língua e de sua dinâmica social, por meio do contínuo do oral para o escrito; possibilitar a ampliação do domínio dos usos da linguagem oral e escrita a partir de exercícios de retextualização para que os alunos possam usá-la de forma eficiente e competente. Além disso, também objetivamos promover a retextualização da entrevista para o relato por meio do contínuo oralidade-escrituralidade de histórias ligadas à memória da cidade de Itapororoca – PB, instrumentalizando os alunos a empreenderem práticas sociais através da realização da pesquisa e analisar, no texto final produzido pelos alunos, como se deu o processo de retextualização do oral para o escrito baseando-se no modelo sugerido por Marcuschi (2010).

Portanto, descreveremos todos os momentos vividos ao longo da aplicação do projeto de pesquisa, desde a apresentação da ideia, das atividades aplicadas e das produções textuais até a publicação do fotolivro.

Delimitamos duas aulas para apresentar aos alunos a nossa pesquisa, mas levamos as três aulas do dia na turma do 7º B para conseguirmos atingir esse objetivo. Por meio de slides, passamos todas as informações necessárias para que os alunos pudessem compreender qual seria a nossa proposta: os gêneros que seriam abordados, em quais situações ocorreriam as produções textuais, qual o objetivo a ser alcançado com as produções e a importância do projeto.

Nesse primeiro momento, fizemos a explanação da justificativa que nos fez pensar na temática do projeto a partir do levantamento de questionamentos sobre como trabalhar gêneros orais em sala de aula, como levar o aluno a adquirir a consciência de que a relação entre a oralidade e a escrita deve ser vista como um contínuo e que a escrita não é uma modalidade superior à fala e sobre qual seria o caminho mais eficaz para o aluno compreender as características do texto oral e do texto escrito, sabendo aplicá-las em diferentes contextos.

Enfatizamos de forma bastante clara os objetivos, geral e específicos, do nosso projeto para que os alunos compreendessem que a nossa proposta não seria levar mais “trabalho” para eles, mas se trataria de uma forma de instrumentalizá-los a empreenderem práticas sociais a partir da realização da pesquisa. Em seguida, partimos para a apresentação da metodologia, mostrando, por meio de slides, o passo a passo do projeto e explicando da forma mais simples possível as atividades que seriam realizadas em cada etapa e seus respectivos objetivos.

Após esse primeiro momento de apresentação do projeto, fizemos uma roda de conversa com os alunos para que eles se sentissem à vontade para fazer perguntas, tirar dúvidas ou fazer alguma sugestão sobre tudo o que havia sido exposto. Aproveitei para perguntar aos alunos se todos desejariam participar do projeto de pesquisa e todos os presentes responderam que gostariam de participar, ou seja, tivemos a confirmação de participação dos oito alunos presentes na aula, já que os outros cinco discentes faltam bastante e três desses faltosos já são considerados desistentes pela instituição escolar, que é uma situação real nas escolas públicas. O índice de repetência, a precariedade na estrutura da instituição escolar, a necessidade de trabalhar para ajudar no rendimento familiar, a falta ou a redução de transporte (principalmente dos alunos da zona rural) bem como a falta de atratividade da escola contribuem para esse cenário. Por isso a importância de trabalharmos com conteúdos e atividades que façam ponte com a realidade do aluno.

Na semana seguinte, como combinado com a turma, em uma sequência de três aulas, aplicamos uma atividade de sondagem, a fim de verificar as noções que os alunos já possuem da relação existente entre oralidade e escrituralidade. Para isso, os oito alunos presentes na aula responderam a uma atividade baseada em uma entrevista oral que se encontra no próprio livro didático adotado pela escola. Em um primeiro momento, fizemos a leitura do texto e, em seguida, acompanhamos o áudio da entrevista. Após ouvir o áudio do texto, os alunos começaram a fazer alguns comentários, como: “tem muita repetição”, “o entrevistado fala como a gente, porque ele usa né, aí...” e “tem até risada no texto, é engraçado”. Aproveitei o momento para mostrar aos alunos que a forma de falar do entrevistado é uma característica da modalidade oral da língua e que as repetições e expressões informais ouvidas no áudio da entrevista fazem parte do universo da oralidade.

Assim, explicamos aos alunos que o gênero oral formal entrevista, tornou-se um gênero que se apresenta como uma força poderosa na sociedade atual e explorando-o poderemos reforçar o estudo da língua materna a partir de diferentes contextos, pois sabe-se que existem diversas formas de entrevistas e dependendo do contexto e do tipo de entrevista

usada em determinada situação, esse gênero pode estar mais situado no campo da escrita ou da oralidade.

Após as orientações necessárias, os alunos começaram a responder à atividade. Na primeira questão, os discentes teriam que apenas compreender a entrevista e identificar alguns elementos, como: quem é o entrevistador, o entrevistado, o tema abordado etc. A segunda questão já levava o aluno a refletir sobre o planejamento necessário que o gênero entrevista necessita e pedia que eles respondessem, em relação ao texto lido, se o entrevistador preparou um roteiro ou improvisou as perguntas durante a realização da entrevista. Em ambas as questões os alunos praticamente não apresentaram dificuldade, até porque havíamos conversado sobre esses pontos antes do início da atividade, já que dois alunos tinham apresentado dúvidas.

A terceira questão, relacionada as características da oralidade presentes no texto, solicitava que os discentes identificassem nas falas do repórter (entrevistador) e do desenhista Laerte (entrevistado), passagens do texto que comprovasse tratar-se de uma entrevista oral. Alguns alunos copiaram frases do texto, mas a maioria explicou com as suas próprias palavras que o texto seria de natureza oral por apresentar repetições, pausas, palavras informais típicas da oralidade, com exceção de dois alunos que deixaram a questão em branco e explicaram que não sabiam dizer o porquê da entrevista estudada ser considerada um texto oral.

Como forma de auxiliar os dois alunos que não conseguiram responder à questão, instigamos os discentes a buscarem as respostas realizando uma comparação entre a entrevista e um outro texto do livro didático. Dessa forma, conseguimos auxiliá-los a notar que algumas expressões presentes na entrevista como algumas repetições, pausas durante a fala do entrevistado e vocábulos informais presentes na entrevista seriam características de um texto oral.

Na quarta questão, após a leitura do box “Na fala, o controle é menor”, também presente no livro didático trabalhado em sala de aula, os discentes teriam que identificar no texto lido um exemplo de repetição, um exemplo de pausa e um exemplo de informalidade na língua. Os exemplos de pausa e repetição foram facilmente identificados, mas alguns alunos apresentaram um pouco de dificuldade para transcrever um exemplo de informalidade.

No final da aula, fizemos a correção coletiva da atividade de sondagem e, detectados os problemas apresentados pelos alunos, retomamos o texto para identificarmos os termos presentes na entrevista que a caracterizou como oral e destacamos a diferença entre formalidade e informalidade, mostrando aos alunos que na entrevista, geralmente, predomina a linguagem coloquial, mas que isso depende da situação e do perfil do entrevistado. Dessa

forma, garantimos que os alunos conseguiram compreender o gênero entrevista e as características das modalidades da língua.

Realizando atividades como essa, motivamos o trabalho com a oralidade em sala de aula, atividade tão importante, mas que é deixada de lado na maioria das salas de aula de língua portuguesa. Além disso, estudando a relação entre formalidade e informalidade nos textos e as características de cada uma das modalidades da língua, combatemos a ideia de que existe uma relação de poder entre a oralidade e a escrita, na qual a escrita é sempre considerada como superior e levando o discente a compreender essa relação como um contínuo e não como sobreposição do texto escrito sobre o texto oral.

5.4 Mergulhando no universo da transcrição

A segunda atividade proposta foi realizada em duplas com o propósito de analisar uma entrevista oral transformada em entrevista escrita, além de apresentar aos alunos as siglas comumente usadas no processo de transcrição da modalidade oral para a modalidade escrita a partir dos pressupostos teóricos de Marcuschi (2010).

Em três aulas retomamos a discussão acerca da oralidade e da escrituralidade e enfatizamos que o processo de transcrição do oral para o escrito é de suma importância para auxiliar os alunos a refletirem sobre os usos das modalidades da língua.

Aproveitamos para ratificar que durante a transcrição algumas modificações deveriam ser feitas no texto e que algumas expressões, que são características da oralidade, aparecem no texto escrito através de siglas. Em seguida, os alunos leram o trecho da primeira entrevista contida no material trabalhado e todos ficaram sem entender os símbolos presentes, já que se tratava da transcrição de um texto oral para o escrito.

Diante da curiosidade dos educandos, apresentamos o quadro de sinais (ou siglas) usadas no processo de transcrição e, em conjunto, fomos identificando cada um dos sinais no texto transcrito. Logo após cada um dos alunos preencheram a coluna em branco do quadro das siglas de transcrição com exemplos de cada uma das ocorrências. Esse momento foi bastante divertido, pois os alunos tentaram ler o trecho da entrevista antes e depois da apresentação das siglas e viram que só puderam compreender o texto após entenderem o significado de cada um dos sinais.

Ainda sobre esse primeiro texto, os discentes responderam a pergunta sobre a possível eliminação de palavras ou mudanças no vocabulário, caso a entrevista tivesse sido realizada na modalidade escrita, e, para minha surpresa, todos os alunos responderam corretamente,

cada um do seu jeito, afirmando que se a entrevista tivesse sido realizada na modalidade escrita, o entrevistado teria mais tempo para pensar nas respostas e, com isso, impediria a ocorrência de diversas pausas e alguns erros gramaticais.

Nesse momento, foi exposto para os alunos que os gêneros orais são tão importantes quanto os gêneros escritos para a interação social, pois de acordo com a finalidade da ação discursiva, do contexto que o falante encontra-se inserido no momento da interação, ele poderá escolher a forma oral ou escrita dos gêneros ou se o texto oral ou o texto escrito que ele escolher para interagir socialmente será mais ou menos formal.

Dessa forma, procuramos mostrar para os discentes, mais uma vez, que é um equívoco tratarmos a relação entre o oral e o escrito como modalidades opostas, e que seria muito mais adequado vermos essas duas modalidades como formas de usar a linguagem.

A segunda parte da atividade, para analisar a técnica de transcrição, contou-se com um segundo texto retirado do livro *Da fala para a escrita*, de Luiz Antônio Marcuschi (2010, p. 104). O referido texto foi apresentado em duas versões, na qual a primeira versão é a original de uma entrevista oral realizada em um programa de TV, enquanto a segunda versão trata-se da mesma entrevista, porém na sua forma retextualizada e publicada em um jornal na modalidade escrita. Com base nesses textos, os alunos tiveram que identificar as modificações realizadas, o que foi eliminado, o que foi acrescentado, se o vocabulário foi o mesmo nas duas versões, se a estrutura de perguntas e respostas se manteve e, com as suas palavras, explicar por que houve modificações entre as duas versões do texto.

Dos oito alunos participantes, três responderam de forma eficaz, explicando quais foram as eliminações, os acréscimos e as demais alterações realizadas nas duas versões da entrevista; outros três alunos responderam corretamente, mas não explicaram com exemplos as modificações realizadas e dois alunos não conseguiram responder as duas últimas questões da atividade.

No final da aula, expomos aos alunos um quadro de Reyzábal (1999), no qual explica de forma bastante simples e objetiva as diferenças entre a língua oral e a língua escrita, mostrando que, por exemplo, enquanto na oralidade costuma-se ocorrer múltiplas repetições, interjeições, exclamações, onomatopeias, na escrita evitar-se essas repetições, pois precisamos levar em consideração a situação comunicativa que o texto esteja incorporado, aprendendo, assim, a controlar a linguagem, o propósito da escrita, o conteúdo e o contexto, construindo e transmitindo o conteúdo da mensagem de forma proficiente seja através de um texto oral ou escrito.

Na semana seguinte, fizemos a correção da atividade produzida anteriormente para tirarmos as dúvidas e podermos, dessa forma, levar os alunos à reflexão sobre o uso da língua e de sua dinâmica social a partir dos textos trabalhados em sala de aula e, também, com a participação dos educandos com outros exemplos retirados do livro didático adotado pela escola e também de outras fontes, como revistas e programas televisivos.

Dessa forma, pudemos ter a certeza da compreensão dos alunos sobre as características presentes em cada uma das modalidades da língua, a relação entre formalidade e informalidade, a importância do suporte e finalidade do texto produzido, além das características do gênero entrevista e da compreensão do processo de transcrição que, como salienta Marcuschi (2010, p. 49), “Transcrever a fala é passar de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados”. Portanto, a atividade de transcrição é um processo que requer uma série de cuidados para que não se interfira na natureza do discurso produzido no que concerne a linguagem e também o conteúdo apresentado no texto.

Ao final da aula, após a retomada da atividade e sua devida correção, apresentei aos alunos o termo *retextualização* e que esse processo pode se dar da fala para a escrita (que é o que nos interessa), da escrita para a fala e da escrita para a escrita. Também explicamos que é um processo diferente da transcrição e, com base nos dois textos presentes na atividade, solicitei que os alunos tentassem identificar a diferença. Para minha surpresa, todos começaram a mostrar suas opiniões e pude notar que eles realmente sabiam o que era retextualização, só não conheciam a nomenclatura.

Dessa maneira, conseguimos atingir mais um objetivo da nossa atividade, já que os alunos participantes do projeto demonstraram, através das atividades e das participações orais na sala de aula, terem entendido que a transcrição é a passagem de um código para outro código, enquanto a retextualização vai além, ao passo que no texto retextualizado há uma adaptação na perspectiva de uma das modalidades da língua, na qual fazemos modificações na forma de expressão do texto-base bem como no conteúdo.

Para finalizar a sequência de aulas, lembramos aos alunos que os processos de transcrição e de retextualização serão realizados por todos nas próximas etapas do projeto, após a produção das entrevistas orais. Salientamos, também, que a passagem da fala para a escrita é a passagem de uma ordem para outra ordem e, com isso, reafirmamos a ideia de que não existe relação de sobreposição entre a língua oral e a língua escrita, ambas possuem suas particularidades e seus modos.

5.5 Identificando os elementos do universo da transcrição

Na terceira atividade proposta, realizada individualmente, o objetivo a ser alcançado foi levar os alunos a compreenderem melhor a técnica da transcrição, os símbolos utilizados e o cuidado necessário para fazer a transposição de um texto oral para um texto escrito.

Após a leitura do texto retirado do livro *Da fala para a escrita*, de Marcuschi (2010) e a identificação e reflexão dos usos dos símbolos no processo da transcrição, retomamos a explicação sobre o processo da retextualização indagando os alunos se o texto lido estaria pronto para ser, por exemplo, publicado em um jornal. Todos os alunos disseram que não e justificaram as respostas afirmando que o texto não possui a pontuação adequada, que mesmo tendo sido passado para a modalidade escrita, ele ainda traz palavras que, na maioria das vezes, só encontramos na oralidade, já que não temos muito tempo para pensar no que vamos dizer e em como vamos nos expressar. Assim, pudemos verificar que cada um dos discentes entenderam a diferença entre transcrição e retextualização.

Dessa forma, os alunos começaram a responder a atividade cuja finalidade seria retextualizar o trecho do texto retirado do livro de Marcuschi (2010), fazendo as adaptações necessárias para que ele fosse publicado em uma revista, mais especificamente em uma matéria sobre experiências de brasileiros em viagens ao exterior. Em seguida, eles teriam que assinalar com um X os procedimentos usados no processo de retextualização e explicar, com as palavras deles, a decisão de realizarem essas modificações no texto.

No momento da retextualização, algumas dúvidas surgiram como o questionamento da aluna M.E.S.S.: “Eu devo continuar o texto em 1ª pessoa?”. Já o aluno A.A.S. perguntou se poderia usar a pontuação normal a partir daquele momento; a aluna E.V.O.P. quis saber se poderia acrescentar e mudar palavras no texto e G.B.D.D. perguntou: “Devo tirar as repetições do texto, como, por exemplo, substituir o nome mãe pelo nome progenitora?”.

À medida que as perguntas iam surgindo, nós parávamos a atividade para que as perguntas e as respostas pudessem ser compartilhadas com todos da turma e, dessa forma, a atividade pudesse ser finalizada sem mais nem uma dúvida.

A maioria dos alunos fizeram todas as modificações necessárias para o texto ficar adequado à situação de publicação. Portanto, retiraram as repetições, hesitações e interrupções do texto transcrito e as substituíram por pontuações; também fizeram a substituição de algumas palavras e também fizeram o acréscimo quando julgaram necessário, além de realizarem a correção gramatical de alguns vocábulos.

Na última questão da atividade, na qual foi solicitado a justificativa para os procedimentos realizados no processo de retextualização, tivemos diversas respostas interessantes. Alguns alunos afirmaram a necessidade das mudanças para que o texto pudesse ser apresentado com uma estrutura melhor, mais organizada e mais compreensível; outros, mais precisamente os alunos M.M.S. e O.S.S. responderam que tiraram as repetições e trocaram algumas palavras para facilitar a leitura e excluíram algumas palavras porque acharam desnecessárias.

Alguns alunos responderam que a forma oralizada do texto não está de acordo com textos que lemos em jornais e revistas, por isso justificaram as modificações realizadas. Porém, os alunos E.M.B. e M.E.S.S. modificaram tanto o texto, trocando até trechos inteiros, que algumas informações acabaram sendo distorcidas e outras foram perdidas no processo de retextualização. Assim, no momento em que verificamos esse fato, fizemos a intervenção para os dois alunos e, ao final da aula, compartilhamos o fato com todos da turma, explicando que o conteúdo da informação do texto não pode ser alterado na retextualização.

Ao final da atividade, destacamos que a variação da língua portuguesa permeia as suas duas modalidades: o oral e o escrito. Portanto, no momento em que somos levados, por exemplo, a retextualizar um texto do oral para o escrito, como foi a proposta dessa terceira atividade, precisamos saber quais os vocábulos, as variações, as expressões que mais se adequam ao contexto do novo texto e que essa adequação é muito importante para que o aluno compreenda que não existe língua certa ou errada, mas que é necessário usar a variante adequada para cada situação de comunicação.

Por fim, fizemos uma ligação entre a atividade realizada e as entrevistas que os alunos irão produzir, de forma que eles se conscientizassem que o processo de transcrição e o processo da retextualização farão parte da próxima etapa do nosso projeto e que trabalharemos com textos orais e escritos, os quais serviram de base para a realização dos dois processos estudados e trabalhados em sala de aula.

5.6 Um, dois, três... Gravando: A produção das entrevistas

Após o recesso escolar, pois a escola precisou seguir o calendário de aulas do município devido ao transporte que os alunos fazem uso, e por isso tivemos que encerrar as aulas antes da data prevista, fizemos uma retomada de tudo o que foi estudado ao longo das primeiras semanas de desenvolvimento do projeto, lembrando as características de cada uma das modalidades da língua, enfatizando a relação de continuidade entre a oralidade e a

escrituralidade, o processo da técnica da transcrição e retomamos o conceito de retextualização.

Em seguida, reafirmamos a importância das técnicas e processos trabalhados com os textos orais e escritos produzidos pelos alunos como forma de incentivá-los a refletir sobre os usos das modalidades da língua e sempre destacando que ambas as modalidades são importantes na comunicação.

Também relembramos a importância da realização das entrevistas para alcançarmos os objetivos do nosso projeto e, assim, demos início ao planejamento das entrevistas orais, escolhendo os itapororoquenses entrevistados e delimitando quais seriam as possíveis perguntas feitas a eles.

Para Marcuschi (2010), a entrevista é um gênero textual previsto para trabalhar tanto a prática de compreensão, quanto a prática de produção de textos. O autor também mostra que há relações diretas entre o oral e o escrito na realização do gênero entrevista. O entrevistador, para formular as perguntas, precisa buscar conhecimento sobre o assunto que será abordado, elabora as questões por escrito e as oraliza para o entrevistado. O entrevistado, por sua vez, responde oralmente às perguntas.

Portanto, com base nas orientações de Marcuschi (2010), foi solicitado antes do recesso escolar, que os alunos participantes do projeto pensassem em quem eles gostariam de entrevistar e quais perguntas eles fariam a pessoa escolhida com base em pesquisas realizadas por eles sobre a cidade de Itapororoca para poderem escolher a pessoa a quem eles gostariam de entrevistar e para facilitar a formulação das perguntas.

Com isso, fomos surpreendidos por uma verdadeira “chuva de ideias”, como assim denominamos o momento. Foram muitas sugestões advindas dos discentes e aqui se evidencia o que Geraldi (2013) postula: a importância da contribuição do aluno para as interações em sala de aula, pois é de suma importância que o professor ouça o que o aluno tem a dizer.

As oito pessoas escolhidas para serem entrevistadas foram itapororoquenses que têm muita história para contar sobre a fundação da cidade, a construção de escolas e pavimentação das ruas, sobre o desenvolvimento da agricultura, sobre a política da cidade e a formação de grupos partidários, entre outros.

As perguntas tiveram o seu número limitado em cinco para que as entrevistas não ficassem tão extensas e também para que o entrevistado pudesse ter mais liberdade para relatar suas lembranças sobre a cidade sem se prender aos questionamentos dos alunos. Portanto, as quatro primeiras perguntas foram comuns a todos os entrevistados por tratarem-se de perguntas de cunho pessoal para sabermos o nome, a idade, a profissão e a família do

entrevistado e a quinta pergunta foi pensada de acordo com o perfil de cada um dos entrevistados.

Por exemplo, um dos entrevistados foi vereador por muitos anos e vem de uma família de políticos. Logo, a pergunta elaborada pelo aluno foi “O senhor, como homem público, poderia compartilhar algumas recordações sobre a política da nossa cidade?”, a fim de delimitarmos o campo das lembranças que seriam relatadas pelo entrevistado.

Em outro caso, o entrevistado é fundador do primeiro e único cartório da cidade, então a pergunta foi elaborada da seguinte forma: “O senhor é fundador do primeiro cartório de Itapororoca e, provavelmente, presenciou momentos importantes da nossa cidade. O senhor poderia citar alguns?” para que, dessa forma, o objetivo fosse alcançado.

É importante ressaltarmos que outras perguntas foram surgindo à medida que a entrevista era realizada, com base nas lembranças relatadas pelos entrevistados.

QUADRO 2

PERGUNTAS ELABORADAS PELOS ALUNOS

01	Qual o seu nome e quantos anos tem?
02	Onde nasceu e há quanto tempo reside em Itapororoca?
03	Qual a participação e contribuição da sua família para o desenvolvimento da cidade?
04	Qual é (ou era) a sua profissão? E o que faz atualmente?

Elaboração: Própria, João Pessoa, 2018.

De posse das perguntas, fizemos o convite a cada um dos entrevistados para participarem do nosso projeto, a fim de nos autorizarem a entrevistá-los e também compartilhar o conteúdo extraído de cada uma das entrevistas, em um momento posterior, no fotolivro.

Dentro das possibilidades de cada um e paulatinamente, as entrevistas começaram a ser realizadas. Os alunos fizeram a gravação utilizando o aparelho celular – seja o gravador de áudio ou a câmera para filmagem - e se deslocaram, com o auxílio da professora, para a residência de cada um dos convidados.

Alguns dos alunos, no início de cada uma das entrevistas, se mostraram um pouco tímidos, mas ao decorrer do diálogo entre entrevistador e entrevistado se sentiram mais à vontade para fazer as perguntas. Isso foi relevante para que eles se utilizassem de mais informações para produzir o relato de experiência para o fotolivro, não se pretendo apenas as perguntas anteriormente planejadas.

Todas as entrevistas foram realizadas num clima de muita emoção por parte dos entrevistados, que foram ouvidos atentamente por cada um dos alunos. Isso se deve ao fato de termos atingido os limites possíveis do diálogo entre entrevistador e entrevistado, pois quando se estabelece o diálogo, o discurso passa autenticidade, passa emoção. Logo, os alunos foram muito mais além de simplesmente cumprir uma pauta, eles fizeram parte de cada uma das histórias relatadas.

Em relação às lembranças compartilhadas durante a realização das entrevistas, lembramos da afirmativa de Halbwachs (1990, p. 71), ao dizer que

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.

Assim, os alunos agradeceram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a cidade em que residem, dando abraços carinhosos nos entrevistados e ficando um pouco mais, de forma que o diálogo não cessou após o final das entrevistas, pois notamos a curiosidade de saber mais sobre a visão diferenciada de cada um dos entrevistados sobre o presente vivido pelos alunos, trazendo à tona as lembranças de um passado não muito distante que constrói o presente e o futuro da cidade.

E, dessa forma, encerramos as atividades referentes à produção das entrevistas orais e iniciamos as orientações para a transcrição dos textos dos alunos, que servirá de texto-base para a retextualização das entrevistas em relatos de experiência.

5.7 Escrevendo o roteiro: a transcrição das entrevistas orais

Após a produção oral das entrevistas, partimos para a transcrição dos textos orais, uma nova etapa do nosso projeto, que necessitou de bastante atenção para que o registro das entrevistas oralizadas fossem escritas sem se perder nem um detalhe e usando, para isso, as técnicas de transcrição de Marcuschi (2010), as quais foram trabalhadas anteriormente através de exercícios de transcrição individuais e em grupo a partir de aulas expositivas e dinâmicas.

Em uma sequência de quatro aulas, retomamos o conceito e relembramos as técnicas de transcrição de Marcuschi (2010) a partir do material já trabalhado em sala de aula em encontros anteriores. Para facilitar a atividade dos alunos, ouvimos um trecho da entrevista de um dos alunos realizada com um agricultor e fizemos, em conjunto, a transcrição no quadro, atentando-se para cada detalhe ouvido na entrevista, como uma pausa breve, uma pausa longa,

uma repetição, termos recorrentes da oralidade ou até mesmo uma risada. Dessa forma, construímos a seguinte transcrição:

TRANSCRIÇÃO 1

Entrevistador:	Qual a participação e a contribuição da sua família para o desenvolvimento da cidade de Itapororoca?
Entrevistado:	... olhe ... e ... em do (...) em mil novecentos e... mil novecentos e cinquenta ... em mil novecentos e sessenta e dois ... eu cheguei pá Itapororoca... em sessenta... em mil novecentos e SESENTA E DOIS ... aí foi aqui aqui ... aqui era... Vila... era Vila... Mamanguape pertencia a Mamanguape ... aí em sessenta e dois ... um grupo de ... de amigo aqui ... aí combinaram que aqui era sob domínio de... Mamanguape ... aí elegeu um prefeito... que ... a desenvolver Itapororoca ... aí o prefeito era... o candidato era Rúbio Maia ... aí reuniu ... eu fui um ... que participei ... naquela época... Itapororoca era muito atrasada só tinha duas rua a rua do comércio e a rua chamada a rua do grupo... aí sempre houve a eleição... eu fui eleito como vereador... já sabia que não ia ter ordenado ... era só ... pá desenvolver a cidade ... justamente... fui eleito ... e ... o prefeito começou a trabalhar... doou... comprou terreno... não tinha condição de pagar mas comprou pá pagar depois... aí eu sei que desenvolveu muito abriu muitas rua... fez mercado público pri-meiro prédio... o mercado público... aí depois... fez projeto pá posto médico mas... num... num foi realizado... na administração dele... num tinha ambulância... eu aluguei até caminhão pá leva doente em Rio Tinto... foi... eu como vereador... aluguei caminhão... num tinha ambulância num tinha nada... aí... aí a cidade... foi desenvolvendo... e chegou o ponto... de... ta hoje uma cidade mermo... né?

Transcrição de parte da entrevista do aluno G.B.D.D.

Notamos que, no início, os alunos se sentiram um pouco inseguros para expressarem as respostas, mas não demorou muito para que a turma começasse a interagir, mostrando que já haviam se familiarizado com as siglas das técnicas de transcrição.

Após esse primeiro momento de orientações e dúvidas, os alunos foram direcionados a iniciarem a transcrição dos textos individualmente, usando o celular, fones de ouvido, caneta ou lápis grafite e papel. Eles também tinham em mãos uma tabela com as siglas das técnicas de transcrição para facilitar o trabalho de representação da oralidade.

QUADRO 3 SIGLAS DA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Qualquer pausa	...
Ênfase na entonação	MAIÚSCULAS
Silabação	-

Interrogação	?
Consoantes como <i>r</i> ou <i>s</i> e vogais alongadas	::
Comentários que você quiser inserir	((minúsculas))
Citações literais	“ ”
Indicação de que a fala foi interrompida	(...)
Comentários que quebram a sequência da fala do entrevistado	- -
Truncamento, interrupção do discurso	/

Técnica de transcrição baseada em Marcuschi (2010)

Alguns alunos não tiveram dificuldade para realizar a atividade proposta, principalmente os que tinham poucos traços de oralidade na entrevista realizada, como notamos na transcrição da entrevista como senhor José Bustorff, fundador do primeiro e único cartório da cidade.

TRANSCRIÇÃO 2

Entrevistador:	O que foi que trouxe o senhor para vir morar na cidade?
Entrevistado:	houve um problema no cartório daqui de Itapororoca em mil novecentos e setenta e três... e dois... a justiça... ela é...fechou o cartório ... aí meu pai que tinha uma certa influência política entrou em contato com alguns políticos... e era amigo da anterior dona do cartório e... conseguiu com ela a admissão do cartório... e a requisição para me nomear tabelião... foi assim que eu cheguei aqui... desse jeito... COMPREI o cartório a ELA...
Entrevistador:	e:: em que sua família contribuiu na cidade... para prosperar?
Entrevistado:	em mil novecentos e cinquenta e cinquenta e um e cinquenta e dois e em cinquenta e três meu pai respondeu pelo cartório daqui de Itapororoca... a política o tirou daqui... naquela época o MDB... é::...administrado por José Fernandes de Lima o... é::...des... retirou ele daqui da política TIROU DA POLÍTICA TIROU DO CARTÓRIO ele também tinha comprado o cartório a outra pessoa... essa pessoa que a gente perdeu o cartório pra ela passou vinte anos no cartório quando de repente o cartório volta pra minha família... comigo... meu pai fundou aqui... a pri-mei-ra linha telefônica... foi fundada por ele aqui... ele foi secretário da prefeitura geral de Mamanguape e respondia por esses municípios todinho naquela época era Jacaraú Mamangua...é::... Rio Tinto Itapororoca Baía da Traição... era um mundo... muito grande o município de Mamanguape ele foi secretário geral desse município...

Transcrição de parte da entrevista do aluno M.E.S.S.

O aluno M.E.S.S. conseguiu identificar muito bem, através do áudio, as palavras que o entrevistado pronunciava de forma mais forte e, através da técnica de transcrição, ele pôde registrar os sons mais fortes com as letras maiúsculas. Além disso, o aluno M.E.S.S. foi um dos poucos discentes que expressou, através da transcrição, o alongamento de consoantes e/ou vogais.

Já outros alunos, que realizaram entrevistas mais longas, que duraram cerca de sete até nove minutos apresentaram algumas dificuldades e, por isso, mesmo concluídas as aulas, alguns alunos nos procuraram, na sala dos professores ou em outros ambientes da escola para discutirem aspectos de seus textos, buscando, de certa forma, uma atenção e/ou orientação mais individualizada de nossa parte a respeito de como poderiam proceder a técnica de transcrição dos textos orais.

Um desses exemplos foi o aluno M.G.P.S., que realizou a entrevista com a senhora Ramira Madruga, um pilar na educação de Itapororoca; porém, por causa da idade avançada e alguns problemas de saúde, o aluno, ao iniciar a transcrição do texto percebeu que o áudio não havia ficado muito bom e, como a entrevistada fez muitas pausas e diversas repetições, o aluno ficou um pouco inseguro para organizar as informações no papel.

Um grupo de dois alunos se reuniu para auxiliar o aluno M.G.P.S. na transcrição e, sempre que necessário, a professora dava o suporte necessário, tirando as dúvidas. Dessa forma, o grupo de alunos e a professora ouviram repetidas vezes a entrevista com a senhora Ramira Madruga e, a cada pausa, os alunos auxiliavam o discente M.G.P.S. para que ele não se perdesse durante a transcrição e, dessa forma, conseguimos iniciar o processo de transcrição. Enquanto um dos alunos comandava as pausas no áudio da gravação, o aluno entrevistador ouvia e escrevia a transcrição, outro aluno olhava os sinais no quadro de siglas da transcrição e a professora fazia a leitura e auxiliava com as correções.

Contudo, o aluno lembrou que a gravação da entrevista realizada com Dona Ramira foi através de filmagem e não com o gravador de voz do celular; logo, ele prestou atenção nos gestos e na expressão facial da entrevistada durante cada resposta e, assim, a transcrição da entrevista ficou bem mais fácil.

TRANSCRIÇÃO 3

Entrevistador:	Na política, seu primeiro marido foi ... o primeiro prefeito de Itapororoca?
Entrevistado:	Foi... eu fui a primeira dama da cidade... porque quando... quando ele se... quando eu me casei com ele... aí ele queria se candidatar... aí doutor Pedro Moreno que era o governador chamou ele e disse assim “ Rúbio, eu vou lhe

	nomear pra prefeito::”... aí ele disse “quero não doutor Pedro... eu quero ser eleito... porque eu quero demons(...) eu quero demonstrar o meu prestígio junto ao povo... se eu tiver muito voto eu tenho prestígio... se eu tiver pouco voto é porque o povo não me querem” e assim ele foi candidato... e foi MUITO bem votado... agora Neemilton que era uma potência em dinheiro... em terra... em tudo ficou em segundo lugar... ele... ele não tinha nada... ele era um agente fiscal somente... trabalhava na coletoria... era agente fiscal e o coletor de lá mandou ele coletar imposto aqui em Itapororoca... foi assim que eu conheci ele... eu estudava num colégio de freira em Guarabira... aí vim pra aqui... encontrei aquele rapaz olhando tanto pra mim aí eu disse “ Meu Deus quem é esse... que não conheço... aí eu perguntei... num sei a quem... a uma pessoa...” aí disse “ah é o rapaz que cobra imposto” aí eu disse “ ah é o agente fiscal daqui...” disse “é”... aí quando foi um dia eu tava na... na venda... lá do meu pai sentada... aí ele chegou e sentou-se... aí disse “ você mora aqui ” eu disse “moro”... “oxente... faz três meses que eu moro aqui... nunca lhe vi” “ah” eu disse “ porque eu moro aqui mas eu não estudava... eu... estudo em Guarabira...e só to aqui nas férias... tempo de aula to lá estudando... olhe... março... abril... maio... junho... aí julho é férias... aí agosto... setembro... outubro e novembro... aí dezembro e janeiro é férias...e é assim.
--	---

Transcrição de parte da entrevista do aluno M.G.P.S.

Como nos explica Fávero e Andrade (1998), levar em consideração algumas estratégias utilizadas pelos entrevistados como os gestos, a expressividade, constitui uma linguagem verdadeira. Dessa forma, algumas especificidades da fala puderam ser observadas.

De acordo com as autoras, “Cada gesto é sempre a cena silenciosa que integra a atividade verbal.” (FÁVERO E ANDRADE, 1998, p. 160). Por isso, a importância de levar em consideração e atentar-se a todos os detalhes na realização da entrevista, pois, nesse momento, há uma interação verbal e social entre entrevistador e entrevistado, diferente do momento da transcrição, no qual o aluno só tem em mãos a gravação e precisa estar atento para perceber se realmente o entrevistado respondeu ao que foi perguntado, se houve desvio de respostas, se houve algum trecho inaudível e precisa transcrever com segurança aquilo que efetivamente foi falado.

5.8 Melhorando o rascunho do roteiro: estudo do contínuo oralidade-escrituralidade e elementos do processo de retextualização

Com todas as transcrições finalizadas, era chegada a hora de darmos mais um passo ao projeto. Portanto, retomamos a discussão sobre oralidade e escrituralidade para que, mais conscientes das características de cada uma das modalidades da língua, os alunos pudessem partir para o processo de retextualização das entrevistas, momento no qual os alunos iriam se deparar com a necessidade de mudanças de linguagem e a ocorrência de interferências para que o novo texto pudesse ficar adequado ao novo meio de contextualização.

Segundo Marcuschi (2001), a retextualização oralidade-escrituralidade não significa passar um texto “do caos para a ordem”. Portanto, a sequência de quatro aulas foi destinada a retomada da conscientização dos elementos constituintes de cada uma das modalidades da língua e do processo de retextualização, para que cada um dos participantes da pesquisa soubesse o que deveria ser mudado do texto entrevista oral para o texto relato escrito.

Nesse ínterim, conversamos sobre o mito instaurado sobre a língua escrita ser considerada a língua correta, obediente às normas gramaticais, sempre bem elaborada e revisada, enquanto a língua falada ser associada à língua popular, sempre espontânea, sem planejamento. Com isso, aproveitamos para alertar os alunos acerca do preconceito linguístico que prega uma única forma “certa” de falar e de escrever, ou seja, a norma padrão da língua.

De acordo com os PCN (1997)

(...) para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. [...]. A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas (...) (BRASIL, 1997. p. 31-32).

Portanto, a oralidade e a escrita fazem parte de um contínuo, no qual alguns gêneros encontram-se mais próximos da modalidade falada e outros mais próximos da modalidade escrita, pois a ideia dicotômica entre fala-escrita não pode ser mais sustentada, principalmente na instituição escolar, pois a oralidade e a escrita devem ser vistas como dois modos de funcionamento da língua.

Dessa forma, expusemos através de eslaides alguns trechos das entrevistas transcritas e fizemos, em conjunto, as modificações necessárias para que o relato de experiência escrito ficasse adequado ao contexto de publicação - um fotolivro - e ao público-alvo, que seria, primeiramente, a comunidade escolar e, posteriormente, toda a sociedade itapororoquense.

Para a realização da retextualização, fizemos uma didatização das nove operações textual-discursivas propostas por Marcuschi (2010) e condensamos em apenas cinco, com uma linguagem mais próxima da realidade dos nossos alunos.

QUADRO 4
DIDATIZAÇÃO DAS OPERAÇÕES TEXTUAIS-DISCURSIVAS DO ORAL PARA O ESCRITO
BASEADA EM MARCUSCHI (2010)

1ª OPERAÇÃO	Eliminação de marcas típicas da oralidade ao exemplo das repetições, hesitações, palavras quebradas (iniciadas e não concluídas), bem como o apagamento de alguns elementos estritamente interacionais (né, viu, tipo etc), de redundâncias e de autocorreções.
2ª OPERAÇÃO	Acréscimo da pontuação, já que a fala não dispõe desse recurso, a partir da entonação, alongamentos vocálicos, hesitações, pausas e outros elementos prosódicos. Se necessário, nessa operação o retextualizador também fará o acréscimo dos pronomes pessoais “eu” e “nós” que, muitas vezes, são excluídos e marcados apenas pelas desinências verbais.
3ª OPERAÇÃO	Substituição de palavras dêiticas (aqui, lá) e da referência (ele, ela) por marcas linguísticas (nome ou local) para que o texto fique coerente e o leitor tenha total compreensão do texto escrito sem o contexto físico e aspectos não-verbalizados que são característicos do texto oral.
4ª OPERAÇÃO	Reconstrução e reformulação de períodos incoerentes, ajustes nas concordâncias, reordenação sintática, substituição de palavras e encadeamento do texto em função da norma escrita e visando uma maior formalidade, mas sem alterar o sentido do texto.
5ª OPERAÇÃO	Reorganização das sequências e tópicos do texto com o objetivo de reordenar e condensar o texto, quando necessário, a fim de melhorar a compreensão dos argumentos e das ideias expressas no texto oral, mas sem fazer uma seleção, apenas uma reordenação para que o texto fique mais coeso. Nesta operação, por fim, o retextualizador introduzirá a paragrafação do texto, mantendo a concatenação de ideias.

Elaboração: Própria, João Pessoa, 2018.

A primeira operação foi baseada na primeira e terceira operações textual-discursivas de Marcuschi (2010). A segunda operação foi de acordo com a segunda operação proposta pelo autor. A terceira operação equivale a quinta, de Marcuschi. A quarta operação foi baseada na sexta e na sétima operações e, por fim, a quinta operação foi organizada de acordo com as operações de número quatro, oito e nove. Dessa forma, diminuimos o número de operações, simplificamos a linguagem e modificamos a ordem.

5.9 Mudando a natureza do roteiro: retextualização das entrevistas orais em relatos de experiência escritos

Com todas as transcrições em mãos, os alunos foram orientados a produzirem a retextualização da entrevista oral, transformando-a em um relato de experiência. Dessa forma,

iniciamos a sequência de três aulas explicando que a tarefa, agora, seria registrar a experiência de cada um ao realizar as entrevistas e, o mais importante, mostrar todo o conteúdo que o entrevistado falou nesse novo texto, aprimorando a linguagem, fazendo os reparos necessários.

Enfatizamos que no texto da transcrição da entrevista oral, há vícios de linguagem da oralidade que no relato de experiência não seriam adequados, já que o relato seria publicado em um fotolivreto destinado a um público muito amplo de leitores.

Para realizarmos essa atividade, o quadro com a didatização das operações textuais-discursivas do texto oral para o texto escrito foi entregue para cada um dos alunos e, em seguida, iniciamos a produção textual.

Durante o início da produção do relato de experiência algumas dúvidas ainda persistiram, principalmente na forma de iniciar o texto, questões relacionadas à paragrafação e também à pontuação. Alguns discentes também ficaram em dúvida se poderiam dar a opinião deles sobre a realização da entrevista ou se deveriam apenas narrar a atividade realizada.

Após os esclarecimentos necessários, os alunos participantes do projeto não tiveram praticamente nenhuma dificuldade para produzir os relatos de experiência, já que se tratava de um texto pessoal, em primeira pessoa, no qual eles se sentiram bastante livres para relatar como foi a experiência de coletar informações sobre a história da cidade de Itapororoca, as quais também estavam ligadas à família dos alunos e a pessoas muito conhecidas por todos.

Apesar de os alunos terem tido três aulas consecutivas para a produção do relato de experiência, eles foram orientados a finalizarem a atividade em casa, já que a tarefa demandava tempo e silêncio para ser revisada e concluída. Então, já no dia seguinte, os discentes trouxeram os seus textos finalizados.

Vale ressaltar que a turma contribuiu bastante para que o andamento do projeto não fosse prejudicado, pois os oito alunos da turma sempre seguiram a risca o nosso cronograma de atividades e, dessa forma, conseguimos finalizar as etapas do projeto antes do esperado, pois ficamos receosos do calendário escolar encerrar mais cedo, como geralmente acontece. A escola sempre segue o calendário estipulado pelo município, já que grande parte dos nossos alunos dependem do transporte escolar oferecido pela Secretaria de Educação de Itapororoca.

Os alunos que elaboraram os relatos de experiência seguiram as orientações para o processo de retextualização que explicamos durante as aulas e, dessa forma, apenas três alunos precisaram fazer a reescrita dos textos, a fim de aprimorarem a escrita dos relatos, de forma que se tornassem mais adequados ao contexto de publicação bem como ao novo gênero, ao exemplo do trecho do relato a seguir.

RELATO 1

ESCRITA	REESCRITA
A entrevista realizada no dia 14 de agosto do ano de 2018, com José Nazareno de Azevedo trouxe uma experiência maravilhosa, daí onde tive o privilegio de conhecer a cidade de Itapororoca mais um pouco, onde ganhei sabedoria e experiência.	A entrevista realizada no dia 14 de agosto do ano de 2018, com José Nazareno de Azevedo trouxe uma experiência maravilhosa, pois através dela eu tive o privilegio de conhecer a cidade de Itapororoca mais um pouco e ganhei mais sabedoria e experiência sobre a minha cidade.

Trecho do relato de experiência do aluno A.A.S.

O relato de experiência do aluno A.A.S. é um dos exemplos de alguns desvios gramaticais como, por exemplo, o uso do pronome relativo “onde” e da persistência de algumas expressões informais como “daí”; por isso, alguns alunos tiveram que reescrever o texto.

O que nos chamou bastante atenção foi que quando pedimos para alguns alunos lerem o texto produzido, imediatamente eles conseguiram identificar os pontos que deveriam melhorar, corrigir ou substituir palavras, como foi o caso do aluno E.V.O. P.

RELATO 2

ESCRITA	REESCRITA
Durante o 7º ano do ensino fundamental, tive a oportunidade de realizar um projeto, que teve como finalidade adquirir informações muito boas de todo o começo do município de Itapororoca. Mas, ao finalizar a atividade, o conteúdo absorvido foi muito além de informações ou uma bate-papo. Contemplei uma história motivante e rica de informações que até ontem tavam desconhecidas por mim, que saí do local carregando comigo uma dose a mais de experiência.	Durante o 7º ano do ensino fundamental, tive a oportunidade de realizar um projeto, que tinha como finalidade adquirir informações valiosas do princípio do município de Itapororoca. Mas, ao finalizar a atividade, o conteúdo absorvido foi muito além de informações ou uma mera conversa, pois eu pude contemplar uma história motivante e rica de informações desconhecidas até então por mim. Com toda certeza, saí do local da entrevista carregando comigo uma dose a mais de experiência.

Trecho do relato de experiência do aluno E.V.O.P.

Dessa forma, houve a necessidade de alguns pequenos ajustes para que os alunos pudessem realizar pequenas alterações nos textos. Essa etapa foi de suma importância para que os discentes, através do processo da reescrita dos textos, observassem a maior elaboração que o processo da escrita necessita e, assim, nos encaminhassem para maiores reflexões sobre o uso das duas modalidades da língua dentro de uma relação de continuidade entre a oralidade e a escrita.

6. ANÁLISE DOS DADOS

À luz dos recortes teóricos que orientam o presente trabalho, fizemos uma análise comparativa entre as entrevistas transcritas e os relatos de experiência retextualizados pelos alunos.

Como mencionamos anteriormente, ao longo dos encontros em sala de aula produzimos oito transcrições e oito retextualizações, ou seja, temos dezesseis textos entre entrevistas e relatos de experiência. Assim, por termos um número bem reduzido de produções textuais, não estipulamos critérios para delimitação do *corpus* e resolvemos analisar todos os textos. Contudo, não mostraremos as transcrições na íntegra por se tratarem de textos bastante longos, mas todas as transcrições encontram-se anexas neste trabalho para serem melhor observadas.

Em nossa análise, pudemos observar a progressão (ou não) obtida pelos alunos no que diz respeito ao reconhecimento da continuidade entre a modalidade oral e a modalidade escrita da língua, a fim de garantir aprendizagem significativa quanto a oralidade e a escrituralidade. Dessa forma, observamos se houve ou não avanços ao longo do processo de intervenção desenvolvido.

QUADRO 6 TEXTOS DO ALUNO A.A.S.

COMPARAÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS POR A. A. S.		
ENTREVISTA		RELATO DE EXPERIÊNCIA
Entrevistador:	Certo...qual a influência da sua família na cidade hoje?	A entrevista realizada no dia 14 de agosto do ano de 2018, com José Nazareno de Azevedo trouxe uma experiência maravilhosa, pois através dela eu tive o privilégio de conhecer a cidade de Itapororoca mais um pouco e ganhei mais sabedoria e experiência sobre a minha cidade. José Nazareno de Azevedo, um Itaporororquense de muitos valores políticos, recebeu-me muito bem ao seu lar agradável e me levou até a sala para realizarmos a entrevista. Logo de início notei que não é apenas o senhor José Nazareno que contribuiu e contribui até hoje para a política e educação do povo da cidade, mas sim toda
Entrevistado:	É a minha mãe...a minha mãe era professora do estado e ensinava na zona rural... como eu disse Curralinho do Nogueira então:.... é:.... a minha mãe sempre é:.... ela ficou viúva logo cedo e criou sete filhos adotou mais uma:.. moça... (toque do celular) uma filha, então sempre assim a minha mãe como professora... muitos alunos naquele tempo... professor não era assim tão como tem hoje... era uma raridade e minha mãe é que contribuiu bastante para a educação do pessoal do povo de Itapororoca principalmente da zona rural...	
Entrevistador:	Certo...em que sua família contribui ou contribuiu na cidade?	
Entrevistado:	É... na realidade é: eu de minha modéstia participação na política de Itapororoca ...porque é:.... eu fui vereador em sessenta e nove... é: fui vereador cinco vezes... fui vice-prefeito em sessenta e seis... minha mulher foi vice-prefeita então a gente trabalhou ... viveu na política de Itapororoca e hoje estamos aqui acompanhando a política e o nosso lema sempre foi e é a honestidade... dar o bom exemplo e dessa forma é deixar um exemplo de: honestidade... de trabalho... de sinceridade esse que é o nosso legado da nossa família...	

Entrevistador:	Certo... qual era... qual é a sua profissão?
Entrevistado:	É... hoje eu sou como todo mundo sabe? sou advogado... sou professor aposentando né?... professor de história... mas na realidade comecei como agricultor (Entrevistadora: é) trabalhei dez anos de cabo de inçada e ainda hoje sou agricultor... sou produtor rural tenho... planto abacaxi e cana ...mas assim eu é:: graças a Deus é:: hoje posso dizer assim... advogo na cidade... procuro ajudar os amigos... as pessoas que precisam do meu trabalho... as pessoas humildes e hoje é:: já fui agricultor... hoje sou produtor rural... já fui professor de história... hoje sou aposentado e continuo na advocacia.
Entrevistador:	E o que o senhor faz atualmente... hoje?
Entrevistado:	Hoje eu exatamente advogo né?... pra aquelas pessoas que acreditam no meu trabalho e também sou produtor rural...

a sua família, posso citar como exemplo a sua mãe (*in memorian*), a qual teve uma extrema importância para a educação do povo de Itapororoca, principalmente da zona rural.

O senhor Nazareno considera-se um filho legítimo da cidade, já que desde o seu nascimento até os dias de hoje reside em Itapororoca. José tem setenta anos de idade e apresenta um papel importantíssimo, um deles foi a sua participação na primeira eleição da cidade, no dia 3 de outubro de mil novecentos e sessenta e dois, ainda como jovem, quando Rubiu Maia foi eleito prefeito. José Nazareno também nos proporcionou saber um pouco mais sobre a sua modesta participação na política de Itapororoca de forma mais direta, na qual foi vereador cinco vezes e também foi vice-prefeito em mil novecentos e sessenta e seis.

As lembranças que ele tem é que Itapororoca antigamente era uma vila, chamada Vila São João de Mamanguape que mais tarde foi renomeada e passou a chamar Vila Itapororoca pelo deputado José Fernandes de Lima, e no ano de mil novecentos e sessenta e dois, o governador Pedro Moreno Gondim sancionou a lei dois mil e setecentos, criando, assim, o município de Itapororoca, que foi assinado no dia vinte e nove de dezembro de mil e novecentos e sessenta e um.

Atualmente o senhor Nazareno advoga, é professor aposentado e também é um produtor rural, um cidadão com tamanha honestidade e respeitado por todos.

Assim, pude aprender algumas curiosidades sobre a política da minha cidade e, ao longo da conversa com o senhor Nazareno, também me senti renovado, acreditando que é possível sermos bons cidadãos, só basta querermos.

Elaboração: Própria, João Pessoa, 2019.

Fazendo a análise comparativa entre a entrevista oral e o relato de experiência escrito, notamos claramente que não houve interferência no conteúdo da entrevista, apenas nota-se um acréscimo de informações do autor do texto, já que se trata de um outro gênero textual que permite o aluno descrever como se sentiu ao realizar a atividade proposta.

Notamos, também, que na retextualização não há elementos da oralidade como algumas repetições e o emprego do “né”, como forma de interação entre o entrevistado e o

entrevistador. Também podemos observar o acréscimo da pontuação necessária para estabelecer a coesão entre as orações, já que na fala não temos esse recurso.

Há, também, a reformulação de períodos incoerentes, substituindo e eliminando algumas palavras para que o texto se torne mais formal, ou seja, tornando-o adequado ao novo contexto de publicação.

Portanto, percebe-se que não houve dificuldade por parte do aluno em perceber que as marcas no texto provenientes de interações durante a realização da entrevista deveriam ser eliminadas, pois elas desaparecem por completo após o processo de retextualização.

Terminada a análise dos textos do aluno A.A.S., prosseguimos para a avaliação dos textos do aluno E.V.O.P.

QUADRO 6 TEXTOS DO ALUNO E.V.O.P.

COMPARAÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS POR E.V.O.P.		
ENTREVISTA		RELATO DE EXPERIÊNCIA
Entrevistador:	Qual o seu nome e quantos anos tem?	Durante o 7º ano do ensino fundamental, tive a oportunidade de realizar um projeto, que tinha como finalidade adquirir informações valiosas do princípio do município de Itapororoca. Mas, ao finalizar a atividade, o conteúdo absorvido foi muito além de informações ou uma mera conversa, pois eu pude contemplar uma história motivante e rica de informações desconhecidas até então por mim. Com toda certeza, saí do local da entrevista carregando comigo uma dose a mais de experiência. Neste projeto, tive a honra de entrevistar a senhora Marluce Soares Quintão, aos seus setenta anos de idade, nascida em Rio Tinto-PB e que após seis anos passou a residir em Mamanguape até sua vinda para Itapororoca, no ano de mil novecentos e sessenta e quatro, completando, assim, quarenta e quatro anos nesta cidade juntamente com seu esposo, o senhor José Bustorff Feodrippe Quintão, dono do único cartório do município. Dona Marluce, durante seu relato, compartilhou conosco um pouco de sua vida acadêmica. Formada em Letras,
Entrevistado:	Meu nome é Marluce Soares Quintão... e tenho setenta anos.	
Entrevistador:	Onde a senhora nasceu e há quanto tempo reside em Itapororoca?	
Entrevistado:	Nasci na cidade de Rio Tinto... a partir dos meus seis anos... eu fui pra Mamanguape... cheguei em Itapororoca em setenta e quatro... então tem quarenta e quatro anos que eu moro em Itapororoca...	
Entrevistador:	Qual a influência da sua família na cidade? A senhora se recorda da fundação da escola Severino Félix de Brito? Compartilhe conosco a lembrança desse marco na educação da nossa cidade...	
Entrevistado:	Bem... viemos pra cá... Zequinha veio pra assumir o cartório da cidade... ele veio na função de tabelião público... até hoje ele está lá né...e... bem antes em cinquenta e um esse cartório pertenceu ao pai dele... por motivos de política na época ele foi demitido daqui... que hoje não acontece mais isso... sabe?... então ficou a mãe dele ainda por uns anos... depois ela foi embora para Mamanguape... ela foi assumir outra função lá... O legado é que a gente tem contribuído assim... de certa forma... na escola Severino Félix de Brito... na época era José Félix de Brito... comprou aquele terreno... foi passado no meu cartório... meu marido doou... foi uma doação que ele fez pra escola... e assim que a escola começou a funcionar eu passei a ser professora... porque eu já era professora do Instituto Moderno... aí como eu vim pra cá tive que deixar né?... aí parei de estudar também... mas aqui eu fiz faculdade em Guarabira... era onde eu teria mais acesso, coloquei meus meninos no Santo Antônio e eu levava os três e trazia os três... só minha menina que não tinha terminado o médio ainda... terminei a universidade aí coloquei ela em Mamanguape no Instituto Moderno... na escola que eu estudei... que o pai dela estudou muitos anos... e eu passei treze anos lá... a escola Severino Félix de Brito começou a funcionar em oitenta e seis... foi fundada em oitenta e seis... só não estou me lembrando bem o dia... quando era do mês...	
Entrevistador:	O que a senhora faz atualmente?	
Entrevistado:	Atualmente eu estou aposentada... e cuidando de alguma coisa dentro de casa que não deixa de aparecer... mas na primeira semana que eu fiquei aposentada... eu senti muita falta da escola... me doei... fiz tudo...e... eu acho que é por isso que senti tanta falta...	
Entrevistador:	A senhora se recorda de como foi o dia da inauguração do Severino Félix de Brito?	

Entrevistado:	No dia da fundação teve uma festinha na escola muito simples... pois o colégio não tinha recursos nenhum... porque fomos nós que fizemos... então na época o governador do estado era Wilson Braga... e ele veio pra inauguração... naquele terreno onde tem a quadra do colégio sabe?...
Entrevistador:	Sei sim...
Entrevistado:	Então... ele veio de helicóptero... MINHA FILHA... juntou uma multidão de gente (risos)...
Entrevistador:	Nossa... (risos)
Entrevistado:	Foi poeira pra tudo que é canto... e... foi muito bom... assim... porque aqui nós não tínhamos escola... e ela se iniciou com o fundamental... e só funcionava um turno... pois nós não tínhamos alunos... e foi aumentando:: ... até chegar ao ponto de eu ir dar aula em uma sala com 71 alunos... não tinha nem como se mexer... mas... dava pra gente fazer isso porque o alunado daquela época não é o de hoje...

tornou-se professora do Severino Félix de Brito, o colégio mais antigo da cidade, e afirma, com certeza, que essa foi uma das melhores experiências de sua vida.

Hoje, aposentada e dona do lar, diz que a melhoria do município em relação à educação está nas pessoas ao entrarem em uma sala de aula, pois precisam de foco e intensidade nos estudos. Mesmo distante da sala de aula, ela afirma que o alunado de hoje não é mais como antigamente.

Elaboração: Própria, João Pessoa, 2019.

A retextualização da entrevista em um outro gênero textual fez com que o discente E.V.O.P. deixasse de abordar diversos pontos importantes que o entrevistado relatou, mas, mesmo assim, não houve fuga parcial do conteúdo e o aluno soube subtrair do texto elementos que fazem parte da oralidade e, principalmente, organizou a falta de coesão em alguns períodos da entrevista.

Notamos que as pausas e as indicações de que a fala do entrevistado foi interrompida foram substituídas por uma pontuação adequada. Por outro lado, a ênfase na entonação de algumas palavras e o alongamento de vogais não foram levadas em consideração na retextualização, apenas foram destacadas no processo de transcrição.

É notório a importância que o aluno deu à pontuação para atribuir sentido ao texto escrito, já que ele se usou da pontuação para eliminar termos e substituir palavras. Além disso, o aluno também soube aplicar corretamente a distinção entre as letras maiúsculas e minúsculas após a finalização dos períodos.

As operações textuais-discursivas foram levadas em consideração pelo aluno, inclusive a terceira operação, na qual o discente teve que substituir algumas palavras dêiticas por marcas linguísticas, para que o relato ficasse coerente e o leitor tivesse total compreensão do texto escrito.

Com a finalização da análise dos textos do aluno E.V.O.P., continuaremos com a análise dos textos do aluno E.M.B.

QUADRO 7

TEXTOS DO ALUNO E.M.B.

COMPARAÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS POR E.M.B.		
ENTREVISTA		RELATO DE EXPERIÊNCIA
Entrevistador:	qual o seu nome e quantos anos o senhor tem?	Ao me deparar com a oportunidade de fazer uma entrevista, fiquei bastante intrigado pois nunca havia feito uma, porém sabia que ganharia sabedoria e conhecimento sobre as modalidades da língua e agora vejo que o lucro com a oportunidade foi colossal. Fora o conhecimento sobre a língua, eu adquiri mais conhecimento sobre Itapororoca e seus conterrâneos. Tive o grande prazer de entrevistar Josinaldo Rodrigues de Oliveira, um Itapororoquense de valores políticos e culturais considerável, já que a proposta da entrevista seria colher o relato de pessoas com conhecimentos sobre o surgimento e desenvolvimento de Itapororoca. Ao chegar em sua casa ele me recebeu muito bem e mostrou um pouco de sua bela residência e me levou ao seu estúdio musical onde foi feita a entrevista. O Senhor Josinaldo Rodrigues considera ser um autêntico itapororoquense já que desde seu nascimento até os dias atuais reside na cidade. Segundo ele, são cinquenta e um anos de idade morando e contribuindo com a cidade. Seu pai esteve engajado junto ao mandato de Rúbio Maia Coutinho, primeiro prefeito de Itapororoca. Sua família contribuiu na vida política de Itapororoca, ele e seus irmãos já foram vereadores na Câmara municipal e atualmente há uma irmã vereadora; além disso, Josinaldo desempenha um trabalho com a contabilidade municipal. Fora a sua contribuição política, Josinaldo desempenha papel importante na cultura municipal, principalmente na área musical, ele foi um dos pioneiros nessa área pois, além de trabalhar na contabilidade ele também é músico e costumava tocar em uma banda de seresta e samba intitulada Seressamba na cidade
Entrevistado:	me chamo Josinaldo Rodrigues de Oliveira e tenho cinquenta e um anos completei no último dia vinte de janeiro	
Entrevistador:	onde o senhor nasceu e quanto tempo reside em Itapororoca?	
Entrevistado:	posso dizer que sou um autêntico itapororoquense viu. nasci em Itapororoca ... resido há cinquenta e um anos e acho que pretendo morrer por aqui viu ((risos)) não sei viver fora de Itapororoca. ((risos))	
Entrevistador:	qual a participação e contribuição da sua família para o desenvolvimento da cidade?	
Entrevistado:	... bem até onde tenho conhecimento o:: meu pai desde a fundação de Itapororoca ele já militava no meio político ... as vezes quem conhece a gente ... a nova geração que veio por exemplo eu passei pelo ... pela a câmara como vereador e irmãos que foram vereadores atualmente tem uma irmã que é vereadora mas isso vem de primórdios né meu pai já militava junto com o:: Rúbio Maia Coutinho José Félix de Brito então juntos podemos dizer que eles contribuíram muito ... pra a ... o crescimento de Itapororoca principalmente pra criação do município né esteve ali no meio ... daqueles políticos da época	
Entrevistador:	qual é ou era a sua profissão e o que faz atualmente?	
Entrevistado:	... eu ... parece que levei sorte de ter escolhido o que... além de gostar é ...foi o meio de sobrevivência até hoje é... eu sou funcionário público e municipal entrei na área contábel e desde o primeiro dia até hoje eu continuo fazendo exatamente a mesma coisa trabalhando na área contábel contabilidade pública ...	
Entrevistador:	...nessa época existia algum grupo musical da cidade e onde as pessoas costumavam-se reunir onde costumava ser as festa nessa época?	
Entrevistado:	...sim existia é:: eu fui um dos pioneiros nesse sentido nós iniciamos com um grupo chamado Seressamba que era de seresta e samba né iniciamos tocando é:: no grupo Henrique de Almeida na (palhoça lucamor)(<i>parte inaudível</i>)na época e depois o grupo começou a...a... a se expandir passamos a tocar nas cidades vizinhas Guarabira Araçagi Rio Tinto Mamanguape um período muito bom e mais tarde através desse grupo mesmo a maioria dos componentes formamos o grupo Halley é o famoso grupo Halley da época e as festas era geralmente na:: naquele pátio da escola Henrique de Almeida é:: festa de rua ... nas:: datas tradicionais São João reis que se fazia um pavilhão é da época do pavilhão ainda e pronto era os lugares geralmente onde ... a a havia as festas as boas festas por sinal.	

	de Itapororoca e outras cidades ao redor. Depois a banda de seresta e samba se tornou o grupo musical Halley, bastante famoso em sua geração e que abriu portas para muitos outros grupos musicais da cidade. Sua banda tocou em diversos lugares, mas Josinaldo lembrou que, quando começou, tocava na escola municipal Henrique de Almeida e nos pavilhões onde ocorriam também as tradicionais festas de São João e a festa de Santos Reis. Devemos tomar o Senhor Josinaldo como referência e exemplo de cidadão e praticante da ética na sociedade itapororoquense, pois, como foi falado, ele é um homem honrado e respeitoso que ajudou a formar a cidade Itapororoca.
--	--

Elaboração: Própria, João Pessoa, 2019.

No relato de experiência do aluno E.M.B., nota-se que houve uma reflexão sobre o uso da língua por meio do contínuo do oral para o escrito, pois o discente se apropriou do conteúdo da entrevista e desenvolveu um novo texto mantendo o conteúdo, mas fazendo as modificações necessárias para que o relato estivesse adequado ao novo meio de publicação.

Portanto, as cinco operações textuais-discursivas para o processo de retextualização do oral para o escrito, conforme modelo sugerido por Marcuschi (2010), foi seguido pelo aluno E.M.B., o qual eliminou repetições, palavras que foram iniciadas e não foram concluídas, houve o acréscimo de pontuação e a substituição de algumas palavras de referenciação, a fim de tornar o texto mais coeso.

De modo geral, o aluno conseguiu reformular o texto se atentando à coerência e dando prioridade a reorganização das sequências textuais, a fim de melhorar a compreensão das ideias.

Feita essas considerações a respeito dos textos do aluno E.M.D. passamos à análise dos textos do próximo aluno que compõem nosso *corpus*.

QUADRO 8

TEXTOS DO ALUNO G.B.D.D.

COMPARAÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS POR G.B.D.D.		RELATO DE EXPERIÊNCIA
ENTREVISTA		
Entrevistador:	Qual o seu nome e quantos anos o Senhor tem?	Falar de Itapororoca é falar de uma cidade extraordinária, riquíssima em cultura, valores e principalmente em história. E poder participar desse projeto, que busca retomar as memórias do povo itapororoquense sobre o próprio município, através da retextualização, é um enorme privilégio, que além de contribuir para o meu conhecimento sobre os processos da oralidade e da escrita, me fez admirar mais ainda a minha localidade. Foi com imensa alegria que entrevistei o senhor Francisco Dionizio da Silva, mais conhecido por Chiquinho Dionizio, um homem encantador, cativante e muito sábio. Desde que lhe fiz o convite de participar desse projeto, ficou extremamente feliz e entusiasmado, recebeu-me muito bem em seu belo jardim, onde foi feita a entrevista e me contou várias histórias sobre a cidade, já que foi um dos primeiros a morar e participar do desenvolvimento do município. Ele relatou que chegou em Itapororoca em mil novecentos e sessenta e dois, quando ainda pertencia a Mamanguape, e a mesma chamava-se de Vila Mamanguape. Ele também narrou que naquela época a cidade era muito atrasada, só existiam duas ruas, a rua do Comércio, e uma rua chamada rua do Grupo. Sendo assim, ele e um grupo de amigos se juntaram e planejaram desenvolver e tornar a cidade independente. A vista disso, elegeram um prefeito para que conseguisse transformar a ideia em realidade, prefeito esse que seria o primeiro a governar o município, Rúbio Maia Coutinho. Nesse mesmo período de eleições, ele foi eleito vereador, mesmo sabendo que não iria ter lucro algum, mas com a satisfação de ter colaborado com a formação de Itapororoca. Com tudo
Entrevistado:	... Francisco Dionizio Da Silva com ... oitenta e oito anos.	
Entrevistador:	Onde o Senhor nasceu e a quanto tempo reside em Itapororoca?	
Entrevistado:	eu nasci ... no município de Mamanguape ... e ... aqui em Itapororoca cheguei em mil novecentos e sessenta ...	
Entrevistador:	... olhe ... e ... em do (...) em mil novecentos e ... mil novecentos e cinquenta ... em mil novecentos e sessenta e dois ... eu cheguei pá Itapororoca... em sessenta... em mil novecentos e sessenta e dois ... aí foi aqui aqui ... aqui era... Vila... era Vila... Mamanguape pertencia a Mamanguape ... aí em sessenta e dois ... um grupo de ... de amigo aqui ... aí combinaram que aqui era sob domínio de... Mamanguape ... aí elegeu um prefeito... que ... a desenvolver Itapororoca ... aí o prefeito era... o candidato era Rúbio Maia ... aí reuniu ... eu fui um ... que participei ... naquela época... Itapororoca era muito atrasada só tinha duas rua a rua do comércio e a rua chamada a rua do grupo... aí sempre houve a eleição... eu fui eleito como vereador... já sabia que não ia ter ordenado ... era só ... pá desenvolver a cidade ... justamente... fui eleito ... e ... o prefeito começou a trabalhar... doou... comprou terreno... não tinha condição de pagar mas comprou pá pagar depois... aí eu sei que desenvolveu muito abriu muitas rua... fez mercado público primeiro prédio... o mercado público... aí depois... fez projeto pá posto médico mas... num... num foi realizado... na administração dele... num tinha ambulância... eu aluguei até caminhão pá leva doente em Rio Tinto... foi... eu como vereador... aluguei caminhão... num tinha ambulância num tinha nada... aí... aí a cidade... foi desenvolvendo... e chegou o ponto... de... ta hoje uma cidade mermo... né?	
Entrevistado:	Qual é ou era a sua profissão e o que faz atualmente?	
Entrevistador:	... minha... minha profissão era... agricultor... depois quando cheguei por aqui... comerciante... mas não abandonei a agricultura não... comerciante durante vinte ano... aí depois de vinte ano... eu comecei... como agricultor... aí continuo até hoje como agricultor.	
Entrevistado:	Como o Senhor foi uma das primeiras pessoas a participar da política de Itapororoca. Quais são as lembranças que o Senhor tem daquela época e o que aconteceu depois que a nossa cidade passou a ser um município independente?	
Entrevistador:	Naquela época... Itapororoca... tinha não tinha energia muito fraca... aí o prefeito comprou um motor... e botou uma energia melhor mas o motor era puxado a corda... no meio da rua os homem era quem puxava... naquela época... aí botou um energia melhor... aí depois... foi que veio a: ... a energia da saelpa.	

organizado, o prefeito começou a trabalhar, comprou muitos terrenos e a partir disso construiu o mercado público, que até hoje encontra-se em Itapororoca, fez projetos para a criação de postos médicos, os quais não existiam ainda na pequena vila, que por esse motivo como vereador, ele alugava um caminhão para levar os pacientes até Rio Tinto.

Além disso, ele também menciona, que naquela época a energia da cidade era muito precária, portanto, para resolver o problema, o prefeito comprou um motor puxado a corda para que a energia fosse melhor, motor esse que vários homens puxavam e situava-se no meio da rua. Com o passar dos anos, a Vila Mamanguape foi crescendo, conseguiu finalmente sua independência, passou a se chamar Itapororoca, e continua amadurecendo cada vez mais até hoje.

Devemos nos espelhar no exemplo do senhor Francisco Dionizio, que colaborou muito para que a cidade se encontrasse como se encontra hoje, um senhor que em sua juventude empenhou-se tanto para garantir a Itapororoca um futuro bom e honesto para todos.

Foi um prazer ter entrevistado este honrado homem, que me incentiva cada dia mais ter grande orgulho dessa cidade maravilhosa.

Elaboração: Própria, João Pessoa, 2019.

A entrevista realizada pelo aluno G.B.D.D. apresentou diversas marcas da modalidade oral da língua e ao retextualizá-la o discente precisou de fazer diversas modificações, principalmente no que se refere à reconstrução e reformulação de períodos incoerentes e à reordenação das ideias expressas para que o texto ficasse mais coeso, respectivamente a 4ª e a 5ª operação textual-discursiva.

As repetições, as pausas e as indicações de que a fala do entrevistado foi interrompida foram retiradas no processo de retextualização. As marcas da oralidade presentes no texto com um todo, ao exemplo do “aí” e do “né” também foram eliminadas.

Dessa forma, o aluno retirou vários elementos duplicados ou desnecessários, promovendo uma síntese do texto, atentando-se apenas para o que era necessário para a compreensão textual.

Isso mostra que o aluno conseguiu entender o que Marcuschi (2010, p. 10) afirma sobre o uso das duas modalidades da língua ao dizer que “há a necessidade de usarmos a língua em condições e contextos variados e, a partir do momento que estamos devidamente letrados para fazer esse uso, passamos do oral para o escrito com naturalidade”, ou seja, o discente G.B.D.D. identificou que as formas é que devem se adequar aos usos.

É interessante destacarmos que o aluno G.B.D.D. como os demais alunos participantes do projeto introduziram a paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos - estratégia de inserção orientada por Marcuschi (2010) - levando em consideração a ideia central relatada em cada parágrafo.

Terminada a análise dos textos do aluno G.B.D.D., prosseguimos agora para a avaliação dos textos do aluno seguinte.

QUADRO 9 TEXTOS DO ALUNO M.E.S.S.

COMPARAÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS POR M.E.S.S.	
ENTREVISTA	RELATO DE EXPERIÊNCIA
Entrevistador: qual o seu nome e quantos anos você tem?	No ano de dois mil e dezoito tive a oportunidade de participar de um projeto com a finalidade de pesquisar sobre oralidade e escrita na sala de aula através de processos de retextualização, algo que deveria ser praticado em todas as instituições de ensino, visto que esta proposta foi de suma importância para o meu desenvolvimento em relação à escrita e à comunicação formal, fato que não é testemunhado entre os estudantes brasileiros. Para o desenvolvimento do projeto foi instituído que cada participante entrevistasse um cidadão com importância para a história da cidade para o resgate de memória de Itapororoca. Assim tive a oportunidade de entrevistar o senhor José Bustorff Feodrippe Quintão, o dono do único cartório do município, uma figura de interesse ao projeto, pois presenciou diversos marcos importantes para o desenvolvimento da cidade. O senhor José Bustorff tem sessenta e oito anos, ele nasceu em mil novecentos e quarenta e nove na cidade de
Entrevistado: meu nome é José Bustorff Feodrippe Quintão tenho sessenta e oito anos...	
Entrevistador: ahn...onde o senhor nasceu e a quantos anos o senhor reside aqui em Itapororoca?	
Entrevistado: nasci em 1949 na cidade de Mamanguape, estou aqui a quarenta e quatro anos de setenta e quatro para cá...	
Entrevistador: o que foi que trouxe o senhor para vir morar na cidade?	
Entrevistado: houve um problema no cartório daqui de Itapororoca em mil novecentos e setenta e três... e dois... a justiça... ela é...fechou o cartório ... aí meu pai que tinha uma certa influência política entrou em contato com alguns políticos... e era amigo da anterior dona do cartório e... conseguiu com ela a admissão do cartório... e a requisição para me nomear tabelião... foi assim que eu cheguei aqui... desse jeito... COMPREI o cartório a ELA...	
Entrevistador: e:: em que sua família contribuiu na cidade... para prosperar?	
Entrevistado: em mil novecentos e cinquenta e cinquenta e um e cinquenta e dois e em cinquenta e três meu pai respondeu pelo cartório daqui de Itapororoca... a política o tirou daqui... naquela época o MDB... é::...administrado por José Fernandes de Lima o... é::...des... retirou ele daqui da política TIROU DA POLÍTICA TIROU DO CARTÓRIO ele também tinha comprado o cartório a outra pessoa... essa pessoa que a gente perdeu o cartório pra ela passou vinte anos no cartório quando de repente o cartório volta pra minha família... comigo... meu pai fundou aqui... a pri-mei-ra linha telefônica... foi fundada por ele aqui... ele foi secretário da prefeitura geral de Mamanguape e respondia por esses municípios todinho naquela época era Jacaraú Mamangua...é::... Rio Tinto Itapororoca Baía da Traição... era um mundo... muito grande o município de Mamanguape ele foi secretário geral desse município...	
Entrevistador: ele trouxe os telefones pra cá?	
Entrevistado: ele quem botou os telefones aqui... foi a primeira vez...	
Entrevistador: o senhor ainda conseguiu coordenar esses telefones?	
Entrevistado: nada... eu era criancinha de dois anos e meio... três anos	
Entrevistador: qual a sua profissão?	

Entrevistado:	Sou tabelião público.
Entrevistador:	e a mais importante... o senhor é fundador... como o senhor disse não é o fundador mas o senhor administra o único cartório da cidade e consequentemente já deve ter presenciado vários momentos importantes para cidade... o senhor pode demonstrar alguns?
Entrevistado:	ah diversos... eu fiquei muito contente quando na época oitenta e três... oitenta e quatro nós conseguimos junto com a política daqui... com a minha modesta participação... fundar... o colégio Severino Félix de Brito onde minha mulher passou muito tempo trabalhando depois fundamos também o:... Isaura Fernandes da qual ela foi a primeira dirigente... que que nós fundamos mais aqui?... o Banco do Brasil... Tudo a gente acompanhou o crescimento dessas áreas... dessas... agências e dessas... dessas instituições de ensino...

Mamanguape, mas se considera um itapororocense, pois mora na cidade a quarenta e quatro anos, desde mil novecentos e setenta e quatro. Mudou-se para o município, pois em mil novecentos e setenta e dois, a justiça fechou o cartório, então seu pai que tinha uma certa influência política entrou em contato com alguns políticos conseguiu com a dona anterior a admissão e a requisição para nomear o senhor José tabelião.

Porém, antes deste episódio o entrevistado narra o fato de seu pai já ter respondido pelo cartório entre os anos de mil novecentos e cinquenta até mil novecentos e cinquenta e três, porém perdeu a administração por causa de desavenças políticas por parte do partido do MDB, dirigido por José Fernandes de Lima, assim a instituição só voltou para “as mãos” de sua família cerca de vinte anos depois.

Durante este período seu pai ainda fundou a primeira linha telefônica da cidade, foi secretário da prefeitura geral de Mamanguape e respondia por vários municípios, naquela época era Jacaraú, Rio Tinto, Itapororoca e Baía da Traição, todos compunham o município de Mamanguape.

O entrevistado ainda desempenhou uma grande influência política nos anos de mil novecentos e oitenta e quatro quando ajudou a fundar o colégio Severino Félix de Brito e o colégio Isaura Fernandes, o Banco do Brasil também contou com o auxílio do senhor José Bustorff. Ele ainda teve a gentileza de compartilhar os primeiros documentos registrados no cartório. Os primeiros registros de nascimento foram três irmãos que foram registrados no primeiro dia de serviço de cartório, que foi mil novecentos e quarenta e quatro. Essas crianças foram a irmã mais velha de Adamastor Madruga, Dona Ramira e o próprio Adamastor Madruga.

Quando questionado sobre o que ele queria que melhorasse no município, obteve a resposta que era necessário mais segurança e mais investimentos por parte do governo nas escolas, pois os estudantes estão migrando para outros municípios para buscar uma melhor educação. E ele espera que ainda possa trazer novos projetos para o desenvolvimento do município de Itapororoca.

	O senhor José Bustorff Feodrippe Quintão é um homem muito gentil e honrado que nos ajudou na conclusão desse projeto e merece todo o agradecimento possível. Assim finalizo dizendo que o objetivo foi alcançado resgatando memórias de extrema importância e aperfeiçoando a linguagem oral e escrita dos estudantes envolvidos.
--	---

Elaboração: Própria, João Pessoa, 2019.

Na retextualização do texto do aluno M.E.S.S. notamos que houve uma verdadeira conscientização da relação existente entre a oralidade e a escrituralidade, pois ele conseguiu colocar no relato de experiência escrito todas as informações importantes da entrevista oral sem as marcas da oralidade presentes no primeiro texto.

Um ponto interessante durante o processo de retextualização do aluno M.E.S.S. foi a indagação a respeito da substituição de palavras dêiticas. Na resposta dada pelo entrevistado à segunda pergunta, quando José Bustorff diz “nasci em 1949 na cidade de Mamanguape e estou aqui há quarenta e quatro anos de setenta e quatro pra cá...”, o aluno ficou em dúvida se realmente era necessário substituir o “aqui”, já que na pergunta ele enfatizou que se tratava da cidade de Itapororoca.

Além disso, o aluno conseguiu eliminar as pausas, interrupções da fala e a ênfase na entonação de algumas palavras substituindo-as por pontuação adequada.

Dessa forma, conseguimos alcançar um objetivo de suma importância: saímos do ensino da língua imutável para o aprendizado de uma língua interacional.

Uma vez observados os textos do aluno M.E.S.S., prosseguimos para a análise dos textos do aluno M.G.P.S., presentes no quadro a seguir.

QUADRO 10 **TEXTOS DO ALUNO M.G.P.S.**

COMPARAÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS POR M.G.P.S.	
ENTREVISTA	RELATO DE EXPERIÊNCIA
	No dia dezoito de agosto de dois mil e dezoito tive a oportunidade de entrevistar através de um projeto de

Entrevistador:	Qual o seu nome... e quantos anos a senhora <u>tem</u> ?
Entrevistado:	É... Ramira Madruga Coutinho...oitenta e um anos
Entrevistador:	Onde nasceu e há quanto tempo reside em <u>Itapororoca</u> ?
Entrevistado:	Nasci aqui... nunca me mudei
Entrevistador:	Qual a influência da sua família na cidade... em que sua família contribuiu na (...) cidade ?
Entrevistado:	Trouxeram muita influência... porque meu pai foi comerciante aqui... negociou muito tempo com a loja... de tecido e ... coisas de comida... minha mãe ficava na loja com os ... tecido e ele com os material de comida e assim viveram muitos anos...tiveram nós somos dez irmão... criaram-se sete... três morreram mas morreram novinho...num... <u>nem</u> conheci... foram mais velhos que eu
Entrevistador:	Qual era sua profissão... e o que faz <u>atualmente</u> ?
Entrevistado:	A minha profissão é professora...agora sou aposentada... não faço nada
Entrevistador:	Em Itapororoca de antigamente se comparada com os dias atuais quais as semelhanças ou diferenças a senhora poderia relatar no (...)
Entrevistado:	Que antigamente olhe... não tinha rua calçada... não tinha rua enxada... não tinha mercado público grande como tem agora... a igreja também era bem pequeninha era uma capela... feita de... num era nem de tijolo... Itapororoca era uma cidade muito atrasada...o que eu tenho a dizer é só isso
Entrevistador:	E na questão da... educação... na <u>política</u> ?
Entrevistado:	Na educação só tinha uma escola... que eu estudei... que era professora era dona Maria Morena... mas só estudava até a quarta série... depois da quarta série não tinha mais escola aqui... tinha que se desc... deslocar pra outros lugares que tinha escola mais adiantada... Guarabira... Mamanguape... Rio Tinto... assim por diante
Entrevistador:	E na política que seu primeiro marido foi ... o primeiro prefeito de <u>Itapororoca</u> ?
Entrevistado:	Foi... eu fui a primeira dama da cidade... porque quando... quando ele se... quando eu me casei com ele... aí ele queria se candidatar... aí doutor Pedro Moreno que era o governador chamou ele e disse assim “ Rúbio eu vou lhe nomear pra prefeito;”... aí ele disse “quero não doutor Pedro... eu quero ser eleito... porque eu quero demons(...) eu quero demonstrar o meu prestígio junto ao povo... se eu tiver muito voto eu tenho prestígio... se eu tiver pouco voto é porque o povo não me querem” e assim ele foi candidato... e foi MUITO bem votado... agora Neemilton que era uma potencia em dinheiro... em terra... em tudo ficou em segundo lugar... ele... ele não tinha nada... ele era um agente fiscal somente... trabalhava na coletoria...era agente fiscal e o coletor de lá mandou ele coletar imposto aqui em Itapororoca... foi assim que eu conheci ele... eu estudava num colégio de freira em Guarabira... aí vim pra aqui... encontrei aquele rapaz olhando tanto pra mim aí eu disse “ Meu Deus quem é esse... que não conheço... aí eu perguntei... num sei a quem... a uma pessoa...” aí disse “ah é o rapaz que cobra imposto” aí eu disse “ ah é o agente fiscal daqui...” disse “é”... aí quando foi um dia eu tava na... na venda... lá do meu pai sentada... aí ele chegou e sentou-se... aí disse “ você mora aqui ” eu disse “ moro ” “oxente... faz três meses que eu moro aqui... nunca lhe vi” “ah” eu disse “ porque eu moro aqui mas eu não estudava... eu... estudo em Guarabira...e só to aqui nas férias... tempo de aula to lá estudando... olhe... março... abril... maio... junho... aí julho é férias... aí agosto... setembro... outubro e novembro... aí dezembro e janeiro é férias...e é assim
Entrevistador:	E na questão como era as eleições antigamente...como eram <u>realizadas</u> ?

retextualização dirigido pela professora Micaelle Kiara a senhora Ramira Madruga Coutinho, primeira dama da cidade de Itapororoca, e uma das primeiras professoras do município. Ao ser apresentada a proposta desse projeto, que era entrevistar uma pessoa que contribuiu para a história da cidade, o nome da senhora Ramira logo surgiu, pelo seu envolvimento na educação e pelo seu conhecimento sobre o comércio na cidade, já que seus pais foram um dos primeiros a colocar uma venda de produtos e uma loja de tecidos na cidade.

Aos seus oitenta e um anos, ainda residindo na mesma cidade que nasceu lembrou das dificuldades de estudos na cidade, relatou que só existia uma escola e que ensinava até a quarta série. Após concluir teria que ir em busca de estudo em outra cidade como Mamanguape, Rio Tinto e Guarabira, que foi o seu caso, estudando em uma escola de freiras.

Ao ser questionada em relação à política, nos relatou da primeira eleição que aconteceu na cidade, seu marido concorreu com um homem de muitas posses, mas mesmo assim saiu vitorioso. Em relação a como eram feitas as eleições disse que existia umas dez urnas e que as eleições ocorriam das oito horas da manhã e se estendiam até as dezessete horas, e no caso de se chegar as dezessete horas e ainda faltar pessoas pra votar o tempo era prorrogado.

Relembrando dos tempos passados, ao ser questionada sobre as diferenças de Itapororoca fazendo uma comparação com o antes e os tempos atuais relatou que não existiam ruas calçadas, não tinha mercado público como temos hoje e a igreja católica, a qual foi frequentadora, era uma capela, que nem de tijolo era feita. Afirmou que a cidade era bastante atrasada em relação a outras, compreensível por Itapororoca ser uma cidade nova, e naquela época ainda era distrito de Mamanguape, onde veio a se emancipar no ano de mil novecentos e sessenta e um.

Após a entrevista percebi a importância de um projeto como esse, que deveria ser realizado por outros professores em outras escolas. O conhecimento que adquirimos é algo que com certeza será

levado por muitos anos, e as palavras de uma itapororoquense como a senhora Ramira ficará registrado, uma mulher honesta e dedicada pelo seu município.

Hoje muitos de seus alunos já ocupam cargos de importância na cidade e contribuem para uma Itapororoca melhor.

Elaboração: Própria, João Pessoa, 2019.

O aluno M.G.P.S. notou que a entrevista apresenta marcas da oralidade que não podem continuar após a retextualização e, com isso, eliminou as pausas, substituiu a ênfase na entonação por pontuação adequada, organizou as citações do entrevistado, reorganizou sequências e tópicos para que o texto ficasse coeso e coerente, além de também ter substituído palavras dêiticas e de referência, já que é natural na oralidade apresentarmos elementos dêiticos e fazermos referência com elementos gestuais e corporais.

É importante destacar que o aluno M.G.P.S. sugeriu que todos os alunos tivessem um dicionário em mãos durante o processo de retextualização como fonte de pesquisa no momento da escolha lexical em alguns momentos do texto, evitando, dessa forma, a repetição desnecessária de alguns vocábulos, como aconteceu durante as entrevistas. A sugestão foi acatada e todos os alunos fizeram o uso do dicionário.

O discente, ao finalizar o processo de retextualização, chegou a afirmar que o entrevistado teve pouco tempo para conseguir pensar no que dizer, diferente do texto escrito, no qual o autor consegue planejar ainda mais o que vai ser escrito e pode corrigir ou mudar palavras se necessário.

Quem fala tem pouco tempo para estruturar o discurso, por isso este pode ser menos preciso ou rigoroso do ponto de vista linguístico, diferentemente do texto escrito, no qual se pode cuidar mais da estruturação do discurso e até mesmo consultar dúvidas, corrigir, ampliar o vocabulário e acrescentar esquemas, como afirma Reyzábal (1999, p. 57-58).

Analizamos, em seguida, no quadro 7, os textos do aluno M.M.S.

QUADRO 11 **TEXTOS DO ALUNO M.M.S.**

COMPARAÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS POR M.M.S.	
ENTREVISTA	RELATO DE EXPERIÊNCIA

Entrevistador:	Qual é o seu nome... e quantos anos o senhor tem?
Entrevistado:	Meu nome é Everaldo Rodrigues da Costa... tenho sessenta e sete ano
Entrevistador:	E onde o senhor nasceu?
Entrevistado:	Na cidade de Pilar
Entrevistador:	Há quanto tempo o senhor reside aqui em Itapororoca?
Entrevistado:	Quanto tempo reside em Itapororoca o senhor tem que dizer o sítio... e a rua... na rua tem trinta no sítio tem...tem sessenta e três ((risos)) ohh:... trinta e três ((risos))
Entrevistador:	É qual a participação e a contribuição da sua família para a cidade?
Entrevistado:	Né:: Professora todas três... e Jair trabalha no... na agri... agricultor... e trabalha na prefeitura também né::...
Entrevistador:	E qual é/ou era a sua profissão?
Entrevistado:	AGRICultura, eu sempre trabalhei com isso.
Entrevistador:	E o senhor faz o que atualmente?
Entrevistado:	Agora por hora nada é só aposentado
Entrevistador:	A agricultura é um dos principais pilares da cidade de Itapororoca e a tecnologia vem modernizando cada vez mais essa área... como funcionava a plantação e a colheita no nosso município?
Entrevistado:	Eu plantava:...agora cresceu mais...agora... eu plantava abacaxi e a fiação e roçado ao povo o povo tirava pra São Paulo rio e assim era ... hoje o povo usa muita máquina mas antes não tinha tanto essas coisa -- mas o povo mudou muito ... não é a toa que hoje Itapororoca não é mais a terra que mais produz abacaxi né... as pessoas trabalham com outras coisa e as pessoas que mais trabalhava na roça já morreram ou já tão aposentado como eu

A ideia de entrevistar um itapororoquense despertou grande curiosidade devido a cidade de Itapororoca possuir várias figuras importantes.

Ao escolher a área da agricultura, fiquei com um antigo agricultor, o senhor Everaldo Rodrigues da Costa, conhecido como “Seu Verado”. Sua recepção foi extremamente calorosa, fui recebida com um abraço do entrevistado e fomos direto para cozinha onde ocorreu a entrevista. Ele, um senhor de sessenta e sete anos que já viveu na área rural por trinta anos e mais trinta e três anos na zona urbana onde reside atualmente.

Hoje em dia Everaldo é aposentado, mas antes, desempenhava um papel muito importante na agricultura como produtor de abacaxi, como ele mesmo disse, seus abacaxis eram vendidos para vários lugares do país, com por exemplo: Rio de Janeiro e São Paulo.

Seus filhos também exercem papéis importantes na cidade, ao total são quatro filhos, três são mulheres que são educadoras, o seu filho é agricultor e também é funcionário da prefeitura.

Temos o senhor Everaldo como um cidadão que merece grande respeito, não só pela participação na principal fonte de renda do nosso município, mas também pela contribuição de toda sua família sobre a cidade. O prazer que senti ao fazer essa entrevista foi imenso, pois Everaldo participou da agricultura Itapororoquense e agora seus filhos também contribuem na educação e na produção de abacaxi na cidade.

Elaboração: Própria, João Pessoa, 2019.

Analisando os textos do aluno M.M.S., nota-se que na entrevista oral há diversas marcas da oralidade, bem como a falta de concordância verbal e nominal em alguns períodos e o desvio da norma culta. Portanto, além da eliminação de marcas típicas da oralidade, o discente ainda precisou fazer mais algumas alterações para que o relato de experiência ficasse adequado ao novo contexto de publicação que, nesse caso, trata-se de um fotolivro.

As repetições, pausas e truncamentos ao longo do texto foram substituídos por novas palavras e também por pontuação para que, assim, o novo texto ficasse coerente para o público leitor.

Por fim, terminada a análise dos textos do aluno M.M.S., podemos partir para a avaliação dos dois últimos textos, produzidos pelo aluno O.S.S. e constantes no quadro seguinte.

QUADRO 12 TEXTOS DO ALUNO O.S.S.

COMPARAÇÃO DOS TEXTOS PRODUZIDOS POR O.S.S.																																							
ENTREVISTA	RELATO DE EXPERIÊNCIA																																						
<table border="1"> <tr> <td>Entrevistador:</td><td>Boa tarde...Qual é o seu nome e quantos anos tem?</td></tr> <tr> <td>Entrevistado:</td><td>Nelça Lopes da Silva e tenho 77 anos</td></tr> <tr> <td>Entrevistador:</td><td>Onde a senhora nasceu ?</td></tr> <tr> <td>Entrevistado:</td><td>Eu nasci em uma cidade chamada Tracunhaém em Pernambuco</td></tr> <tr> <td>Entrevistador:</td><td>E a quanto tempo a senhora está aqui em Itapororoca?</td></tr> <tr> <td>Entrevistado:</td><td>Olhe eu vim para cá com a idade de 6 anos com meus pais.</td></tr> <tr> <td>Entrevistador:</td><td>Qual a influência da sua família em Itapororoca?</td></tr> <tr> <td>Entrevistado:</td><td>Olha... Quase não teve influência porque gente pobre não tem influência de nada... né?! Eu sou de uma família pobre...Meus pais eram agricultores e não tiveram essa influência.</td></tr> <tr> <td>Entrevistador:</td><td>Mas no que a família contribuiu para a cidade ?</td></tr> <tr> <td>Entrevistador:</td><td>Como a sua família é conhecida aqui na cidade ?</td></tr> <tr> <td>Entrevistado:</td><td>Todos conhecem nossa família como benquista, dos Lopes</td></tr> <tr> <td>Entrevistador:</td><td>Qual o legado da sua família ?</td></tr> <tr> <td>Entrevistado:</td><td>Não...não tem</td></tr> <tr> <td>Entrevistador:</td><td>Qual era sua profissão?</td></tr> <tr> <td>Entrevistado:</td><td>Eu trabalhei na agricultura com meus pais.</td></tr> <tr> <td>Entrevistador:</td><td>Quais as lembranças a senhora poderia compartilhar com a gente sobre a cidade de Itapororoca?</td></tr> <tr> <td>Entrevistado:</td><td>Itapororoca era pequenininha ... As casas se contavam aqui em Itapororoca e depois foi aumentando e eu tenho muitas lembranças boas do 7 de setembro... era uma maravilha e não se compara com hoje em dia... as escolas ... É uma lembrança que eu tenho muito boa.. é tinham muito mais organização do que tem hoje... a gente desfilava era lindo e eram na base de um dois...um dois... um dois... Mas não mudava aquela passada e não tinha uma lata pra bater...hoje a gente vê...bandas e bandas e bandas... E quando é no dia 7 é a coisa mais feia do mundo quem tá de fora vê... Né ? Mas... Era muito bom... era uma festa pra a gente.</td></tr> <tr> <td>Entrevistador:</td><td>E na religião? quais as recordações que a senhora poderia compartilhar com a gente sobre a fundação da 1ª igreja batista da cidade ?</td></tr> <tr> <td>Entrevistado:</td><td>A primeira igreja batista... Meu pai toda vida foi evangélico... e sempre que... Me perguntam... É.. desde quando eu sou crente eu digo que desde o ventre de minha mãe eu era evangélica... porque graças a Deus nunca me desviei e... Sempre... A bíblia diz " ser fiel até a morte dar ti a coroa da vida " então a igreja era.. se congregava numa casinha velha lá no ariado... depois passou a se congregar em outra casa e foi aumentando o número de pessoas e depois compramos um terreno para construir eu carregava pedras... não só eu... cada pessoa levava tijolos para fazer a base da igreja... meu pai sempre foi o fundador... o " cabeça" né ? E meu pai era analfabeto... Analfabeto... mas conhecia a Bíblia e pregava o evangelho. Eu digo que ele gravava... Ouvia né... a palavra de Deus diz que o ouvir vem pelo falar e o falar vem pela palavra de Deus e ele ouvia e gravava na memória e é tanto que quando ele estava bem velhinho ele dizia " Minha filha combati o bom combate...acabei a carreira e guardei a fé."</td></tr> </table>	Entrevistador:	Boa tarde...Qual é o seu nome e quantos anos tem?	Entrevistado:	Nelça Lopes da Silva e tenho 77 anos	Entrevistador:	Onde a senhora nasceu ?	Entrevistado:	Eu nasci em uma cidade chamada Tracunhaém em Pernambuco	Entrevistador:	E a quanto tempo a senhora está aqui em Itapororoca?	Entrevistado:	Olhe eu vim para cá com a idade de 6 anos com meus pais.	Entrevistador:	Qual a influência da sua família em Itapororoca?	Entrevistado:	Olha... Quase não teve influência porque gente pobre não tem influência de nada... né?! Eu sou de uma família pobre...Meus pais eram agricultores e não tiveram essa influência.	Entrevistador:	Mas no que a família contribuiu para a cidade ?	Entrevistador:	Como a sua família é conhecida aqui na cidade ?	Entrevistado:	Todos conhecem nossa família como benquista, dos Lopes	Entrevistador:	Qual o legado da sua família ?	Entrevistado:	Não...não tem	Entrevistador:	Qual era sua profissão?	Entrevistado:	Eu trabalhei na agricultura com meus pais.	Entrevistador:	Quais as lembranças a senhora poderia compartilhar com a gente sobre a cidade de Itapororoca?	Entrevistado:	Itapororoca era pequenininha ... As casas se contavam aqui em Itapororoca e depois foi aumentando e eu tenho muitas lembranças boas do 7 de setembro... era uma maravilha e não se compara com hoje em dia... as escolas ... É uma lembrança que eu tenho muito boa.. é tinham muito mais organização do que tem hoje... a gente desfilava era lindo e eram na base de um dois...um dois... um dois... Mas não mudava aquela passada e não tinha uma lata pra bater...hoje a gente vê...bandas e bandas e bandas... E quando é no dia 7 é a coisa mais feia do mundo quem tá de fora vê... Né ? Mas... Era muito bom... era uma festa pra a gente.	Entrevistador:	E na religião? quais as recordações que a senhora poderia compartilhar com a gente sobre a fundação da 1ª igreja batista da cidade ?	Entrevistado:	A primeira igreja batista... Meu pai toda vida foi evangélico... e sempre que... Me perguntam... É.. desde quando eu sou crente eu digo que desde o ventre de minha mãe eu era evangélica... porque graças a Deus nunca me desviei e... Sempre... A bíblia diz " ser fiel até a morte dar ti a coroa da vida " então a igreja era.. se congregava numa casinha velha lá no ariado... depois passou a se congregar em outra casa e foi aumentando o número de pessoas e depois compramos um terreno para construir eu carregava pedras... não só eu... cada pessoa levava tijolos para fazer a base da igreja... meu pai sempre foi o fundador... o " cabeça" né ? E meu pai era analfabeto... Analfabeto... mas conhecia a Bíblia e pregava o evangelho. Eu digo que ele gravava... Ouvia né... a palavra de Deus diz que o ouvir vem pelo falar e o falar vem pela palavra de Deus e ele ouvia e gravava na memória e é tanto que quando ele estava bem velhinho ele dizia " Minha filha combati o bom combate...acabei a carreira e guardei a fé."	Este texto trata-se de um relato de experiência sobre um trabalho desenvolvido com um grupo de adolescentes. O objetivo do trabalho foi entrevistar pessoas importantes da cidade de Itapororoca que contribuíram para o crescimento da mesma. Fiquei empolgada ao conhecer a senhora Nelça Lopes da Silva, de 77 anos, que não é natural da cidade, mas que veio para Itapororoca com apenas 6 anos com os pais. De família humilde, Nelça trabalhava com os pais na agricultura quando jovem e se diz ter muito orgulho, pois a agricultura é fundamental para a nossa alimentação e a maioria dos alimentos que consumimos vem das mãos de agricultores. Ela relata que não se contenta com os atuais desfiles cívicos da cidade de Itapororoca, já que na época de criança tem lembranças de um desfile organizado e lindo, enquanto hoje é uma desordem. Dona Nelça e sua família trazem um legado muito importante a nossa cidade: o de construir a primeira igreja batista junto com alguns integrantes que se congregavam em uma pequena casa construída por eles e depois foi crescendo. Seu pai, o pastor da igreja que mesmo analfabeto conseguia ouvir a palavra do senhor e levar as outras pessoas, foi lembrado com muita ternura. Dona Nelsa guarda em sua memória uma frase que ele lhe falou alguns dias antes de seu falecimento “Minha filha, combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé.” A fé dessa senhora é inabalável, é bonito ver como ela fala de sua crença, que
Entrevistador:	Boa tarde...Qual é o seu nome e quantos anos tem?																																						
Entrevistado:	Nelça Lopes da Silva e tenho 77 anos																																						
Entrevistador:	Onde a senhora nasceu ?																																						
Entrevistado:	Eu nasci em uma cidade chamada Tracunhaém em Pernambuco																																						
Entrevistador:	E a quanto tempo a senhora está aqui em Itapororoca?																																						
Entrevistado:	Olhe eu vim para cá com a idade de 6 anos com meus pais.																																						
Entrevistador:	Qual a influência da sua família em Itapororoca?																																						
Entrevistado:	Olha... Quase não teve influência porque gente pobre não tem influência de nada... né?! Eu sou de uma família pobre...Meus pais eram agricultores e não tiveram essa influência.																																						
Entrevistador:	Mas no que a família contribuiu para a cidade ?																																						
Entrevistador:	Como a sua família é conhecida aqui na cidade ?																																						
Entrevistado:	Todos conhecem nossa família como benquista, dos Lopes																																						
Entrevistador:	Qual o legado da sua família ?																																						
Entrevistado:	Não...não tem																																						
Entrevistador:	Qual era sua profissão?																																						
Entrevistado:	Eu trabalhei na agricultura com meus pais.																																						
Entrevistador:	Quais as lembranças a senhora poderia compartilhar com a gente sobre a cidade de Itapororoca?																																						
Entrevistado:	Itapororoca era pequenininha ... As casas se contavam aqui em Itapororoca e depois foi aumentando e eu tenho muitas lembranças boas do 7 de setembro... era uma maravilha e não se compara com hoje em dia... as escolas ... É uma lembrança que eu tenho muito boa.. é tinham muito mais organização do que tem hoje... a gente desfilava era lindo e eram na base de um dois...um dois... um dois... Mas não mudava aquela passada e não tinha uma lata pra bater...hoje a gente vê...bandas e bandas e bandas... E quando é no dia 7 é a coisa mais feia do mundo quem tá de fora vê... Né ? Mas... Era muito bom... era uma festa pra a gente.																																						
Entrevistador:	E na religião? quais as recordações que a senhora poderia compartilhar com a gente sobre a fundação da 1ª igreja batista da cidade ?																																						
Entrevistado:	A primeira igreja batista... Meu pai toda vida foi evangélico... e sempre que... Me perguntam... É.. desde quando eu sou crente eu digo que desde o ventre de minha mãe eu era evangélica... porque graças a Deus nunca me desviei e... Sempre... A bíblia diz " ser fiel até a morte dar ti a coroa da vida " então a igreja era.. se congregava numa casinha velha lá no ariado... depois passou a se congregar em outra casa e foi aumentando o número de pessoas e depois compramos um terreno para construir eu carregava pedras... não só eu... cada pessoa levava tijolos para fazer a base da igreja... meu pai sempre foi o fundador... o " cabeça" né ? E meu pai era analfabeto... Analfabeto... mas conhecia a Bíblia e pregava o evangelho. Eu digo que ele gravava... Ouvia né... a palavra de Deus diz que o ouvir vem pelo falar e o falar vem pela palavra de Deus e ele ouvia e gravava na memória e é tanto que quando ele estava bem velhinho ele dizia " Minha filha combati o bom combate...acabei a carreira e guardei a fé."																																						

desde o ventre de sua mãe é crista e como nunca se desviou do caminho de Deus.

A experiência me permitiu conhecer um pouco mais da história de minha cidade e de acreditar que se seguirmos o caminho de Deus com todo nosso coração, todas as batalhas serão vencidas e sairemos mais fortes e com a fé inabalável.

Elaboração: Própria, João Pessoa, 2019.

Na análise dos textos do aluno O.S.S. nota-se que no processo de retextualização da entrevista oral para o relato de experiência escrito algumas modificações foram realizadas e, para isso, o aluno utilizou-se das cinco operações textuais-discursivas, baseadas em Marcuschi (2010).

Comparando os textos, podemos perceber que algumas repetições e elementos estritamente interacionais foram apagados, houve acréscimo de pontuação para deixar o texto mais coeso, como é sugerido nas duas primeiras operações textuais-discursivas didatizadas baseadas em Marcuschi (2010).

No caso do aluno O.S.S., algumas palavras de interação entre o entrevistador e o entrevistado e algumas palavras dêiticas ainda foram mantidas no relato de experiência. O aluno afirmou que foram detalhes que passaram despercebidos no momento da retextualização, mas que foram modificados no ato da reescrita.

Também houve a substituição de algumas palavras de referência, além da reformulação e reorganização de períodos em função da norma escrita e visando uma maior formalidade, mas sem alterar o sentido do texto.

É possível notarmos não apenas no texto do aluno O.S.S. como também nos demais que entre as operações utilizadas no processo de retextualização, a inserção da pontuação, a eliminação de palavras, a substituição de vocábulos e, principalmente, o acréscimo de palavras foram as mais executadas, já que se trata de uma retextualização do oral para o escrito e da mudança do gênero textual, que transformou a entrevista em um relato de experiência.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acompanhar os alunos participantes da pesquisa ao longo de todo o processo desenvolvido na realização deste trabalho é possível considerar que contribuímos no desenvolvimento da aprendizagem dos discentes com as modalidades da língua a partir de práticas discursivas em eventos específicos de interação, enfatizando a importância das modalidades escrita e oral no processo comunicativo.

Como bem falou o aluno M.E.S.S., “Achei que seria uma simples tarefa de português, mas olha onde chegamos!”. Dessa forma, algumas falas dos alunos participantes do projeto ficaram marcadas na memória, pois mesmo aplicando as atividades em uma turma com um número reduzido de alunos e com as constantes mudanças no calendário escolar, conseguimos manter o estímulo e atingimos o nosso objetivo: realizar um trabalho com atividade de retextualização do oral para o escrito com alunos do 7º ano auxiliando-os a entender a relação de continuidade entre a oralidade e a escrita e, assim, resgatar histórias ligadas a cidade de Itapororoca – PB.

Nota-se que, ao realizarem as entrevistas, os alunos puderam conhecer um pouco mais a história da cidade de Itapororoca – PB e, principalmente, descobrir fatos relacionados às suas próprias famílias. Dessa forma, a produção de textos desempenhou uma função social para que os alunos pudessem utilizar os conhecimentos adquiridos em suas práticas sociais, levando a aprendizagem para além dos muros da escola.

Logo, o resgate de histórias relacionadas à memória da cidade de Itapororoca foi uma forma encontrada para promover um ensino de linguagem a partir de um contexto significativo e, ao mesmo tempo, instiga-os à reflexão dos usos da língua materna e valorizar a comunidade em que vivem e que sempre fará parte da vida dos discentes.

Por meio da transcrição do texto oral os alunos puderam notar que a fala e a escrita são diferentes, mas que essas diferenças são graduais e contínuas, desmistificando a ideia de que as modalidades da língua são processos opostos e que ambas são de suma importância para estabelecer a comunicação.

Vale ressaltar que, no momento das transcrições da entrevista oral, alguns alunos tiveram dificuldades para empregar os códigos combinados, embora isso não tenha se apresentado com obstáculo para que o trabalho rendesse bons frutos pois, por ser uma turma bastante reduzida, todos os alunos se ajudaram e a professora-pesquisadora se mostrou disponível todo o tempo para auxiliá-los.

Com o processo de retextualização e a consequente produção do relato de experiência publicado em um fotolivro, os alunos aprenderam a adaptar os textos na perspectiva de uma das modalidades da língua, fazendo modificações na forma de expressão do texto-base bem como no conteúdo. Esse objetivo foi atingido sem maiores dificuldades porque a entrevista já é um entrecruzamento entre a fala e a escrita, na qual, dependendo do interlocutor, da situação comunicativa, do tema abordado, entre outros fatores, a oralidade presente no texto escrito pode ser mais ou menos formal.

Trabalhar com o processo de retextualização também proporcionou a didatização do modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito, conforme pressupostos teóricos de Marcuschi (2010). Dessa forma, fomos mais além do que havíamos planejado e reformulamos o passo a passo da retextualização para que esses pudessem ficar mais compreensíveis para os alunos.

Fazendo a análise comparativa entre as entrevistas orais e os relatos de experiência escritos, ou seja, as produções iniciais e finais dos alunos participantes da pesquisa, nota-se o quanto eles evoluíram em relação ao entendimento do funcionamento das duas modalidades da língua e, conseqüentemente, conseguimos eliminar a falsa ideia de que a oralidade e a escrituralidade são processos opostos e que apenas o texto escrito pode ser considerado correto.

Quando se trata do entendimento dos usos da língua, não há certo ou errado, não existem fórmulas prontas, mas existem textos adequados ou inadequados de acordo com o uso, seja ele oral ou escrito, em qualquer gênero, em qualquer tipologia e em diferentes situações comunicativas cotidianas.

Trabalhar com o oral e o escrito em sala de aula a partir de eventos de letramento não é uma tarefa fácil, requer muita disciplina e planejamento. Contudo, seguindo esse caminho conseguimos proporcionar um sentido à produção de textos, adequando essa atividade ao cotidiano dos alunos. Tudo isso permitiu analisar como se dá o processo de retextualização do gênero oral entrevista para o gênero escrito relato visando a um melhor conhecimento dos usos da língua por parte dos alunos, em contexto de resgate de histórias ligadas à memória da cidade de Itapororoca – PB.

Os dados gerados nessa pesquisa atestaram, portanto, que os alunos do 7º ano compreendem bem as duas modalidades da língua, manifestadas através da produção dos gêneros textuais entrevista e relato de experiência e é um convite para que os docentes, principalmente os da realidade do Ensino Fundamental, executem práticas que possibilitem a

compreensão da relação oralidade e escrituralidade dentro de um contínuo e que o processo de retextualização fala-escrita seja visto como uma passagem de uma ordem para outra ordem.

Dessa forma, caminharemos para a erradicação da ideia de que existe relação de sobreposição entre a língua oral e a língua escrita, ratificando a ideia de que as duas possuem suas particularidades e seus modos.

E através do processo de retextualização do oral para o escrito, podemos levar essa ideia com mais afinco ao aluno, para que, a partir da prática, ele possa notar a ordem de cada uma das modalidades da língua e, conseqüentemente, saber utilizá-las em quaisquer gêneros que o discente se sirva no processo comunicativo.

A proposta desse trabalho teve os gêneros entrevista e relato de experiência como objetos de ensino, mas muitos outros gêneros orais e escritos também podem e devem ser trabalhados.

O material já coletado como resultado dessa pesquisa pode dar origem a outros trabalhos, principalmente no que concerne à aplicação da retextualização no trabalho com gêneros textuais, já que, infelizmente, ainda são poucos os trabalhos nessa área.

Vale ressaltar que essa proposta foi aplicada em uma turma do 7º ano do ensino fundamental, mas que pode, facilmente, ser adaptada e aplicada em turmas do ensino médio. O mais importante é difundir essa prática no ensino da língua portuguesa e, principalmente, ratificar a ideia de que a oralidade e a escrita não são línguas diferentes, mas a variação de uma mesma língua.

Assim, as aulas de Língua Portuguesa, além de fazerem mais sentido para os alunos, estarão, de fato, instrumentalizando-os para empreenderem práticas sociais.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A norma oculta** - língua e poder na sociedade brasileira. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**/Mikhail Mikhailovich Bakhtin; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 5a ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004/2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-3versao.revista.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas tecnologias: MEC, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos 5ª a 8ª séries** – PNLD 2005. Brasília: MEC/SEF, 2004.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Feirreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTI, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. 1. Ed., 1a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira. **Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas**. In: PRETI, Dino (Org.). Estudos de língua falada: variações e confrontos. São Paulo: Humanitas; FFLCH, USP, 1998.

FERREIRA, R.A.M. P. 2009. **A Formação do Professor de Língua Portuguesa**: dizeres sobre a oralidade. In: E. S. BERTOLDO (Org.), 2009, Ensino e aprendizagem de línguas e a formação do professor: perspectivas discursivas. São Carlos: Clara Luz, pp. 51-69.

FERREIRO, Emilia. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**: seleção de textos de pesquisa. Tradução Rosana Malerba. São Paulo: Cortez, 2013.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

GÖRSKI, E.M. e COELHO, Izete Lehmkuhl. **Variação linguística e ensino de gramática**. Work. pap. linguíst., 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2a ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo**: do big bang aos buracos negros. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. P. 173

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. **Entrevista: uma conversa controlada**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53. 2007.

KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: Kleiman, A. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e escrever? Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso ‘ensinar’ o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? In: OLIVEIRA, Maria do Socorro; TINOCO, Glicia Azevedo; SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. Natal: EDUFRN, 2014.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e formação do professor**: quais as práticas e exigências no local de trabalho? In: KLEIMAN, Angela. B. (Org.) A formação do Professor. Perspectivas da Lingüística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2001, 342 p.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos** – 5a edição. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH. Peter/ OESTERREICHER, Wulf. **Oralidad y escrituralidad a la luz de la teoría del lenguaje**. In: KOCH, Peter/ OESTERREICHER, Wulf/ LÓPEZ SERENA, Araceli. Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano. Madrid, Gredos, 1990/2007.

LEHMANN, Bianca Alves. **Ensino dos gêneros orais formais em Língua Portuguesa**. Disponível em <<http://www.unifra.br/eventos/inletras2011/trabalhos/2331.pdf>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita** / Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionísio. 1. ed., 1a. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. — São Paulo: Editora Cortez, 2010.

MARCUSCHI, **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATÊNCIO, M.L.M. **Retextualização de textos acadêmicos: leitura, produção de textos e construção de conhecimentos**. Projeto de Pesquisa/Fapemig. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

OLIVEIRA, Maria do Socorro; TINOCO, Glícia Azevedo; SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014.

PERINI, Mário A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PINTO, Abuêmia Padilha. **Gêneros discursivos e ensino de língua inglesa**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

REYZÁBAL, Maria Victoria. **A comunicação oral e sua didática**. Bauru: Edusc, 1999.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **O oral como texto: como construir um objeto de ensino**. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales. (Tradução e Organização). **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2011).

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Os gêneros escolares: Das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. Tradução de Gláís Sales Cordeiro. *Revista Brasileira de Educação*, maio-ago.1996.

SOARES, Magda. B. **Língua escrita, sociedade e cultura: Relações, dimensões e perspectivas**. *Revista Brasileira de Educação*, Belo Horizonte, Anped, set./out./nov./dez. 1995.

STREET, Brian V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TINOCO, Glícia M. Azevedo de M. **Projetos de letramento: ação e formação de professores de língua materna**. Campinas, SP: [s.n.], 2008.

TINOCO, Glícia M. Azevedo de M. **Projetos de letramento: ação e formação de professores de língua materna**. 2008. 254 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campina, SP, 2008.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. Educ. Pesqui. [online]. 2005, vol.31, n.3, pp.443-466. ISSN 1517-9702. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>. Acesso em: 30 de janeiro de 2018.

VERCEZE, Rosa Maria Aparecida Nechi & NOGUEIRA, Erik Sanchez. **Fala versus escrita:** atividades de retextualização. Revista Zona de Impacto. IBCT: v. 4, Ano VIII, Novembro, 2005. Disponível em: < <http://www.albertolinscaldas.unir.br/falaversusescrita.htm>>. Acesso em 27 de janeiro de 2018.

Anexo A – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DA ORALIDADE PARA A ESCRITA: O RESGATE DA MEMÓRIA SOCIAL A PARTIR DO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador: MICAELLE KIARA OLIVEIRA DE MELLO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 88780218.1.0000.5188

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.680.226

Apresentação do Projeto:

Projeto de qualificação do mestrado vinculado ao Profletras-CCAE-UFPB

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1113138.pdf	29/04/2018 11:45:52		Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	29/04/2018 11:44:30	MICAELLE KIARA OLIVEIRA DE	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	25/04/2018 18:11:30	MICAELLE KIARA OLIVEIRA DE	Aceito
Outros	doc04146420180418115518.pdf	18/04/2018 15:44:49	MICAELLE KIARA OLIVEIRA DE	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	img027.pdf	17/04/2018 19:45:46	MICAELLE KIARA OLIVEIRA DE MELLO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	17/04/2018 16:42:41	MICAELLE KIARA OLIVEIRA DE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	17/04/2018 16:40:01	MICAELLE KIARA OLIVEIRA DE MELLO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/04/2018 16:38:23	MICAELLE KIARA OLIVEIRA DE MELLO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

Anexo B – Transcrição das entrevistas orais

TRANSCRIÇÃO 1

Transcrição da entrevista do aluno A.A.S.

Entrevistador:	Qual é o seu nome completo e quantos anos você tem?
Entrevistado:	Meu nome é José Nazareno de Azevedo...eu tenho 70 anos...
Entrevistador:	Onde o senhor nasceu e há quanto tempo reside em Itapororoca?
Entrevistado:	Eu nasci no sítio Currallinho do Nogueira...zona rural do município de Itapororoca...
Entrevistador:	(toque do celular) Há quanto tempo o senhor reside aqui?
Entrevistado:	Eu vim pra aqui em sessenta e nove onde eu fui eleito vereador primeira vez...aí eu vim pra a::... cidade e aqui estou até agora de sessenta e nove até a presente data...
Entrevistador:	Certo...qual a influência da sua família na cidade hoje?
Entrevistado:	É a minha mãe...a minha mãe era professora do estado e ensinava na zona rural... como eu disse Currallinho do Nogueira então::... é::... a minha mãe sempre é::... ela ficou viúva logo cedo e criou sete filhos adotou mais uma:: moça... (toque do celular) uma filha, então sempre assim a minha mãe como professora... muitos alunos naquele tempo... professor não era assim tão como tem hoje... era uma raridade e minha mãe é que contribuiu bastante para a educação do pessoal do povo de Itapororoca principalmente da zona rural...
Entrevistador:	Certo...em que sua família contribui ou contribuiu na cidade?
Entrevistado:	É... na realidade é:: eu de minha modéstia participação na política de Itapororoca ...porque é::... eu fui vereador em sessenta e nove... é:: fui vereador cinco vezes... fui vice-prefeito em sessenta e seis... minha mulher foi vice-prefeita então a gente trabalhou ... viveu na política de Itapororoca e hoje estamos aqui acompanhando a política e o nosso lema sempre foi e é a honestidade... dar o bom exemplo e dessa forma é deixar um exemplo de:: honestidade... de trabalho... de sinceridade esse que é o nosso legado da nossa família...
Entrevistador:	Hunrum... como a sua família é conhecida na cidade?
Entrevistado:	A:: minha família modéstia parte lhe dizendo o pessoal se refere mais ao meu nome né? (entrevistador: hunrum)... Nazareno... irmão de Nazareno tal, então modestamente que meus irmãos todos são iguais... eu não sou melhor de que ninguém... mas sempre o pessoal fala... é o irmão de Nazareno... é o sobrinho de Nazareno e estou aqui sempre né? é::... não sou muito assim... não sou famoso... mas também sou devido a habilidade né?... eu ter conhecido Itapororoca, é:: me lembro que participei da primeira eleição de Itapororoca já como garoto... menino... que foi no dia três de outubro de sessenta e dois... a primeira eleição de Itapororoca quando Rúbio Maia foi eleito prefeito de Itapororoca e de lá pra cá eu mesmo sem ser candidato... na minha adolescência sempre participei da política de Itapororoca... da primeira até agora...
Entrevistador:	Certo... qual era... qual é a sua profissão?

Entrevistado:	É... hoje eu sou como todo mundo sabe? sou advogado... sou professor aposentando né?... professor de história... mas na realidade comecei como agricultor (Entrevistadora: é) trabalhei dez anos de cabo de inchada e ainda hoje sou agricultor... sou produtor rural tenho... planto abacaxi e cana ...mas assim eu é:: graças a Deus é:: hoje posso dizer assim... advogo na cidade... procuro ajudar os amigos... as pessoas que precisam do meu trabalho... as pessoas humildes e hoje é:: já fui agricultor... hoje sou produtor rural... já fui professor de história... hoje sou aposentado e continuo na advocacia.
Entrevistador:	E o que o senhor faz atualmente... hoje?
Entrevistado:	Hoje eu exatamente advogo né?... pra aquelas pessoas que acreditam no meu trabalho e também sou produtor rural...
Entrevistador:	Certo... o senhor como homem público... poderia compartilhar algumas lembranças sobre a política da nossa cidade?
Entrevistado:	É... na realidade eu:: tenho pra lhe dizer que é::... quando eu conheci Itapororoca é::... daqui onde a igreja hoje é a igreja matriz e onde é o posto de gasolina... ali eu assisti à uma corrida de uma vaquejada... não tinha nenhuma casa nem do um lado e nem do outro... então é... Itapororoca tinha poucas casas o:: antigo São João de Mamanguape... tinha poucas casas... depois de cidade... aí foi começando a crescer e Rúbio Maia foi eleito prefeito em sessenta e dois como eu disse a você e depois Zé Félix de Brito foi eleito prefeito em sessenta e seis exatamente nesse período foi:: construído a igreja matriz e na administração de Zé Félix de Brito ele deu uma grande contribuição na construção daquela igreja que hoje temos aí a matriz...
Entrevistador:	E sobre a fundação de Itapororoca o senhor tem algumas lembranças?
Entrevistado:	É... a lembrança que eu tenho é que Itapororoca era:: vila né?... vila de Itapororoca né? ...Itapororoca... aliás nem era vila de Itapororoca... me perdoe... era vila São João de Mamanguape... aí depois foi elevado a categoria de:: botaram o nome para Itapororoca... o deputado Zé Fernandes de Lima... Itapororoca... vila Itapororoca e depois é:: aí depois foi que veio a:: essa data que eu falei pra você sessenta e dois... foi o que foi o governador Pedro Moreno Godin... sancionou a lei ...salve a memória dois mil e setecentos e criou o município de Itapororoca... assinado no dia vinte e nove de dezembro de mil novecentos e sessenta... e um pelo governador Pedro Godin...
Entrevistador:	Certo...

TRANSCRIÇÃO 2

Transcrição da entrevista do aluno E.V.O.P.

Entrevistador:	Qual o seu nome e quantos anos tem?
Entrevistado:	Meu nome é Marluce Soares Quintão... e tenho setenta anos.
Entrevistador:	Onde a senhora nasceu e há quanto tempo reside em Itapororoca?
Entrevistado:	Nasci na cidade de Rio Tinto... a partir dos meus seis anos... eu fui pra Mamanguape... cheguei em Itapororoca em setenta e quatro... então tem quarenta e quatro anos que eu moro em Itapororoca...
Entrevistador:	Qual a influência da sua família na cidade? A senhora se recorda da fundação da escola Severino Félix de Brito? Compartilhe conosco a lembrança desse marco na educação da nossa cidade...
Entrevistado:	Bem... viemos pra cá... Zequinha veio pra assumir o cartório da cidade... ele veio na função de tabelião público... até hoje ele está lá né...e... bem antes em cinquenta e um esse cartório pertenceu ao pai dele... por motivos de política na época ele foi demitido daqui... que hoje não acontece mais isso... sabe?... então ficou a mãe dele ainda por uns anos... depois ela foi embora para Mamanguape... ela foi assumir outra função lá... O legado é que a gente tem contribuído assim... de certa forma... na escola Severino Félix de Brito... na época era José Félix de Brito... comprou aquele terreno... foi passado no meu cartório... meu marido doou... foi uma doação que ele fez pra escola... e assim que a escola começou a funcionar eu passei a ser professora... porquê eu já era professora do Instituto Moderno... aí como eu vim pra cá tive que deixar né?... aí parei de estudar também... mas aqui eu fiz faculdade em Guarabira... era onde eu teria mais acesso, coloquei meus meninos no Santo Antônio e eu levava os três e trazia os três... só minha menina que não tinha terminado o médio ainda... terminei a universidade aí coloquei ela em Mamanguape no Instituto Moderno... na escola que eu estudei... que o pai dela estudou muitos anos... e eu passei treze anos lá... a escola Severino Félix de Brito começou a funcionar em oitenta e seis... foi fundada em oitenta e seis... só não estou me lembrando bem o dia... quando era do mês...
Entrevistador:	O que a senhora faz atualmente?
Entrevistado:	Atualmente eu estou aposentada... e cuidando de alguma coisa dentro de casa que não deixa de aparecer... mas na primeira semana que eu fiquei aposentada... eu senti muita falta da escola... me doe... fiz tudo...e... eu acho que é por isso que senti tanta falta...
Entrevistador:	A senhora se recorda de como foi o dia da inauguração do Severino Félix de Brito?
Entrevistado:	No dia da fundação teve uma festinha na escola muito simples... pois o colégio não tinha recursos nenhum... porque fomos nós que fizemos... então na época o governador do estado era Wilson Braga... e ele veio pra inauguração... naquele terreno onde tem a quadra do colégio sabe?...
Entrevistador:	Sei sim...

Entrevistado:	Então... ele veio de helicóptero... MINHA FILHA... juntou uma multidão de gente (risos)...
Entrevistador:	Nossa... (risos)
Entrevistado:	Foi poeira pra tudo que é canto... e... foi muito bom... assim... porquê aqui nós não tínhamos escola... e ela se iniciou com o fundamental... e só funcionava um turno... pois nós não tínhamos alunos... e foi aumentando:: ... até chegar ao ponto de eu ir dar aula em uma sala com 71 alunos... não tinha nem como se mexer... mas... dava pra gente fazer isso porquê o alunado daquela época não é o de hoje...

TRANSCRIÇÃO 3

Transcrição da entrevista do aluno E.M.B.

Entrevistador:	qual o seu nome e quantos anos o senhor tem?
Entrevistado:	me chamo Josinaldo Rodrigues de Oliveira e tenho cinquenta e um anos completei no último dia vinte de janeiro
Entrevistador:	onde o senhor nasceu e quanto tempo reside em Itapororoca?
Entrevistado:	posso dizer que sou um autêntico itapororoquense viu. nasci em Itapororoca ... resido há cinquenta e um anos e acho que pretendo morrer por aqui viu ((risos)) não sei viver fora de Itapororoca. ((risos))
Entrevistador:	qual a participação e contribuição da sua família para o desenvolvimento da cidade?
Entrevistado:	... bem até onde tenho conhecimento o:: meu pai desde a fundação de Itapororoca ele já militava no meio político ... as vezes quem conhece a gente ... a nova geração que veio por exemplo eu passei pelo ... pela a câmara como vereador e irmãos que foram vereadores atualmente tem uma irmã que é vereadora mas isso vem de primórdios né meu pai já militava junto com o:: Rúbio Maia Coutinho José Félix de Brito então juntos podemos dizer que eles contribuíram muito ... pra a ... o crescimento de Itapororoca principalmente pra criação do município né estive ali no meio ... daqueles políticos da época
Entrevistador:	qual é ou era a sua profissão e o que faz atualmente?
Entrevistado:	... eu ... parece que levei sorte de ter escolhido o que... além de gostar é ...foi o meio de sobrevivência até hoje é... eu sou funcionário público e municipal entrei na área contábel e desde o primeiro dia até hoje eu continuo fazendo exatamente a mesma coisa trabalhando na área contábel contabilidade pública ...
Entrevistador:	...nessa época existia algum grupo musical da cidade e onde as pessoas costumavam-se reunir onde costumava ser as festa nessa época?
Entrevistado:	...sim existia é:: eu fui um dos pioneiros nesse sentido nós iniciamos com um grupo chamado Seressamba que era de seresta e samba né iniciamos tocando é:: no grupo Henrique de Almeida na (palhoça lucamor)(parte inaudível)na época e

	depois o grupo começou a...a... a se expandir passamos a tocar nas cidades vizinhas Guarabira Araçagi Rio Tinto Mamanguape um período muito bom e mais tarde através desse grupo mesmo a maioria dos componentes formamos o grupo Halley é o famoso grupo Halley da época e as festas era geralmente na: naquele pátio da escola Henrique de Almeida é: festa de rua ... nas: datas tradicionais São João reis que se fazia um pavilhão é da época do pavilhão ainda e pronto era os lugares geralmente onde ... a a havia as festas as boas festas por sinal.
--	--

TRANSCRIÇÃO 4

Transcrição da entrevista do aluno G.B.D.D.

Entrevistador:	Qual o seu nome e quantos anos o Senhor tem?
Entrevistado:	... Francisco Dionizio Da Silva com ... oitenta e oito anos.
Entrevistador:	Onde o Senhor nasceu e a quanto tempo reside em Itapororoca?
Entrevistado:	eu nasci ... no município de Mamanguape ... e ... aqui em Itapororoca cheguei em mil novecentos e sessenta ...
Entrevistador:	... olhe ... e ... em do (...) em mil novecentos e... mil novecentos e cinquenta ... em mil novecentos e sessenta e dois ... eu cheguei pá Itapororoca... em sessenta... em mil novecentos e sessenta e dois ... aí foi aqui aqui ... aqui era... Vila... era Vila... Mamanguape pertencia a Mamanguape ... aí em sessenta e dois ... um grupo de ... de amigo aqui ... aí combinaram que aqui era sob domínio de... Mamanguape ... aí elegeu um prefeito... que ... a desenvolver Itapororoca ... aí o prefeito era... o candidato era Rúbio Maia ... aí reuniu ... eu fui um ... que participei ... naquela época... Itapororoca era muito atrasada só tinha duas rua a rua do comércio e a rua chamada a rua do grupo... aí sempre houve a eleição... eu fui eleito como vereador... já sabia que não ia ter ordenado ... era só ... pá desenvolver a cidade ... justamente... fui eleito ... e ... o prefeito começou a trabalhar... doou... comprou terreno... não tinha condição de pagar mas comprou pá pagar depois... aí eu sei que desenvolveu muito abriu muitas rua... fez mercado público primeiro prédio... o mercado público... aí depois... fez projeto pá posto médico mas... num... num foi realizado... na administração dele... num tinha ambulância... eu aluguei até caminhão pá leva doente em Rio Tinto... foi... eu como vereador... aluguei caminhão... num tinha ambulância num tinha nada... aí... aí a cidade... foi desenvolvendo... e chegou o ponto... de... ta hoje uma cidade merma... né?
Entrevistado:	Qual é ou era a sua profissão e o que faz atualmente?
Entrevistador:	... minha... minha profissão era... agricultor... depois quando cheguei por aqui... comerciante... mas não abandonei a agricultura não... comerciante durante vinte ano... aí depois de vinte ano... eu comecei... como agricultor... aí continuo até hoje como agricultor.
Entrevistado:	Como o Senhor foi uma das primeiras pessoas a participar da política de Itapororoca. Quais são as lembranças que o Senhor tem daquela época e o que aconteceu depois que a nossa cidade passou a ser um município independente?

Entrevistador:	Naquela época... Itapororoca... tinha não tinha energia muito fraca... aí o prefeito comprou um motor... e botou uma energia melhor mas o motor era puxado a corda... no meio da rua os homem era quem puxava... naquela época... aí botou um energia melhor... aí depois... foi que veio a:: ... a energia da saelpa.
----------------	--

TRANSCRIÇÃO 5

Transcrição da entrevista do aluno M.E.S.S.

Entrevistador:	qual o seu nome e quantos anos você tem?
Entrevistado:	meu nome é José Bustorff Freodippe Quintão tenho sessenta e oito anos...
Entrevistador:	ahn...onde o senhor nasceu e a quantos anos o senhor reside aqui em Itapororoca?
Entrevistado:	nasci em 1949 na cidade de Mamanguape, estou aqui a quarenta e quatro anos de setenta e quatro para cá...
Entrevistador:	o que foi que trouxe o senhor para vir morar na cidade?
Entrevistado:	houve um problema no cartório daqui de Itapororoca em mil novecentos e setenta e três... e dois... a justiça... ela é...fechou o cartório ... aí meu pai que tinha uma certa influência política entrou em contato com alguns políticos... e era amigo da anterior dona do cartório e... conseguiu com ela a admissão do cartório... e a requisição para me nomear tabelião... foi assim que eu cheguei aqui... desse jeito... COMPREI o cartório a ELA...
Entrevistador:	e:: em que sua família contribuiu na cidade... para prosperar?
Entrevistado:	em mil novecentos e cinquenta e cinquenta e um e cinquenta e dois e em cinquenta e três meu pai respondeu pelo cartório daqui de Itapororoca... a política o tirou daqui... naquela época o MDB... é::...administrado por José Fernandes de Lima o... é::...des... retirou ele daqui da política TIROU DA POLÍTICA TIROU DO CARTÓRIO ele também tinha comprado o cartório a outra pessoa... essa pessoa que a gente perdeu o cartório pra ela passou vinte anos no cartório quando de repente o cartório volta pra minha família... comigo... meu pai fundou aqui... a pri-mei-ra linha telefônica... foi fundada por ele aqui... ele foi secretário da prefeitura geral de Mamanguape e respondia por esses municípios todinho naquela época era Jacaraú Mamangua...é::... Rio Tinto Itapororoca Baía da Traição... era um mundo... muito grande o município de Mamanguape ele foi secretário geral desse município...
Entrevistador:	ele trouxe os telefones pra cá?
Entrevistado:	ele quem botou os telefones aqui... foi a primeira vez...
Entrevistador:	o senhor ainda conseguiu coordenar esses telefones?
Entrevistado:	nada... eu era criancinha de dois anos e meio... três anos
Entrevistador:	qual a sua profissão?

Entrevistado:	Sou tabelião público.
Entrevistador:	e a mais importante... o senhor é fundador... como o senhor disse não é o fundador mas o senhor administra o único cartório da cidade e conseqüentemente já deve ter presenciado vários momentos importantes para cidade... o senhor pode demonstrar alguns?
Entrevistado:	ah diversos... eu fiquei muito contente quando na época oitenta e três... oitenta e quatro nós conseguimos junto com a política daqui... com a minha modesta participação... fundar... o colégio Severino Félix de Brito onde minha mulher passou muito tempo trabalhando depois fundamos também o:... Isaura Fernandes da qual ela foi a primeira dirigente... que que nós fundamos mais aqui?... o Banco do Brasil... Tudo a gente acompanhou o crescimento dessas áreas... dessas... agências e dessas... dessas instituições de ensino...
Entrevistador:	qual foi o primeiro documento que tem registro no cartório...assim feito em Itapororoca?
Entrevistado:	o primeiro registro de nascimento... eu não sei os outros assim de lembrança... mas o de nascimento foi o... a... são três irmãos que foram registrados aqui no primeiro dia de serviço de cartório aqui que foi mil novecentos e quarenta e quatro foram eles... a irmã mais velha de Adamastor Madruga... dona Ramira e o próprio Adamastor Madruga são os três primeiros registros aqui...
Entrevistador:	(risos) são realmente bem antigos aqui na cidade... é:: outra coisa... durante sua estada na cidade o senhor já presenciou muitos documentos quais são os principais pontos que o senhor nota de diferença... por exemplo a câmara os documentos que eram assinados quais as facilidades e as diferenças?
Entrevistado:	são diversas as as as diferenças ocorridas houve épocas em que a câmara nem se reunia... quando eu cheguei aqui em setenta e quatro o prefeito era José... Alceu Costa de Araújo... e ele conseguiu dominar a câmara de forma que ele mesmo fazia tudo na câmara os vereadores não tinham voz ativa não tinham nada e ele legislava tudo... legislava e administrava o município era assim naquele tempo... política muito suja...
Entrevistador:	então já faz cerca de quarenta anos.
Entrevistado:	quarenta e quatro anos ...vai completar quarenta e cinco agora no final do ano...
Entrevistador:	(risos) quarenta e cinco anos que o senhor está aqui e... o que o senhor espera pro município no futuro... diante de todas essas mudanças?
Entrevistado:	mais segurança, nós estamos em uma situação de muita insegurança de insatisfação do município por conta disso... melhora na educação que tá fugindo daqui, a educação daqui tá indo simhora pra Mamanguape... os governos administrativos... os governos... as autoridades... não estão olhando pra Itapororoca, estão olhando pra outros municípios e o que é que tá acontecendo... nós estamos vendo a hora o fechamento dos colégios fundados aqui em virtude da escola de formação técnica que tem em Mamanguape e a turma tá toda correndo pra lá...
Entrevistador:	O senhor ainda espera fundar mais alguma coisa?

Entrevistado:	o que tiver na minha mão no meu conhecimento tudo farei para o desenvolvimento do município de Itapororoca.
Entrevistador:	muito obrigada seu Zequinha
Entrevistado:	mas era só isso, pensei que era mais coisa (risos).

TRANSCRIÇÃO 6

Transcrição da entrevista do aluno M.G.P.S.

Entrevistador:	Qual o seu nome... e quantos anos a senhora tem ?
Entrevistado:	É... Ramira Madruga Coutinho...oitenta e um anos
Entrevistador:	Onde nasceu e há quanto tempo reside em Itapororoca ?
Entrevistado:	Nasci aqui... nunca me mudei
Entrevistador:	Qual a influência da sua família na cidade... em que sua família contribuiu na (...) cidade ?
Entrevistado:	Trouxeram muita influência... porque meu pai foi comerciante aqui... negociou muito tempo com a loja... de tecido e ... coisas de comida... minha mãe ficava na loja com os ... tecido e ele com os material de comida e assim viveram muitos anos...tiveram nós somos dez irmão... criaram-se sete... três morreram mas morreram novinho...num... nem conheci... foram mais velhos que eu
Entrevistador:	Qual era sua profissão... e o que faz atualmente ?
Entrevistado:	A minha profissão é professora...agora sou aposentada... não faço nada
Entrevistador:	Em Itapororoca de antigamente se comparada com os dias atuais quais as semelhanças ou diferenças a senhora poderia relatar no (...)
Entrevistado:	Que antigamente olhe... não tinha rua calçada... não tinha rua encanada... não tinha mercado público grande como tem agora... a igreja também era bem pequenininha era uma capela... feita de... num era nem de tijolo... Itapororoca era uma cidade muito atrasada...o que eu tenho a dizer é só isso
Entrevistador:	E na questão da... educação... na política ?
Entrevistado:	Na educação só tinha uma escola... que eu estudei... que era professora era dona Maria Morena... mas só estudava até a quarta série... depois da quarta série não tinha mais escola aqui... tinha que se desc... deslocar pra outros lugares que tinha escola mais adiantada... Guarabira... Mamanguape... Rio Tinto... assim por diante
Entrevistador:	E na política que seu primeiro marido foi ... o primeiro prefeito de Itapororoca ?
Entrevistado:	Foi... eu fui a primeira dama da cidade... porque quando... quando ele se... quando eu me casei com ele... aí ele queria se candidatar... aí doutor Pedro Moreno que

	era o governador chamou ele e disse assim “ Rúbio eu vou lhe nomear pra prefeito:”... aí ele disse “quero não doutor Pedro... eu quero ser eleito... porque eu quero demons(...) eu quero demonstrar o meu prestígio junto ao povo... se eu tiver muito voto eu tenho prestígio... se eu tiver pouco voto é porque o povo não me querem” e assim ele foi candidato... e foi MUITO bem votado... agora Neemilton que era uma potencia em dinheiro... em terra... em tudo ficou em segundo lugar... ele... ele não tinha nada... ele era um agente fiscal somente... trabalhava na coletoria...era agente fiscal e o coletor de lá mandou ele coletar imposto aqui em Itapororoca... foi assim que eu conheci ele... eu estudava num colégio de freira em Guarabira... aí vim pra aqui... encontrei aquele rapaz olhando tanto pra mim aí eu disse “ Meu Deus quem é esse... que não conheço... aí eu perguntei... num sei a quem... a uma pessoa...” aí disse “ah é o rapaz que cobra imposto” aí eu disse “ ah é o agente fiscal daqui...” disse “é”... aí quando foi um dia eu tava na... na venda... lá do meu pai sentada... aí ele chegou e sentou-se... aí disse “ você mora aqui ” eu disse “ moro ” “oxente... faz três meses que eu moro aqui... nunca lhe vi” “ah” eu disse “ porque eu moro aqui mas eu não estudava... eu... estudo em Guarabira...e só to aqui nas férias... tempo de aula to lá estudando... olhe... março... abril... maio... junho... aí julho é férias... aí agosto... setembro... outubro e novembro... aí dezembro e janeiro é férias...e é assim
Entrevistador:	E na questão como era as eleições antigamente...como eram realizadas?
Entrevistado:	As eleições era muito atrasada... tinha pouca urna... aqui eu acho que não tinha nem dez urnas... aí tinha o presidente... tinha os eleitores... começava as oito horas... se encerrava às cinco... os que dava cinco horas ainda tinha gente pra votar... prorrogava... e os outros que entregavam as... as urnas... e assim a gente...era assim... o tempo

TRANSCRIÇÃO 7

Transcrição da entrevista do aluno M.M.S.

Entrevistador:	Qual é o seu nome... e quantos anos o senhor tem?
Entrevistado:	Meu nome é Everaldo Rodrigues da Costa... tenho sessenta e sete ano
Entrevistador:	E onde o senhor nasceu?
Entrevistado:	Na cidade de Pilar
Entrevistador:	Há quanto tempo o senhor reside aqui em Itapororoca?
Entrevistado:	Quanto tempo reside em Itapororoca oe tem que dizer o sítio... e a rua... na rua tem trinta no sítio tem...tem sessenta e três ((risos)) ohh:... trinta e três ((risos))
Entrevistador:	Éh qual a participação e a contribuição da sua família para a cidade?
Entrevistado:	Né:: Professora todas três... e Jair trabalha no... na agri... agricultor... e trabalha na prefeitura também né::...
Entrevistador:	E qual é/ou era a sua profissão?
Entrevistado:	AGRIcultura, eu sempre trabalhei com isso.
Entrevistador:	E o senhor faz o que atualmente?

Entrevistado:	Agora por hora nada é só aposentado
Entrevistador:	A agricultura é um dos principais pilares da cidade de Itapororoca e a tecnologia vem modernizando cada vez mais essa área... como funcionava a plantação e a colheita no nosso município?
Entrevistado:	Eu plantava:...agora cresceu mais...agora... eu plantava abacaxi e a fiação e roçado ao povo o povo tirava pra São Paulo rio e assim era ... hoje o povo usa muita máquina mas antes nao tinha tanto essas coisa -- mas o povo mudou muito ... não é a toa que hoje Itapororoca não é mais a terra que mais produz abacaxi né... as pessoa trabalham com outras coisa e as pessoas que mais trabalhava na roça já morreram ou já tão aposentado como eu

TRANSCRIÇÃO 8

Transcrição da entrevista do aluno O.S.S.

Entrevistador:	Boa tarde...Qual é o seu nome e quantos anos tem?
Entrevistado:	Nelça Lopes da Silva e tenho 77 anos
Entrevistador:	Onde a senhora nasceu ?
Entrevistado:	Eu nasci em uma cidade chamada Tracunhaém em Pernambuco
Entrevistador:	E a quanto tempo a senhora está aqui em Itapororoca?
Entrevistado:	Olhe eu vim para cá com a idade de 6 anos com meus pais.
Entrevistador:	Qual a influência da sua família em Itapororoca?
Entrevistado:	Olha... Quase não teve influência porque gente pobre não tem influência de nada... né?! Eu sou de uma família pobre...Meus pais eram agricultores e não tiveram essa influência.
Entrevistador:	Mas no que a família contribuiu para a cidade ?
Entrevistado:	Eu digo que sempre pra cidade a agricultura ela é fundamental... porque o que passa pela alimentação é fabricado pelo agricultor...
Entrevistador:	Como a sua família é conhecida aqui na cidade ?
Entrevistado:	Todos conhecem nossa família como benquista, dos Lopes
Entrevistador:	Qual o legado da sua família ?
Entrevistado:	Não...não tem
Entrevistador:	Qual era sua profissão?
Entrevistado:	Eu trabalhei na agricultura com meus pais.
Entrevistador:	Quais as lembranças a senhora poderia compartilhar com a gente sobre a cidade de Itapororoca?
Entrevistado:	Itapororoca era pequenininha ... As casas se contavam aqui em Itapororoca e depois foi aumentando e eu tenho muitas lembranças boas do 7 de setembro... era uma maravilha e não se compara com hoje em dia... as escolas ... É uma lembrança que eu tenho muito boa.. é tinham muito mais organização do que tem hoje... a gente desfilava era lindo e eram na base de um dois...um dois... um dois... Mas não mudava aquela passada e não tinha uma lata pra bater...hoje a gente vê...bandas e bandas e bandas... E quando é no dia 7 é a coisa mais feia do mundo

	quem tá de fora vê... Né ? Mas... Era muito bom... era uma festa pra a gente.
Entrevistador:	E na religião? quais as recordações que a senhora poderia compartilhar com a gente sobre a fundação da 1ª igreja batista da cidade ?
Entrevistado:	A primeira igreja batista... Meu pai toda vida foi evangélico... e sempre que... Me perguntam... É.. desde quando eu sou crente eu digo que desde o ventre de minha mãe eu era evangélica... porque graças a Deus nunca me desviei e... Sempre... A bíblia diz " ser fiel até a morte dar ti a coroa da vida " então a igreja era.. se congregava numa casinha velha lá no ariado... depois passou a se congregar em outra casa e foi aumentando o número de pessoas e depois compramos um terreno para construir eu carregava pedras... não só eu... cada pessoa levava tijolos para fazer a base da igreja... meu pai sempre foi o fundador... o " cabeça" né ? E meu pai era analfabeto... Analfabeto... mas conhecia a Bíblia e pregava o evangelho. Eu digo que ele gravava... Ouvia né... a palavra de Deus diz que o ouvir vem pelo falar e o falar vem pela palavra de Deus e ele ouvia e gravava na memória e é tanto que quando ele estava bem velhinho ele dizia " Minha filha combati o bom combate...acabei a carreira e guardei a fé."

Anexo C – Retextualização das entrevistas orais em relatos de experiência escritos

RELATO 1

Relato de experiência do aluno A.A.S.

A entrevista realizada no dia 14 de agosto do ano de 2018, com José Nazareno de Azevedo trouxe uma experiência maravilhosa, pois através dela eu tive o privilégio de conhecer a cidade de Itapororoca mais um pouco e ganhei mais sabedoria e experiência sobre a minha cidade.

José Nazareno de Azevedo, um Itapororoquense de muitos valores políticos, recebeu-me muito bem em seu lar agradável e me levou até a sala para realizarmos a entrevista.

Logo de início notei que não foi apenas o senhor José Nazareno que contribuiu e contribui até hoje para a política e educação do povo da cidade, mas sim toda a sua família, posso citar como exemplo a sua mãe (*in memorian*), a qual teve uma extrema importância para a educação do povo de Itapororoca, principalmente da zona rural.

O senhor Nazareno considera-se um filho legítimo da cidade, já que desde o seu nascimento até os dias de hoje reside em Itapororoca. José tem setenta anos de idade e apresenta um papel importantíssimo, um deles foi a sua participação na primeira eleição da cidade, no dia 3 de outubro de mil novecentos e sessenta e dois, ainda como jovem, quando Rubiu Maia foi eleito prefeito. José Nazareno também nos proporcionou saber um pouco mais sobre a sua modesta participação na política de Itapororoca de forma mais direta, na qual foi vereador cinco vezes e também foi vice-prefeito em mil novecentos e sessenta e seis.

As lembranças que ele tem é que Itapororoca antigamente era uma vila, chamada Vila São João de Mamanguape que mais tarde foi renomeada e passou a chamar Vila Itapororoca pelo deputado José Fernandes de Lima, e no ano de mil novecentos e sessenta e dois, o governador Pedro Moreno Gondim sancionou a lei dois mil e setecentos, criando, assim, o município de Itapororoca, que foi assinado no dia vinte e nove de dezembro de mil novecentos e sessenta e um.

Atualmente o senhor Nazareno advoga, é professor aposentado e também é um produtor rural, um cidadão com tamanha honestidade e respeitado por todos.

Assim, pude aprender algumas curiosidades sobre a política da minha cidade e, ao longo da conversa com o senhor Nazareno, também me senti renovado, acreditando que é possível sermos bons cidadãos, só basta querermos.

RELATO 2

Relato de experiência do aluno E.V.O.P.

Durante o 7º ano do ensino fundamental, tive a oportunidade de realizar um projeto, que tinha como finalidade adquirir informações valiosas do princípio do município de Itapororoca. Mas, ao finalizar a atividade, o conteúdo absorvido foi muito além de informações ou uma mera conversa, pois eu pude contemplar uma história motivante e rica de informações desconhecidas até então por mim. Com toda certeza, saí do local da entrevista carregando comigo uma dose a mais de experiência.

Neste projeto, tive a honra de entrevistar a senhora Marluce Soares Quintão, aos seus setenta anos de idade, nascida em Rio Tinto-PB e que após seis anos passou a residir em Mamanguape até sua vinda para Itapororoca, no ano de mil novecentos e sessenta e quatro, completando, assim, quarenta e quatro anos nesta cidade juntamente com seu esposo, o senhor José Bustorff Feodrippe Quintão, dono do único cartório do município.

Dona Marluce, durante seu relato, compartilhou conosco um pouco de sua vida acadêmica. Formada em Letras, tornou-se professora do Severino Félix de Brito, o colégio mais antigo da cidade, e afirma, com certeza, que essa foi uma das melhores experiências de sua vida.

Hoje, aposentada e dona do lar, diz que a melhoria do município em relação à educação está nas pessoas ao entrarem em uma sala de aula, pois precisam de foco e intensidade nos estudos. Mesmo

distante da sala de aula, ela afirma que o alunado de hoje não é mais como antigamente.

RELATO 3

Relato de experiência do aluno E.M.B.

Ao me deparar com a oportunidade de fazer uma entrevista, fiquei bastante intrigado, pois nunca havia feito uma, porém sabia que ganharia sabedoria e conhecimento sobre as modalidades da língua e agora vejo que o lucro com a oportunidade foi colossal. Fora o conhecimento sobre a língua, eu adquiri mais conhecimento sobre Itapororoca e seus conterrâneos.

Tive o grande prazer de entrevistar Josinaldo Rodrigues de Oliveira, um Itapororoquense de valores políticos e culturais consideráveis, já que a proposta da entrevista seria colher o relato de pessoas com conhecimentos sobre o surgimento e desenvolvimento de Itapororoca. Ao chegar em sua casa ele me recebeu muito bem e mostrou um pouco de sua bela residência e me levou ao seu estúdio musical onde foi feita a entrevista.

O Senhor Josinaldo Rodrigues considera ser um autêntico itapororoquense já que desde seu nascimento até os dias atuais reside na cidade. Segundo ele, são cinquenta e um anos de idade morando e contribuindo com a cidade. Seu pai esteve engajado junto ao mandato de Rúbio Maia Coutinho, primeiro prefeito de Itapororoca. Sua família contribuiu na vida política de Itapororoca, ele e seus irmãos já foram vereadores na Câmara municipal e atualmente há uma irmã vereadora; além disso, Josinaldo desempenha um trabalho com a contabilidade municipal.

Fora a sua contribuição política, Josinaldo desempenha papel importante na cultura municipal, principalmente na área musical, ele foi um dos pioneiros nessa área, pois além de trabalhar na contabilidade ele também é músico e costumava tocar em uma banda de seresta e samba intitulada Seressamba na cidade de Itapororoca e outras cidades ao redor, quando jovem. Depois a banda de seresta e samba se tornou o grupo musical Halley, bastante famoso em sua geração e que abriu portas para muitos outros grupos musicais da cidade.

Sua banda tocou em diversos lugares, mas Josinaldo lembrou que, quando começou, tocava na escola municipal Henrique de Almeida e nos pavilhões onde ocorriam também as tradicionais festa de São João e a festa de Santos Reis.

Devemos tomar o Senhor Josinaldo como referência e exemplo de cidadão e praticante da ética na sociedade itapororoquense, pois, como foi falado, ele é um homem honrado e respeitoso que ajudou a formar a cidade Itapororoca.

RELATO 4

Relato de experiência do aluno G.B.D.D.

Falar de Itapororoca é falar de uma cidade extraordinária, riquíssima em cultura, valores e principalmente em história. E poder participar desse projeto, que busca retomar as memórias do povo itapororoquense sobre o próprio município, através da retextualização, é um enorme privilégio, que além de contribuir para o meu conhecimento sobre os processos da oralidade e da escrita, me fez admirar mais ainda a minha localidade.

Foi com imensa alegria que entrevistei o senhor Francisco Dionizio da Silva, mais conhecido por Chiquinho Dionizio, um homem encantador, cativante e muito sábio. Desde que lhe fiz o convite de participar desse projeto, ele ficou extremamente feliz e entusiasmado, recebeu-me muito bem em seu belo jardim, onde foi feita a entrevista e me contou várias histórias sobre a cidade, já que foi um dos primeiros a morar e participar do desenvolvimento do município.

Ele relatou que chegou em Itapororoca em mil novecentos e sessenta e dois, quando ainda pertencia a Mamanguape, e a mesma chamava-se de Vila Mamanguape. Ele também narrou que naquela época a cidade era muito atrasada, só existiam duas ruas, a rua do Comércio e uma rua chamada rua do Grupo. Sendo assim, ele e um grupo de amigos se juntaram e planejaram desenvolver e tornar a cidade independente. A vista disso, elegeram um prefeito para que conseguisse transformar a ideia em realidade, prefeito esse que seria o primeiro a governar o município, Rúbio Maia Coutinho.

Nesse mesmo período de eleições, ele foi eleito vereador, mesmo sabendo que não iria ter lucro algum, mas com a satisfação de ter colaborado com a formação de Itapororoca. Com tudo organizado, o prefeito começou a trabalhar, comprou muitos terrenos e a partir disso construiu o mercado público, que até hoje encontra-se em Itapororoca, fez projetos para a criação de postos médicos, os quais não existiam ainda na pequena vila, que por esse motivo como vereador, ele alugava um caminhão para levar os pacientes até a cidade de Rio Tinto.

Além disso, ele também menciona, que naquela época a energia da cidade era muito precária, portanto, para resolver o problema, o prefeito comprou um motor puxado a corda para que a energia fosse melhor, motor esse que vários homens puxavam e situava-se no meio da rua. Com o passar dos anos, a Vila Mamanguape foi crescendo, conseguiu finalmente sua independência, passou a se chamar Itapororoca, e continua amadurecendo cada vez mais até hoje.

Devemos nos espelhar no exemplo do senhor Francisco Dionizio, que colaborou muito para que a cidade se encontrasse como se encontra hoje, um senhor que em sua juventude empenhou-se tanto para garantir a Itapororoca um futuro bom e honesto para todos.

Foi um prazer ter entrevistado este honrado homem, que me incentiva cada dia mais ter grande orgulho dessa cidade maravilhosa.

RELATO 5

Relato de experiência do aluno M.E.S.S.

No ano de dois mil e dezoito tive a oportunidade de participar de um projeto com a finalidade de pesquisar sobre oralidade e escrita na sala de aula através de processos de retextualização, algo que deveria ser praticado em todas as instituições de ensino, visto que esta proposta foi de suma importância para o meu desenvolvimento em relação à escrita e à comunicação formal, fato que não é testemunhado entre os estudantes brasileiros.

Para o desenvolvimento do projeto foi instituído que cada participante entrevistasse um cidadão com importância para a história da cidade e para o resgate de memória de Itapororoca. Assim, tive a oportunidade de entrevistar o senhor José Bustorff Feodrippe Quintão, o dono do único cartório do município, uma figura de interesse do projeto, pois presenciou diversos marcos importantes para o desenvolvimento da cidade.

O senhor José Bustorff tem sessenta e oito anos, ele nasceu em mil novecentos e quarenta e nove na cidade de Mamanguape, mas se considera um itapororoquense, pois mora na cidade a quarenta e quatro anos, desde mil novecentos e setenta e quatro.

Mudou-se para o município de Itapororoca, pois em mil novecentos e setenta e dois, a justiça fechou o cartório, em Mamanguape, então seu pai que tinha uma certa influência política entrou em contato com alguns políticos e conseguiu com a dona anterior a admissão e a requisição para nomear o senhor José como tabelião.

Porém, antes desse episódio o entrevistado narra o fato de seu pai já ter respondido pelo cartório entre os anos de mil novecentos e cinquenta até mil novecentos e cinquenta e três, porém perdeu a administração por causa de desavenças políticas por parte do partido do MDB, dirigido por José Fernandes de Lima, assim a instituição só voltou para “as mãos” de sua família cerca de vinte anos depois.

Durante este período seu pai ainda fundou a primeira linha telefônica da cidade, foi secretário da prefeitura geral de Mamanguape e respondia por vários municípios, naquela época era Jacaraú, Rio Tinto, Itapororoca e Baía da Traição, todos compunham o município de Mamanguape.

O entrevistado ainda desempenhou uma grande influência política nos anos de mil novecentos e oitenta e quatro quando ajudou a fundar o colégio Severino Félix de Brito e o colégio Isaura Fernandes, o Banco do Brasil também contou com o auxílio do senhor José Bustorff. Ele ainda teve a gentileza de compartilhar os primeiros documentos registrados no cartório.

Os primeiros registros de nascimento foram três irmãos que foram registrados no primeiro dia de serviço de cartório, que foi mil novecentos e quarenta e quatro. Essas crianças foram: a irmã mais velha de Adamastor Madruga, Dona Ramira e o próprio Adamastor Madruga.

Quando questionado sobre o que ele queria que melhorasse no município, obtive a resposta que era necessário mais segurança e mais investimentos, por parte do governo, nas escolas, pois os estudantes estão migrando para outros municípios para buscar uma melhor educação. E ele espera que ainda possa trazer novos projetos para o desenvolvimento do município de Itapororoca.

O senhor José Bustorff Feodrippe Quintão é um homem muito gentil e honrado que nos ajudou na conclusão desse projeto e merece todo o agradecimento possível.

Assim, finalizo dizendo que o objetivo foi alcançado resgatando memórias de extrema importância e aperfeiçoando a linguagem oral e escrita dos estudantes envolvidos.

RELATO 6

Relato de experiência do aluno M.G.P.S.

No dia dezesseis de agosto de dois mil e dezoito tive a oportunidade de entrevistar, através de um projeto de retextualização dirigido pela professora Micaelle Kiara, a senhora Ramira Madruga Coutinho, primeira dama da cidade de Itapororoca, e uma das primeiras professoras do município. Ao ser apresentada a proposta desse projeto, que era entrevistar uma pessoa que contribuiu para a história da cidade, o nome da senhora Ramira logo surgiu, pelo seu envolvimento na educação e pelo seu conhecimento sobre o comércio na cidade, já que seus pais foram um dos primeiros a colocar uma venda de produtos e uma loja de tecidos na cidade.

Aos seus oitenta e um anos, ainda residindo na mesma cidade que nasceu lembrou das dificuldades de estudos na cidade, relatou que só existia uma escola e que ensinava até a quarta série. Após concluir teria que ir em busca de estudo em outra cidade como Mamanguape, Rio Tinto e Guarabira, que foi o seu caso, estudando em uma escola de freiras.

Ao ser questionada em relação à política, nos relatou da primeira eleição que aconteceu na cidade, seu marido concorreu com um homem de muitas posses, mas mesmo assim saiu vitorioso. Em relação a como eram feitas as eleições disse que existia umas dez urnas e que as eleições ocorriam das oito horas da manhã e se estendiam até as dezessete horas, e no caso de se chegar as dezessete horas e ainda faltar pessoas pra votar o tempo era prorrogado.

Relembrando os tempos passados, ao ser questionada sobre as diferenças de Itapororoca, fazendo uma comparação com o antes e os tempos atuais, relatou que não existiam ruas calçadas, não tinha mercado público como temos hoje e a igreja católica, a qual foi frequentadora, era uma capela, que nem de tijolo era feita. Afirmou que a cidade era bastante atrasada em relação a outras, compreensível por Itapororoca ser uma cidade nova, e naquela época ainda era distrito de Mamanguape, onde veio a se emancipar no ano de mil novecentos e sessenta e um.

Após a entrevista percebi a importância de um projeto como esse, que deveria ser realizado por outros professores em outras escolas. O conhecimento que adquirimos é algo que com certeza será levado por muitos anos, e as palavras de uma itapororoquense como a senhora Ramira ficarão registradas, uma mulher honesta e dedicada pelo seu município.

Hoje muitos de seus alunos já ocupam cargos de importância na cidade e contribuem para uma Itapororoca melhor.

RELATO 7

Relato de experiência do aluno M.M.S.

A ideia de entrevistar um itapororoquense despertou grande curiosidade devido a cidade de Itapororoca possuir várias figuras importantes.

Ao escolher a área da agricultura, fiquei responsável para entrevistar um antigo agricultor, o senhor Everaldo Rodrigues da Costa, conhecido como “Seu Verado”. Sua recepção foi extremamente calorosa, fui recebida com um abraço do entrevistado e fomos direto para cozinha, onde ocorreu a entrevista. Ele, um senhor de sessenta e sete anos que já viveu na área rural por trinta anos e mais trinta e três anos na zona urbana, onde reside atualmente.

Hoje em dia Everaldo é aposentado, mas antes desempenhava um papel muito importante na agricultura como produtor de abacaxi, como ele mesmo disse, seus abacaxis eram vendidos para vários lugares do país, com por exemplo: Rio de Janeiro e São Paulo.

Seus filhos também exercem papéis importantes na cidade, ao total são quatro filhos, três são mulheres, as quais são educadoras e o seu filho é agricultor e também é funcionário da prefeitura.

Temos o senhor Everaldo como um cidadão que merece grande respeito, não só pela participação na principal fonte de renda do nosso município, mas também pela contribuição de toda sua família sobre a cidade. O prazer que senti ao fazer essa entrevista foi imenso, pois Everaldo participou da agricultura Itapororoquense e agora seus filhos também contribuem na educação e na produção de abacaxi na cidade.

RELATO 8

Relato de experiência do aluno O.S.S.

Este texto trata-se de um relato de experiência sobre um trabalho desenvolvido com um grupo de adolescentes. O objetivo do trabalho foi entrevistar pessoas importantes da cidade de Itapororoca que contribuíram para o crescimento da mesma.

Fiquei empolgada ao conhecer a senhora Nelça Lopes da Silva, de 77 anos, que não é natural da cidade, mas que veio para Itapororoca com os seus pais quando ainda tinha apenas seis anos.

De família humilde, Nelça trabalhava com os pais na agricultura quando jovem e se diz ter muito orgulho, pois a agricultura é fundamental para a nossa alimentação e a maioria dos alimentos que consumimos vem das mãos de agricultores.

Ela relata que não se contenta com os atuais desfiles cívicos da cidade de Itapororoca, já que na época de criança tem lembranças de um desfile organizado e lindo, enquanto hoje é uma desordem.

Dona Nelsa e sua família trazem um legado muito importante a nossa cidade: o de construir a primeira igreja batista junto com alguns integrantes que se congregavam em uma pequena casa construída por eles e depois foi crescendo.

Seu pai, o pastor da igreja, que mesmo analfabeto, conseguia ouvir a palavra do senhor e levar as outras pessoas, foi lembrado com muita ternura. Dona Nelsa guarda em sua memória uma frase que ele lhe falou alguns dias antes de seu falecimento “Minha filha, combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé.”

A fé dessa senhora é inabalável, é bonito ver como ela fala de sua crença, que desde o ventre de sua mãe é crista e como nunca se desviou do caminho de Deus.

A experiência me permitiu conhecer um pouco mais da história de minha cidade e de acreditar que se seguirmos o caminho de Deus com todo nosso coração, todas as batalhas serão vencidas e sairemos mais fortes e com a fé inabalável.

Apêndice A – Carta de Anuência**GOVERNO
DA PARAÍBA****SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO****ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL****ISAURA FERNANDES DE SOUZA****CNPJ: 03.908.341/0001-58****CARTA DE ANUÊNCIA**

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, do projeto de pesquisa a ser desenvolvido nesta instituição, cujo objetivo geral é apresentar uma proposta didática voltada à turma do 7º ano B do ensino fundamental, que instrumentalize os alunos a usar a língua de forma eficiente, ampliando o domínio do uso da linguagem oral e escrita por meio de exercícios de retextualização.

Tenho conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Também terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, podendo deixar de participar do estudo. Tenho consciência, ainda, que a participação nesta pesquisa não terá complicações legais e que nenhum dos procedimentos usados oferece riscos e desconforto aos participantes.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo, para fins exclusivamente de pesquisa, a utilização dos dados coletados. O registro das observações ficará à disposição da Universidade para outros estudos, sempre respeitando o caráter confidencial das informações registradas e o sigilo de identificação dos participantes. Os dados serão arquivados pela pesquisadora e destruídos após um prazo de 05 (cinco) anos.

Os responsáveis por este projeto são: Profa. Dra. Roseane Batista Feitosa Nicolau (UFPB) e a mestranda Micaelle Kiara Oliveira de Mello (UFPB).

Itapororoca/PB, 09 de abril de 2018.

Nome da Instituição: Isaura Fernandes de Sousa
Responsável pela Instituição: Marcos Antônio dos Santos

Marcos Antônio dos Santos
Gestor Escolar

CPF: 639.484.434-91

Apêndice B – Termo de Assentimento Livre Esclarecido (Alunos)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****(Orientação para Alunos)**

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa, sobre oralidade e letramento como modalidades interativas e contínuas no contexto de sala de aula através de processos de retextualização, está sendo desenvolvida pela pesquisadora Micaelle Kiara Oliveira de Mello com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Isaura Fernandes de Souza sob a orientação do Profa. Dra. Roseane Batista Feitosa Nicolau.

Os objetivos do estudo são: descrever e analisar uma proposta de trabalho a partir da retextualização do oral para o escrito. Assim, a finalidade deste trabalho é contribuir para a construção de uma prática pedagógica que, efetivamente, torne os alunos proficientes quanto ao uso da língua e das mudanças ocorridas no processo de retextualização, em contexto de resgate de histórias ligadas à memória da cidade de Itapororoca.

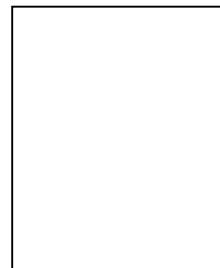
Solicitamos a sua colaboração para participar das aulas que ministraremos, produzindo textos e submetendo-os a um processo de avaliação formativa e somativa, solicitamos ainda sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da linguística aplicada e publicá-los em revista científica (se for o caso). Enfatizamos que, por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Destacamos, contudo, que a pesquisa visa ao aperfeiçoamento de um procedimento metodológico, não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde, e a pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)



Espaço para impressão
datiloscópica

Assinatura da Testemunha

Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Micaelle Kiara Oliveira de Mello

Endereço (Setor de Trabalho): Rua Projetada, S/N. Bairro Eptácio Madruga. Itapororoca – PB.

Telefone: (83) 98885 1896

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Entrevistados)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Orientação para os entrevistados)

Prezado (a) Senhor (a)

Solicitamos a sua colaboração para participar de uma entrevista com o objetivo de registrar histórias e fatos ligados à memória da cidade de Itapororoca – PB. Pedimos, ainda, sua autorização para divulgar a entrevista em um fotolivro, bem como na dissertação de mestrado da pesquisadora.

Esclarecemos que sua participação é de suma importância para a pesquisa sobre oralidade e letramento como modalidades interativas e contínuas no contexto de sala de aula através de processos de retextualização, que está sendo desenvolvida pela pesquisadora Micaelle Kiara Oliveira de Mello com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Isaura Fernandes de Souza sob a orientação da Profa. Dra. Roseane Batista Feitosa Nicolau.

Os objetivos do estudo são: descrever e analisar uma proposta de trabalho a partir da retextualização do oral para o escrito. Assim, a finalidade deste trabalho é contribuir para a construção de uma prática pedagógica que, efetivamente, torne os alunos proficientes quanto ao uso da língua e das mudanças ocorridas no processo de retextualização, em contexto de resgate de histórias ligadas à memória da cidade de Itapororoca.

Assim, se você se dispuser a participar dessa pesquisa, solicitamos a gentileza de preencher e assinar o seguinte:

Eu, _____, concordo e autorizo a minha participação como voluntário(a) do estudo: “Da oralidade para a escrita: O resgate da memória social a partir do processo de retextualização no ensino fundamental”, e declaro estar suficientemente esclarecido sobre a pesquisa. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações, assim como modificar esta decisão de autorizar minha participação se assim o desejar, sem prejuízo a mim. Declaro, também, que recebi uma via deste Termo de Consentimento.

Itapororoca, _____ de _____ de 2018

(Entrevistado)

Micaelle Kiara Oliveira de Mello
(pesquisa responsável)

Apêndice D – Termo de Assentimento (Responsáveis)

TERMO DE ASSENTIMENTO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada Oralidade e letramento como modalidades interativas e contínuas no contexto de sala de aula de ensino fundamental, sob minha responsabilidade e da orientadora Profa. Dra. Roseane Batista Feitosa Nicolau, cujo objetivo é contribuir para a construção de uma prática pedagógica que, efetivamente, torne os alunos proficientes quanto ao uso da língua e das mudanças ocorridas no processo de retextualização do oral para o escrito, em contexto de resgate de histórias ligadas à memória da cidade de Itapororoca.

A investigação terá caráter intervencionista e obedecerá às seguintes fases: a) Sondagem através de exercícios com os alunos da turma participante da pesquisa para verificar o que eles entendem por atividades de retextualização, bem como as noções da relação existente entre oralidade e escrituralidade; b) Elaboração de uma proposta de intervenção que se proponha a sanar os problemas encontrados na fase anterior a partir da produção de textos orais e escritos bem como exercícios de retextualização que levem os alunos à reflexão sobre o uso da língua e de sua dinâmica social; c) Orientações para a produção e transcrição de entrevistas orais estruturadas, realizadas em grupos, com pessoas que apresentam histórias e fatos ligados à memória da cidade de Itapororoca – PB, empreendendo práticas sociais a partir da realização da atividade proposta; d) Estudo do contínuo oralidade-escrituralidade e dos processos de retextualização a partir de aulas expositivas e interativas como forma de orientar os alunos na atividade de retextualização das entrevistas orais em relatos escritos sobre as histórias ligadas à memória da cidade de Itapororoca adequados a situação de produção que será um fotolivro e e) Descrição do texto final e análise dos aspectos da retextualização do texto oral (entrevista) para o texto escrito (relato) realizada pelos alunos a partir do modelo sugerido por Marcuschi a fim de garantir aprendizagem significativa quanto a relação de continuidade entre a oralidade e a escrita.

O risco envolvido nesse Projeto é o mesmo que pode acontecer em qualquer processo de ensino-aprendizagem de produção de textos: a desistência ou a irregularidade dos alunos no decorrer das aulas, a indisciplina, a impossibilidade de progresso nos conteúdos previstos, entre outros. Contudo, convém ressaltar que a professora-pesquisadora mantém um bom

relacionamento com os alunos como um todo e com as suas respectivas famílias. Quanto ao contexto no qual o processo ocorrerá é conhecido, o que minimiza os riscos.

Aos sujeitos da pesquisa, os benefícios são: 1. A oportunidade de desenvolver suas competências e habilidades; 2. A possibilidade de realizar atividades contextualizadas em grupo e individualmente; 3. A reflexão sobre os vários usos da língua; 4. A interação com novos assuntos relacionados à língua, ao exemplo do processo de retextualização; 5. O estímulo à aprendizagem e a participação em atividades sociais que favorecem a tomada de decisões e defesa de pontos de vista dentro e fora da escola.

No decorrer da pesquisa você terá os seguintes direitos: a) garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; b) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, mesmo que seu pai ou responsável tenha consentido sua participação, sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); c) garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável inclusive acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Os textos que servirão de apoio para a nossa intervenção, entre outros que se fizerem necessários, serão as produções finais dos alunos que, nesse caso, trata-se do gênero relato na modalidade escrita da língua. A intervenção será fundamenta nos preceitos teóricos de Tinoco (2008), Rojo (2009) e Kleiman (2007) em relação ao letramento; Bakhtin (2010), Cavalcanti (2013) e Schneuwly e Dolz (2004) sobre os gêneros discursivos; Hoffnagel (2010) e Reyzábal (1999) no que diz respeito ao gênero entrevista e Koch (2007), Matêncio (2001) e Marcuschi (2008/2010) em relação à fala e a escrita e processos de retextualização. O seu nome, assim como todos os dados que lhe identifiquem, serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo.

Nos casos de dúvidas, você deverá falar com seu responsável, para que ele procure a pesquisadora, Professora Micaelle Kiara Oliveira de Mello, a fim de resolver o seu problema. O endereço profissional da mesma é: Rua Projetada, S/N. Bairro Epitácio Madruga. Itapororoca – PB.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, me retirar do estudo sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em

participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Itapororoca/PB, ____ de _____ de 2018
Assentimento Livre e Esclarecido

Eu _____ após ter recebido todos os esclarecimentos e assinado o TCLE, confirmo que o (a) menor _____ recebeu todos os esclarecimentos necessários e concorda em participar desta pesquisa. Dessa forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Itapororoca/PB, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do responsável

Assinatura do pesquisador

Apêndice E – ATIVIDADE 1: O gênero entrevista na modalidade oral

PORTUGUÊS – PROFª MICAELLE KIARA

ABRIL/2018 – 7º ANO B – 1º BI.

ASSUNTO: CARACTERÍSTICAS DAS ENTREVISTAS IMPRESSAS

NOME: _____

Instruções: Leia um trecho da entrevista de Laerte - desenhista, quadrinista e cartunista, autor de vários livros e de tiras em jornais – que se encontra na página 202 do livro didático Português Linguagens, de Cereja e Magalhães (2012), e, em seguida, acompanhe o áudio. Preste bastante atenção a esta entrevista para responder as questões a seguir em duplas.

1) Em linguagem jornalística, entrevista é o texto resultante de um encontro previamente marcado entre duas pessoas no qual uma interroga a outra sobre sua profissão, suas ações, suas ideias. O entrevistado é quase sempre uma figura de destaque num determinado campo da vida social e é quem autoriza ou não a publicação de suas declarações. Na entrevista em estudo:

a) Quem é o entrevistador?

b) Em que tipo de atividade se destaca a pessoa entrevistada?

c) Qual o principal tema/assunto da entrevista?

2) Normalmente o entrevistador prepara um roteiro básico de perguntas. Porém, dependendo das respostas, ele pode improvisar e fazer perguntas que não estão no roteiro.

a) Você acha que isso aconteceu na entrevista lida? Se sim, em que parte?

b) As perguntas demonstram que o entrevistador preparou as questões? Justifique a sua resposta.

3) A entrevista foi oral. Que características da oralidade podemos perceber, tanto por parte do repórter (entrevistador) como do desenhista (entrevistado)?

4) Nas entrevistas, geralmente predomina a norma-padrão da língua, mas isso depende da situação e do perfil do entrevistado. Leia o box “Na fala, o controle é menor” - disponível no livro didático, página 204 - e depois identifique na resposta de Laerte dada à primeira pergunta do entrevistador:

a) um exemplo de repetição;

b) um exemplo de pausa;

c) um exemplo de informalidade na língua.

Apêndice F - ATIVIDADE 2: Analisando a técnica de transcrição

PORTUGUÊS – PROFª MICAELLE KIARA
 MAIO/2018 – 7º ANO B – 2º BI.
 ASSUNTO: CARACTERÍSTICAS DA TRANSCRIÇÃO
 NOME: _____

Instruções: Vamos ler, com atenção (em duplas), uma entrevista oral transformada em entrevista escrita. Vejam este trecho de uma palestra sobre a preservação do meio ambiente realizada em uma escola para alunos da turma de 11 e 14 anos. Para que entendam melhor a situação em que se produziu a entrevista, é necessário que vocês conheçam as siglas que se encontram no texto, e que indico abaixo. Depois, façam o que se pede.

“eu sou engenheiro ambiental e... atualmente... eu já venho trabalhando com meio ambiente...fazendo palestras para estudantes...esses que tão preocupados com o ambiente... eu... cheguei à conclusão... que não adianta NADA a gente saber... como cuidar das coisas... se... se... as pessoas num quiserem mudar... a gente faz um monte de coisas e nem PERCEBE como tá fazendo... a gente não tem informação... né?... ou num qué fazer diferente... aí...aí...né...eu cheguei a conclusão que...de...é muito importante a gente ta falano com vocês que pode tá mudando os pais... que pode tá mudando os... que pode tá mudando as esCOLas... do que falar com gente grande ... adulto que num quer...ou parece que não ta nem aí(...)TODO mundo gosta de cachoeira... né... gosta de lagoa... gosta de represa... tomar um banho... fazer esporte aquático é muito legal... aí que que a gente faz?... a gente vai para... pocinho... a gente vai pra cachoeira... vai pescar vai nadar etecétera e tal... leva um monte de coisa gostosa pra comer enquanto tá lá... na hora que vem... não traz nada... AÍ Na hora que a gente volta lá...lá ta CHEIO DE lixo...né...aí a gente fala...Ó aqui não serve porquetá poluído...POLUÍDO...percebe...mas num pensa...Quem poluiu...”

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Qualquer pausa	...	
Ênfase na entonação	MAIÚSCULAS	
Silabação	-	
Interrogação	?	
Consoantes como r ou s e vogais alongadas	::	
Comentários que você quiser inserir	((minúsculas))	
Citações literais	“ ”	
Indicação de que a fala foi interrompida	(...)	
Comentários que quebram a sequência da fala do entrevistado	- -	
Truncamento, interrupção do discurso	/	

1) Vocês acham que se a entrevista tivesse sido realizada na modalidade escrita, haveria modificações no texto, como eliminação de palavras ou mudanças no vocabulário?

2) Leiam a entrevista a seguir retirada do livro “Da fala para a escrita”, de Luiz Antônio Marcuschi, 2010, na página 104.

Exemplo 13.1

Entrevista original — Coletada pelo NELFE (Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e Escrita) — Recife, UFPE, 1998 — Texto F 037

Retextualização realizada em 1999 por uma equipe de três professoras de 2º grau com Curso de Letras completo

F1 — *depois da matemática o português talvez seja o maior problema dos alunos que terminam carregando pro resto das suas vidas uma certa briga com a gramática... sobre esse assunto eu vou conversar com a professora a. d. ela que é doutoranda em lingüística...*

por que essa coisa da briga... que os alunos têm com a a/o português?

F2 — *olha a meu ver... o principal entrave entre o estudo da língua portuguesa nas escolas de primeiro e segundo grau... e os alunos diz basicamente referência ao método como se se trabalha... e também à concepção de língua que se é trabalhada... a língua portuguesa não é esse fenômeno éh:: homogêneo... estático... que é vinculado pela gramática normativa... e pela/infelizmente... pela maioria dos grandes professores de língua portuguesa mas observamos que a língua evolui... a língua muda... e a escola precisa mudar e evoluir pra trazer o aluno que já é um falante e um usuário da língua portuguesa... a se envolver com o estudo da língua portuguesa*

F1 — *o português então não é uma língua difícil?*

F2 — *... olha... se você parte do princípio ... que a língua portuguesa não é só regras gramaticais... não... se você se apaixona pela língua que você... já domina que você já fala ao chegar na escola se o teu professor CATiva você a ler obras da literatura... obras da/dos meios de comunicação... se você tem acesso a revistas... éh:: a livros didáticos... a:: livros de literatura o mais formal... o e/o difícil é porque a escola transforma como eu já disse as aulas de língua portuguesa em anÁlises gramaticais*

Depois da Matemática, o Português talvez seja o maior problema dos alunos que carregam para o resto de suas vidas uma certa dificuldade em Gramática. Sobre esse assunto, entrevistaremos a professora ANA CRISTINA ROCHA, doutoranda em Lingüística.

Folha: Por que os alunos, de um modo geral, encontram tanta dificuldade em Português?

ACR: Do meu ponto de vista, os principais obstáculos entre o estudo da Língua Portuguesa e os alunos das escolas de 1º e 2º graus, concentram-se basicamente no conceito que têm de Língua Portuguesa e aos métodos usados pelos professores, pois como a língua evolui, a escola precisa acompanhar essas mudanças para fazer com que o aluno que, é um falante usuário, se envolva com o estudo da mesma.

Folha: O Português não é uma língua difícil?

ACR: Não, partindo do princípio de que a Língua Portuguesa não se restringe a regras gramaticais. Se o aluno se interessa pela língua que ele domina e fala ao chegar na escola, cabe ao professor incentivá-lo a ler obras literárias, dando-lhe acesso a revistas, livros didáticos, textos mais formais, tornando-a fácil e prazerosa. O problema é que a escola transforma as aulas de Língua Portuguesa em análises gramaticais.

a) Observem que houve transformações entre a versão original (uma entrevista de TV) e a versão escrita, embora as ideias principais, tanto das perguntas quanto das respostas, foram mantidas. Anotem em seu caderno todas as modificações que perceberem, como por exemplo:

o que foi eliminado do texto original? O vocabulário é o mesmo nas duas versões? A estrutura de perguntas e respostas se manteve no texto publicado pela *Folha*? Houve acréscimo de informações?

b) Por que vocês acham que foram feitas essas modificações?

Apêndice G - ATIVIDADE 3: Compreendendo melhor a transcrição

PORTUGUÊS – PROFª MICAELLE KIARA
 MAIO/2018 – 7º ANO B – 2º BI.
 ASSUNTO: COMPREENSÃO DO PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO
 NOME: _____

Instruções: Esta atividade apresenta uma proposta de retextualização de um texto oral para um texto escrito. Vocês devem lê-la com grande atenção para resolver as questões em duplas.

1) Faremos uma experiência de transposição de um texto falado para um texto escrito. Esse exemplo com o qual trabalharemos foi retirado do livro “Da fala para a escrita”, de Luiz Antônio Marcuschi, 2010, na página 106.

1 /.../ quando ingressei nos Estados Unidos... por Miami uma das vezes eu levava a
 2 minha mãe que era uma senhora de setenta e: dois anos de idade... e: coitada... ela
 3 foi fazer companhia a minha esposa que tava grávida... e foi interessante que: como ela
 4 sabia que ia passar oito meses ... lá nos Estados Unidos ... então levou todas
 5 as ferramentas de fazer flores de papel:: aquele negócio todo só vendo o que ela
 6 levou... como bagagem... e o funcionário da alfândega americana ... realmente ficou
 7 preocupadíssimo que significava aquilo tudo né?... aqueles ferrinhos e ferros em bola
 8 e: e: a impressão que dava é que ela levava um verdadeiro arsenal de espionagem ((ri))
 9 internacional... e: no meio dessa história toda ela levava também um pó... éh:: ...
 10 ocre né?... é uma espécie de tinta... de/que se em geral se pintava eu não sei se
 11 pinta hoje rodapé... de casas... ela levava porque ela utilizava esse ocre... para pintura...
 12 ou:: modificação da das cores dos panos... né? ou a pintura dos panos que faz/com os
 13 quais ela fazia as flores de papel e de pano... e o rapaz implicou com o ocre... entende?
 14 implicou e puxou o ocre pra CE e puxou o ocre pra lá e terminou quebrando o o:: o... o
 15 vidro de ocre... no meio da da das coisas espalhadas dentro do:: do...do balão e
 16 coitada de minha mãe... e ela foi apanhar porque não sabia se no Estados Unidos ia
 17 encontrar ocre ... né?

a) Façam de conta que vocês são jornalistas de uma revista, que estão preparando uma matéria jornalística sobre experiências das pessoas em viagens ao exterior e querem inserir este trecho de narrativa em sua reportagem. Vocês deverão retextualizar esse trecho para ser colocado na reportagem. Escrevam em seu caderno e sigam as orientações abaixo.

1. Só usar maiúsculas em nomes próprios.
2. Números serão escritos por extenso.
3. Não usaremos o ponto de exclamação.
4. Os sinais podem ser combinados. Exemplo: ah: : : ... (alongamento e pausa).
5. As reticências é que marcam a pausa, então, não devemos usar os sinais de pontuação a que estamos acostumados quando escrevemos (vírgula, dois pontos, ponto final, etc.).

b) Assinale com um X quais destes procedimentos vocês usaram em sua retextualização.

- () Retiramos as repetições, hesitações e interrupções.
- () Colocamos a pontuação.
- () Retiramos palavras .
- () Retiramos trechos inteiros .
- () Trocamos palavras .
- () Trocamos trechos inteiros .
- () Acrescentamos palavras.
- () Acrescentamos trechos inteiros.
- () Fizemos correções gramaticais.
- () Alteramos o conteúdo.
- () Outros: _____.

c) Agora, se vocês marcaram os procedimentos aqui listados, expliquem sua decisão.
